REVISTA DA SEMANA



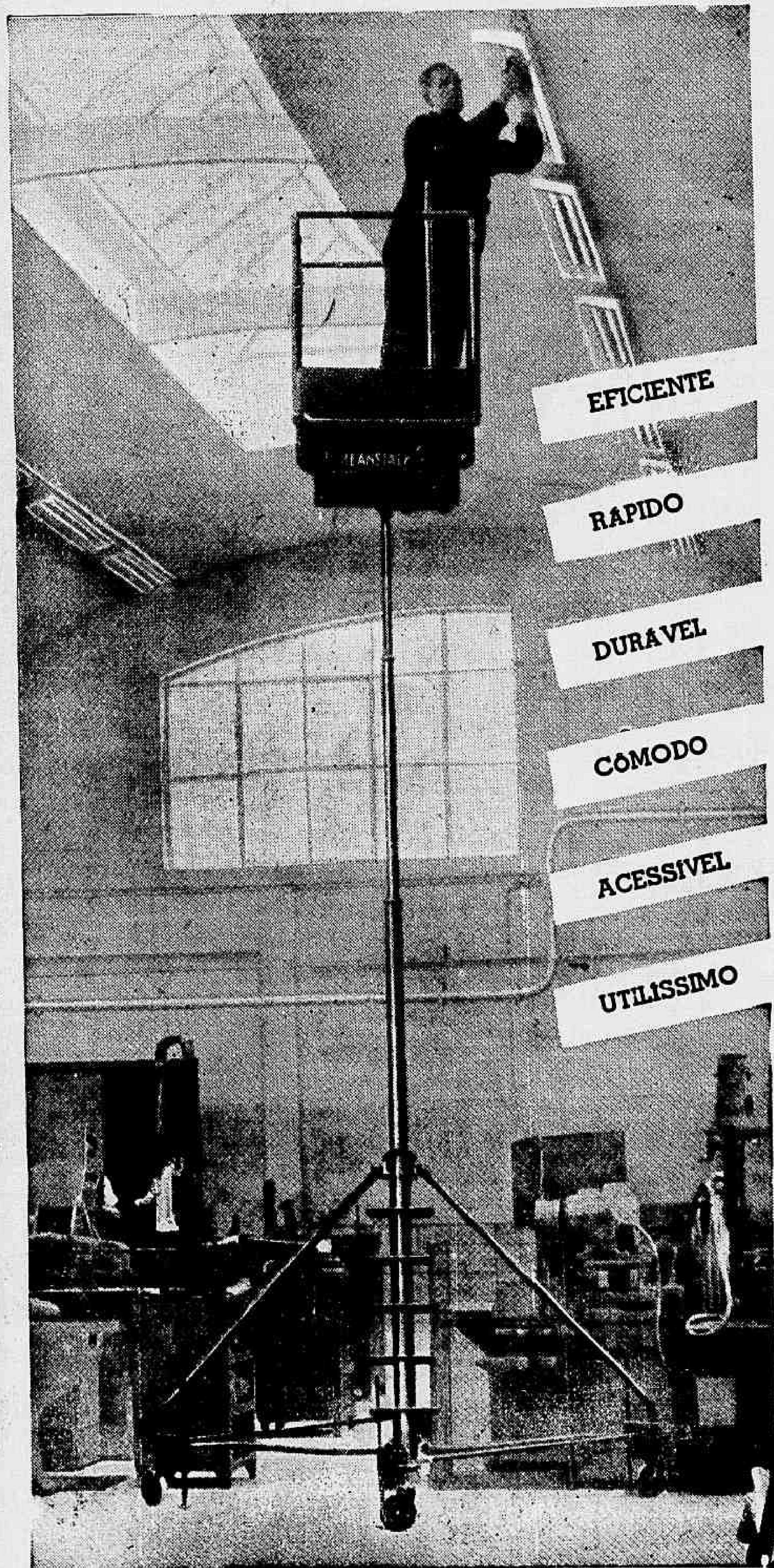
Beanstalk

REGD

ANDAIME ROMEU E JULIETA
AUTOMÁTICO HIDRÁULICO

Um grande aparelho para consertar tetos, paredes, colocar lâmpadas, consertar fios e trabalhos de consertos em geral

FABRICAÇÃO INGLESA





Funciona com um só operário, o qual faz funcionar a bomba hidráulica para subir ou descer.

Pode trabalhar em paredes com a base inteiramente aberta.

Pode passar por portas pequenas de 198x77 cms. de largura, pois é desmontável.

SEGURANÇA — Construído cientificamente para dar absoluta estabilidade — material sólido e resistente; permite livre movimento do operário no seu trabalho.

Há um dispositivo para evitar movimento do aparelho durante o serviço.

Muito fácil de transportar ocupando pouco espaço.

É fàcilmente montado e DESMONTADO em trailers para serviços públicos de iluminação, pintura e reparos em túneis, etc..

Modelos:	Pequeno	Médio	Grande	Gigante	
Capacidade	100/150	100/150	100/150	100/150	Kgs.
Altura total	457	610	732	858	Cms.
Elevação manual	1,3 Min.	2 Min.	2,30 Min.	3,30	Min.
Descida manual	½ Min.	45 Seg.	1,30 Min.	2	Min.
Medida da plataforma	68x68	68x68	68x68	68x68	Cms.
Largura entre pés da base	120x120	175x175	222x222	268x268	Cms.
Base encolhida	167x64	233x68	284x107	375x105	Cms.
	—	84x84	—	—	
Distância mínima entre a plataforma e a parede	30	48	61	91	Cms.
Pêso liquido	230	965	300	420	Kgs.

Milhares de aparelhos em uso em várias partes do mundo

PREÇOS E INFORMAÇÕES

ESCREVER A

MIDDOWS LIMITED

CAIXA POSTAL, 3441

RIO DE JANEIRO

"O DIVÓRCIO EXISTE DESDE O NOVO TESTAMENTO"

— FALA O DEPUTADO NELSON CARNEIRO



NELSON CARNEIRO, o autor do projeto de maior repercussão social dos últimos tempos que tem dividido a opinião pública, tenta convencer Monsenhor Arruda Câmara, seu intransigente adversário e bom amigo, da necessidade de o divórcio ser instituído no Brasil, a fim de salvar os náufragos do amor. Mas Monsenhor Arruda Câmara está irredutível.

O INFELIZ E' COMO O CÃO RAIVOSO: QUER SEMPRE CONTAMINAR TERCEIROS ★ O DIVÓRCIO NÃO ESTÁ NA LEI; VIVE NO CORAÇÃO DOS INFELIZES ★ POR QUE NÃO SE FAZ UM DIVÓRCIO PERFEITO, "SEU" PADRE? ★ HÁ, TAMBÉM NO DIREITO CANÔNICO, A INSTITUIÇÃO

Reportagem de JORGE LYRA

— No Brasil, o divórcio já existe há muito tempo. Com estas palavras o deputado Nelson Carneiro iniciou sua entrevista. Antes de completar seu pensamento, pensamos que estava fazendo blague, mas a concatenação de idéias dirimiu as dúvidas:

— ...mas apenas para os ricos e os estrangeiros.

— Vamos por partes, deputado. Por que para os ricos?

— Porque, desquitados, casam-se no estrangeiro e começam a freqüentar nossa sociedade, recepcionam autori

O DIVÓRCIO EXISTE . . .

dades civis e eclesiásticas, têm estado e respeito de casados. Por morte, deixam, através de testamentos, os seus bens à segunda espôsa.

— Para os estrangeiros...

Sem interromper o ritmo da idéia, continuou:

— Porque, de acôrdo com as nossas leis civis, tôdas as semanas o Supremo Tribunal Federal, guarda supremo da Constituição, homologa sentenças de divórcio de estrangeiros, que podem casar-se livremente no Brasil. Às vêzes, essas sentenças estrangeiras dissolvem casamentos celebrados em nosso país, entre brasileiros e alienígenas. O Supremo resolve, então, o seguinte: o cônjuge estrangeiro é livre para casar de novo com outra brasileira, mas o cônjuge nacional, êsse, mesmo inocente, ficará apenas desquitado, condenado ao isolamento, à solidão.

Com os olhos fitos no infinito, nosso colega de imprensa, já que faz parte do corpo de redatores do "Jornal do Brasil", prosseguiu:

— E chama-se a isto, enfàticamente, *vínculo indissolúvel*. Metade dissolúvel, metade indissolúvel...

— Arriscamos uma pergunta:

— O novo casamento é caro?

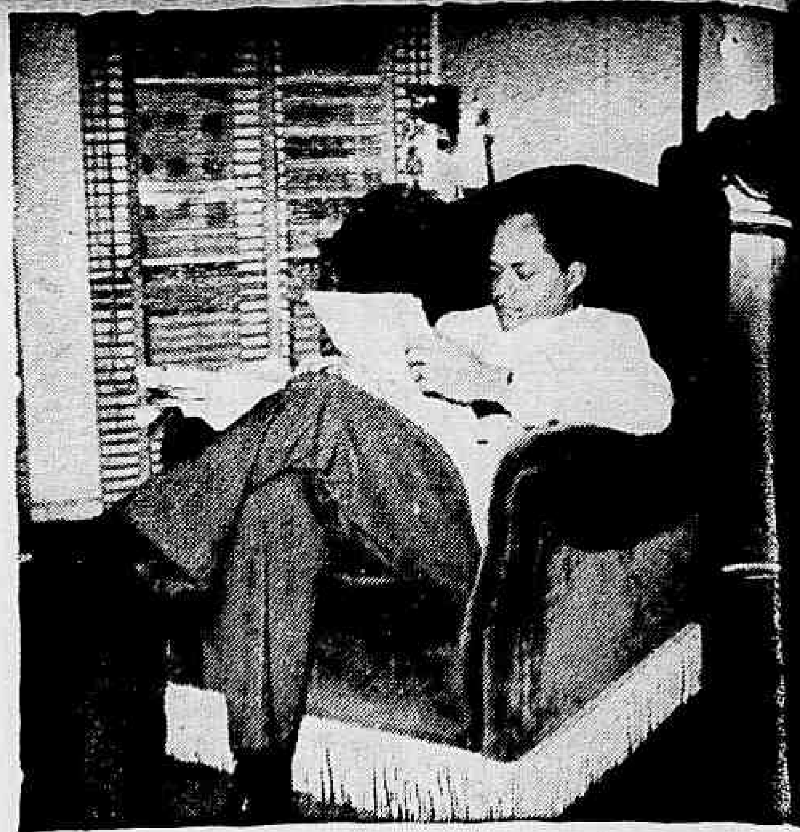
— Na classe média, o novo casamento é mais módico. Como o pêso uruguaio tem alta cotação, o jeito é casar mesmo... na rua Uruguai.

Estávamos gostando. Nada mais, nada menos, tínhamos, diante de nós, um novo Eça de Queiroz. Êle continuava:

— Na classe pobre, não há divórcio, nem desquite, às vêzes não há nem casamento. Os cônjuges, os companheiros, apenas se separam, vão viver com outras. Nem por isso perdem a consideração das pessoas de suas relações.

— Pobre também é gente, sr. Nelson.

— Sim, companheiro, e também têm sensibilidade bastante para compreender os dramas do coração humano...



LER OS JORNAIS diários, acompanhar o ritmo do pensamento de seus colegas da imprensa, é quase uma obrigação diária.



DA TRIBUNA da Câmara Federal, Nelson Carneiro, o deputado do momento, defende, ardorosamente, o projeto que libertará, das garras da infelicidade, os casais desajustados, os fracassados de Cupido, os inutilizados do amor.



«QUANTA GENTE, meu Deus, quanta gente que, em vez de tomar café, sorve diàriamente a taça de fel da infelicidade conjugal»

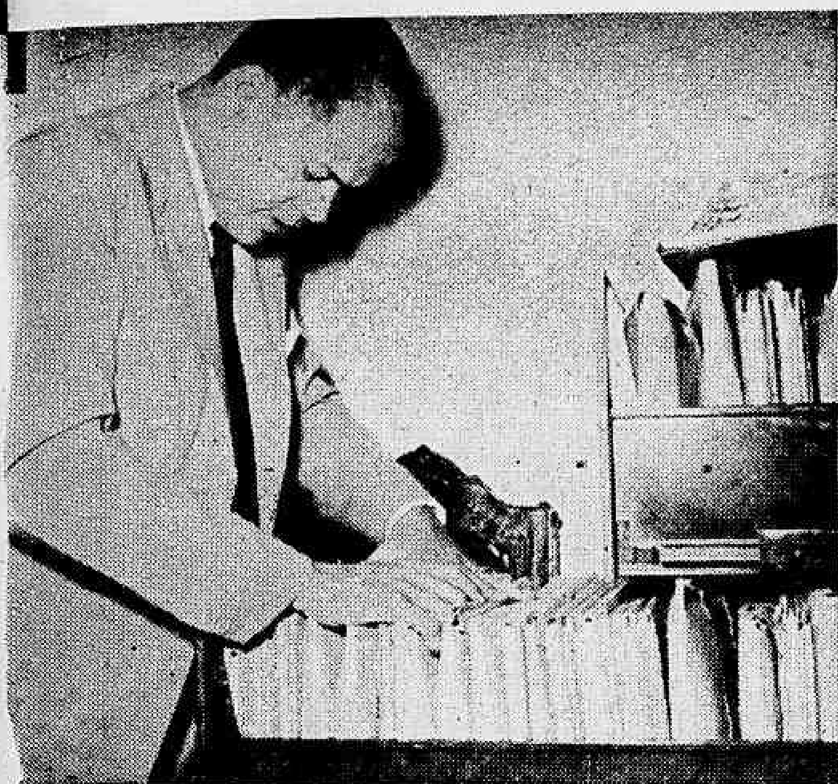
O HOMEM

Nelson Carneiro, conterrâneo de Ruy Barbosa, não é um ilustre desconhecido. E' um deputado que, sempre que o procuramos, encontramo-lo mergulhado num mundo de livros, de cartas ou de estatísticas. Não é ignoto, como dizíamos, porque lança sempre, com oportunidade, projetos da mais alta repercussão social e que não causam ônus ao Estado... Já na legislatura passada, nosso *companheiro*, como faz questão de chamar os amigos, apresentou, durante os três anos em que exerceu interinamente o mandato de deputado, vários problemas da maior repercussão social. Foi dêle a iniciativa do projeto, que, com várias emendas, assegurou o reconhecimento dos filhos adulterinos. A legislatura se encerrou sem que pudesse votar quatro outras grandes leis de sua autoria: — a que assegurava direitos assistenciais à companheira do homem solteiro, desquitado ou viúvo; a que atribuía aos filhos adulterinos o direito a montepio civil; a que instituía aposentadoria integral para todos os trabalhadores, aos 55 anos de idade e 35 de serviço e, finalmente, a que regulava os direitos civis da mulher casada. Além de membro da Comissão de Legislação Social, foi, ainda, presidente e relator da Comissão Especial de Proteção à Natalidade, havendo apresentado um longo e documentado trabalho que intitulou "Introdução ao Problema da Criança no Brasil". Na Bahia, apesar da grande campanha que lhe moveu o clero, foi eleito a 3 de outubro por cêrca de 16 mil votos, sendo o segundo votado na capital, onde obteve mais de 6 mil sufrágios.

Durante o almôço de observação em que com êle privamos na intimidade, verificamos ser bem adaptado ao lar, amando a espôsa e sendo correspondido. Chegando à sua casa às 10,30 de uma manhã de domingo, recebemos dêle um convite nestes têrmos:

— Estava esperando-o, companheiro; vamos à igreja?

Tomamos ciência, por pessoas que freqüentam a missa das onze de uma paróquia em Copacabana que, todos os



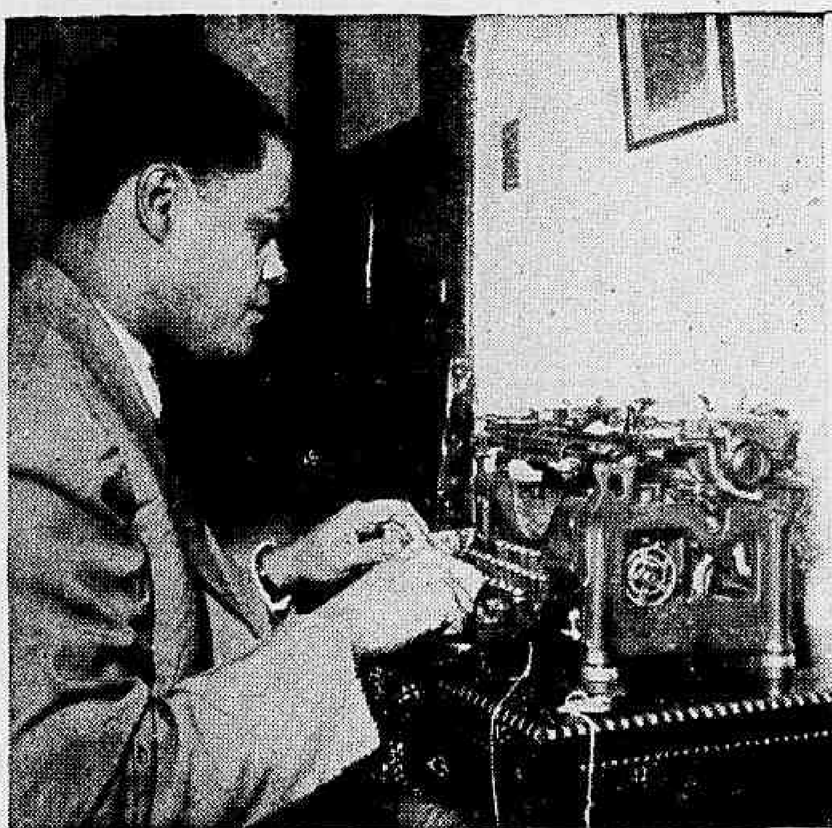
«ESTE ARQUIVO é um verdadeiro cemitério de ilusões». Aqui jazem os restos mortais de muitos infelizes no amor».



TRABALHANDO AS vinte e quatro horas do dia, sob a proteção do Senhor do Bonfim. Que êle o inspire no projeto!



AUTORES NACIONAIS e de tôdas as partes do mundo são consultados para dar maior autoridade a seu projeto-salvação.



NESTA MÁQUINA, nosso brilhante colega do «Jornal do Brasil», escreve seus artigos. A imprensa sente-se honrada.



RECEBE CÊRCA de cem cartas, por dia. Mas, como não tem secretários, só responde as que vêm da Bahia. Muito justo.



NO CAMPO das idéias estão em polos totalmente opostos. Mas são dois bons amigos e admiram-se recíprocamente.

domingos, o dr. Nelson Carneiro pode ser alí encontrado, juntamente com o drs. Bias Fortes e Odilon Braga.

Nelson é um sujeito dos mais simpáticos e simples com que já tivemos a honra de privar. Não é, como certas altas personalidades que tratam o repórter como um ser qualquer, esquecidos de que êle poderá também chegar ao alto do edifício da glória que, afinal, é efêmera, como os homens. O ilustre deputado baiano, trata-nos em igualdade de condições, o que cativa a admiração dos que com êle lidam.

A POSIÇÃO DO BRASIL EM RELAÇÃO AO MUNDO

Apresentado o homem, enquanto você leitor, fazia uma pausa para meditar no início da entrevista, voltemos à vaca fria:

— Essa questão do divórcio, é velha, não?

— O divórcio existe no mundo, desde o Novo Testamento. E hoje, *oficialmente*, dos países civilizados, apenas, não o adotam a Itália, a Argentina, o Chile e... o Brasil.

— Mas na Espanha o divórcio, parece-nos, está suspenso por ordem do ditador Franco, informemos.

— A verdade, porém, é que o divórcio existe, *de fato*, não só na Espanha franquista como também na Itália, na Argentina, no Chile e... no Brasil.

— Alguma observação segura com referência a isto?

— Sim, Carlos Maximiliano, comentando nossa Constituição, demonstra como os italianos se divorciam na Hungria, os argentinos no Uruguai e os chilenos, através de uma nulidade especial, conseguem livrar-se dos maus casamentos, ou seja, dos casamentos sem ventura, sem claridade, sem sol. No Brasil, como já disse, só para os ricos, constitui um privilégio.

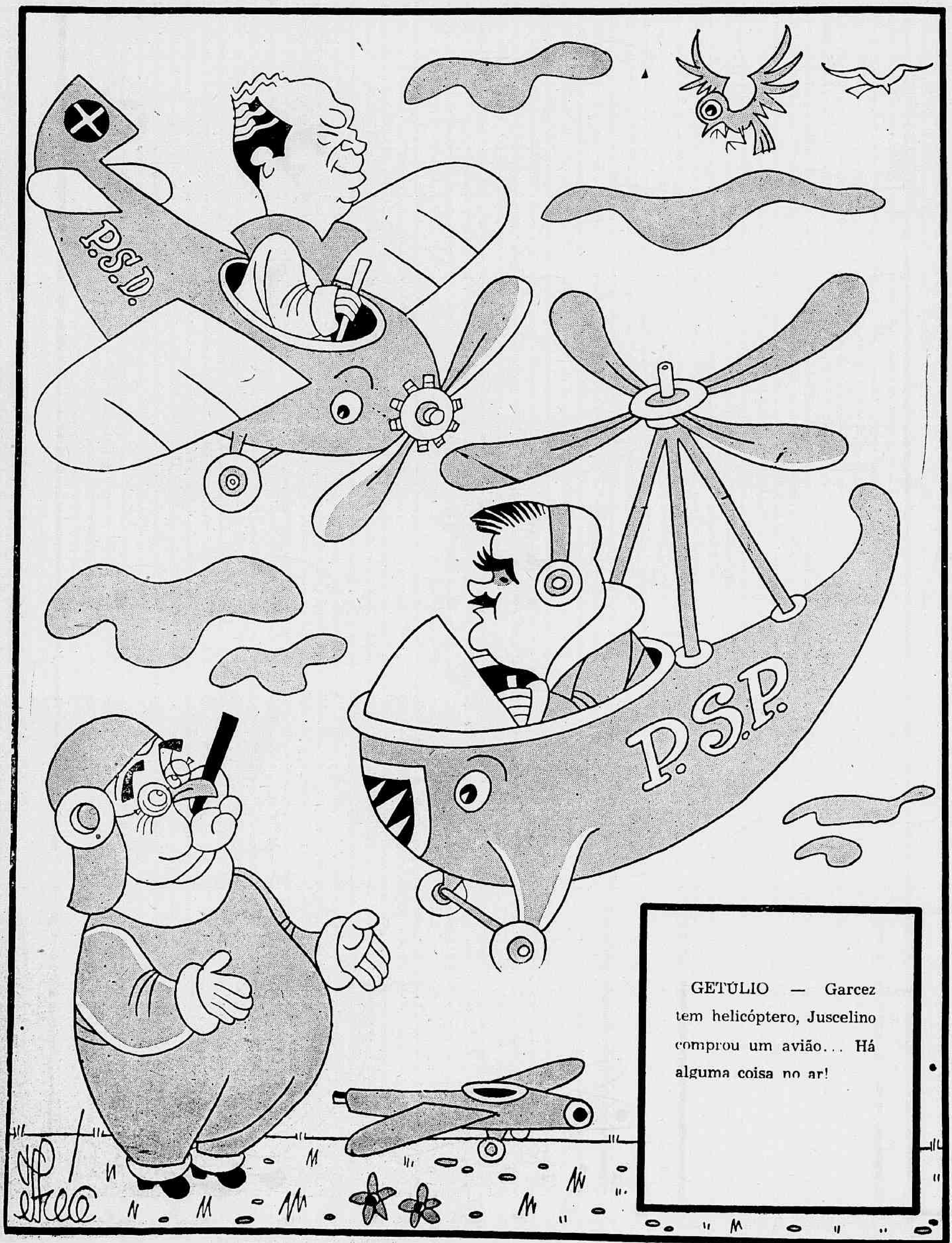
Nesta altura da palestra, o telefone tilintou e o dr. Nelson atendeu. Tratava-se de um cidadão, recém casado, que aplaudia, efusivamente o projeto-bomba. Quando recolocou o aparelho no fone, comentou:

(Cont. na pág. 60)



O INIMIGO número um do divórcio, Monsenhor Arruda Câmara, está tentando, com muito brilhantismo, aliás, malbaratar o caminho triunfal do projeto Nelson Carneiro Quer colocar uma pedra no caminho, mas a Câmara reagirá

CAFE' com LEITE



GETÚLIO — Garcez tem helicóptero, Juscelino comprou um avião... Há alguma coisa no ar!

ANO LI * N.º 35 REVISTA DA SEMANA 1 - 9 - 1951



A TIRANIA DO CONCURSO

QUERIA conhecer de perto o "Forum" do Distrito Federal, assim como um doutor em medicina gostaria de conhecer o Hospital das Clínicas, logo que chegasse em S. Paulo. Escuso-me de oferecer a impressão que me causou o domicílio da Justiça carioca, mas não posso esconder o desapontamento que experimentei ao confrontá-lo com o estádio do Maracanã...

Por má sorte minha, topei com as provas de um concurso para Juiz de Instrução, e, ainda bem não me aninhava no reduzido auditório, ouvia o nome do primeiro concorrente depois de minha chegada.

Era um pernambucano. Maurilio Bruno, filho de Anibal, a figura proeminente da criminologia em minha terra, e uma das maiores autoridades humanísticas do Brasil.

Ora, dá-se que eu sou inimigo pessoal de tôda e qualquer espécie de concurso, tal como são feitas as provas em nosso país, não me envergonhando de dizer que, talvez fôsse um fracasso total numa prova de habilitação para Oficial de Justiça. E olhe lá, que não sou dos mais burros e tenho uma tarimba de duas décadas no amanho do judiciário...

Essa fobia incontornável muito se acentuou depois que um certo estrangeiro assistiu a um concurso na Escola de Direito do Recife, e, dando a sua impressão, teria equiparado a arguição a um autêntico massacre.

Nota-se, com efeito, que o examinador, via de regra, assume uma postura de carrasco, e não perde vasa em demonstrar a suficiência dos seus cabedais, quando êsse já é um fato conhecido e reconhecido, e o que se deseja saber é do valor do examinando.

Mas, até êsse desfrute, não havia motivo para queixas ou recriminações. O que dói e revela, acima de tudo, absoluto desconhecimento das regras de pedagogia, é o tom, a veemência, a superioridade esmagadora de que abusa o examinador em relação ao examinando, dando-nos a impressão de um circo romano onde o gladiador, pisando sôbre o antagonista, olha para César e faz o gesto simbólico perguntando se deve acabar de vez com êle. E' uma volúpia satânica e cobarde.

Concurso, amigos, prova tão sòmente frieza de ânimo, mas nunca sapiência de ninguém.

Nos anais da Faculdade de Direito do Recife há um episódio cuja evocação, ainda hoje, enche de melancolia e desilusão. Refiro-me ao caso de Ascânio Peixoto, um erudito e apaixonado cultor da Medicina Legal, cuja cátedra foi disputar, levando tôdas as vantagens, a principiar pela tese com que se inscreveu, e que era considerado um verdadeiro tratado. O salão nobre da velha Escola era um resplendor de luzes e de inteligências, e por sôbre êle pairava uma atmosfera de imortalidade e glória.

Quando Ascânio, que era pobre e tímido, ensaiou os primeiros passos em demanda de sua banca, estrugiu uma salva de palmas, como se antecipasse a consagração do valor.

Posta a ampulhêta em movimento, um dos examinadores, dêsses que a falta de jibóias andam à caça de pulgas, só no intuito de confundir o examinando, cheio de si, impando de suficiência, disse e provou que um dos autores citados por Ascânio, como tendo afirmado certa proposição, à data apontada na tese já era morto.

Em tôrno dessa miudeza muito feminina, o homenzinho proferiu um autêntico libelo de sátira e mordacidade. O grande Ascânio Peixoto, chegada a sua hora, meteu a cabeça entre as palmas das mãos, apoiados os cotovelos à pequena mesa, e, quando levantou os olhos para o examinador, só teve tempo de balbuciar esta desgraçada sentença de morte: "Desisto do concurso". E tombou, para um lado, fora de si.

Depois disso, diante disso, é o caso de perguntar: Concurso será a média exata ou mesmo aproximada da inteligência e da cultura de quem quer que seja, ou um salto no escuro?

Tudo isto veio a propósito das provas para Juiz Substituto no Distrito Federal, não que eu tenha observado similitude integral entre as considerações e censuras aqui feitas e o mesmo, mas porque conversa puxa conversa, e a crônica teria de sair.

Um detalhe, porém, me estonteou, como se alguém estivesse executando um clássico e, de momento, o garôto impossível viesse por trás e fincass co dedinho no teclado, criando a nota dissonante: foi aquêle em que o examinador, o ilustre e justamente renomado Desembargador Ary Franco, perguntou de sopetão a Maurilio, na prova de Direito Público, quem tinha sido o autor do hino nacional. Ainda hoje não consegui embricar a erudição musical com o fato de fazer o sumário de culpa de um "Carne Sêca" qualquer...

FERNANDO MENDONÇA

SUMÁRIO

REPORTAGENS

O divórcio existe (Jorge Lyra) 3/5
Marlene fumou cachimbo em Paris (Abdias Rodrigues) 10/14
Tem a palavra Alberto Cavalcanti (Celestino Silveira) 18/21
Confirmado o desfalque (Domingos de Lucca Jr.) .. 23/25
O encalhe do "Santos" 56/57

LITERATURA

A tirania do concurso (Fernando Mendonça) 7
Semana Literária (Edmundo Lys) 16/17
Entremês do jovem ator apaixonado (Péricles Leal) . 26
Infância (Waldemar Iglésias de Fernandes) 36
Um poema (Lyse) 37

CURIOSIDADES

Exame de consciência (Mary Davies) 22
Um passeio pelos velhos tempos (Jack L. Smith) . 27/31
O jornal do Interior 34/35

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista 8/9
Personagem da Semana 9
Palavras Cruzadas 14
Puxe pelo cérebro 48
Tudo isto aconteceu 52/53
A Saúde do Bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) 54
A REVISTA há 50 anos 58

HUMORISMO

Café com leite (Théo) 6
Êste mundo louco (Darcy) 15

CINEMA

A "estrêla" que se escondeu 32/33
Doña Diablo (Cine-novela) 46/47

FEMININAS

Week-end 37
"Tailleurs" para viagens 38
Drapeados e plissados 39
Week-end na cozinha 40/41
Servem êstes? (Ramon) 42/43

FOLHETIM

O Professor de Gôlfe 51

ILUSTRAÇÕES

Jeronymo Monteiro — M. Queiroz — Rafael — Ramon

FOTOS

Jorge Lyra — Abdias Rodrigues — Dario Terini — Keystone — Nestor Leite — Indaiassu — Avulsas — Arquivo.



NA CAPA

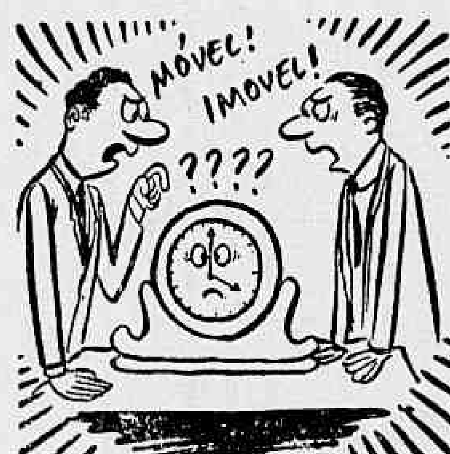
DONNA REED

(Foto Columbia)

A SEMANA

OS RELÓGIOS DO MINISTÉRIO

UMA das particularidades do grande e suntuoso edifício do Ministério da Fazenda é a profusa quantidade de relógios elétricos. Dizem que há mais de cem dêsses instrumentos de medir o tempo espalhados por todos os andares. Não sabemos porque nunca nos abalamos a contá-los. Entretanto, para as pessoas que se dedicam a tais esportes, seria muito interessante munir-se de papel, lápis e boas pernas, e meter mãos à obra de restabelecer a verdadeira estatística. Mas, não é sôbre isso que deverá versar êste tópico. O assunto é muito mais transcendental e de interêsse nacional. Faz poucos dias correu uma notícia que entristeceu a quantos trabalhavam naquele imenso e luxuoso edifício: os relógios enguiçaram. Ora, nada mais deplorável, para uma grande e utilíssima repartição pública, do que relógios imobilizados, isto é, com os ponteiros sem movimento. E foi imediatamente entregue o caso grave a técnicos em relógios e em eletricidade. O reparo foi realizado dentro de pouco tempo e os mostradores dos cronômetros passaram a ser bem vistos por todos os que têm a vida a depender dos seus movimentos. Até aí, tudo muito bem. Entretanto, o caso dos relógios do Ministério da Fazenda teve que ser levado à apreciação do Tribunal de Contas, a fim de que os senhores Ministros aprovassem a verba necessária ao pagamento respectivo. Então, uma séria questão surgiu: como classificar o consêrto dos relógios? Deveriam ser considerados imóveis, ou móveis? Relógio parado é imóvel? Relógio trabalhando é móvel? E os Ministros discutiram o difícil assunto durante duas horas e decidiram: **imóvel!**



★

BARBAS E BIGODES



NÃO se pode invejar a sorte do Sr. Benjamin Cabelo. O vice-presidente da CCP, não sai de uma complicação e logo vem outra tirar-lhe o sono. Há poucos dias era o caso da carne. Depois, o do arroz. Em seguida, os tomates entraram em cena com tanta violência que foi preciso o Sr. Presidente da República intervir enèrgicamente. Estamos agora com um problema resolvido: o dos ovos; mas o Sr. Cabelo não descansou e sobreveio o problema da manteiga. Os jornais estão cheios de manteiga a Cr$ 52,00 o quilo; as donas de casa botam as mãos na cabeça e hotéis e pensões ameaçam aumentar as diárias pelo fato de a manteiga ter subido... Pois bem: mal se anuncia que a manteiga já foi vencida, isto é, o preço da dita se manterá ao nível dos 48 cruzeios, graças à invasão da *matequilha* argentina e da sua colega uruguaia, quando novas tempestades ameaçam a tranquilidade do Sr. Vice-presidente da CCP. Que virá agora? Um caso muito mais sério. Mais sério e profundo do que o das "Minas de Salomão". O dos senhores barbeiros. O Sr. Benjamin Cabelo já está, positivamente, abarbado com tantos e tão intrincados problemas de abastecimento dos estômagos do carioca, e agora se mobilizam os nossos fígaros contra êle. Por quê? Porque acham os navalhas e tesouras que o preço de uma barba e de um cabelo, não pode incluir o bigode. O bigode é adôrno, e, como tal, tem que ser pago à parte. O caso está entregue a técnicos do respectivo sindicato e, diante do cansaço do Sr. Cabelo, é provável que os barbeiros ganhem a parada e o povo saia bigodeado...

★

CALMA, IRMÃO!

NÃO é de hoje a divergência entre o Equador e o Peru, por motivo de limites lá pelas alturas do Marañon. Não se trata de petróleo, nem de areias monazíticas. O caso é puramente de pirracinhas internacionais, uma coisa mais ou menos como as nossas briguinhas nacionais entre Espírito Santo e Minas por causa de umas serras que não pertencem nem a um, nem ao outro, pois são "dos Aimorés"... Mas, a coisa estêve a agravar-se agora no mês de agôsto e ameaçou degenerar em luta cruenta, com choques de encontros militares entre as populações fronteiriças dos dois países da fraternidade americana. Há, para afastar êsses perigos, uma organização interamericana, cujos tratados foram assinados, se não nos enganamos, em Petrópolis, firmados por ambas as partes em desavença. Logo que aviões peruanos sobrevoaram a zona perigosa e fôrças de ambos os países travaram tiroteios sem maiores consequências, o Sr. Galo Plaza, presidente do Equador expediu proclamações ao seu povo pedindo calma e serenidade. Mas o povo equatoriano não teve tempo de ouvir os apelos do Sr. Galo e atacou o Peru na pessoa do seu consulado em Guaiaquil. Houve passeatas pelas ruas de Quito e dessa última, movimentado pôrto do Pacífico que está convertendo-se em guerrífico, segundo telegramas das agências noticiosas. Passadas as primeiras más interpretações, e, diante do "aqueta, aqueta, não façam isso", entre as diversas chancelarias sul-americanas, o Equador e o Peru ficaram mais serenos e estão compreendendo que uma nesga de terra não vale a vida de um soldado. E a paz não será perturbada, é a crença do Sr. Galo, do Equador, em face do Peru.



EM REVISTA

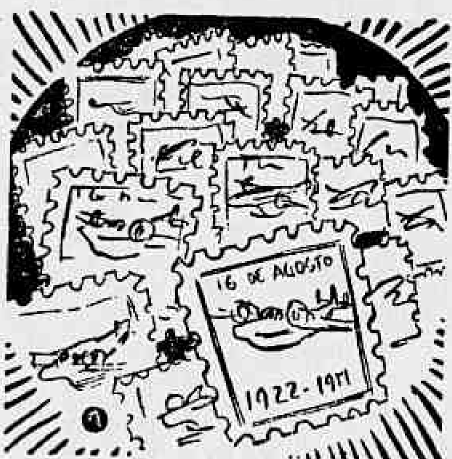
UMA ÁRVORE PARA HIROSHIMA



A Universidade de S. Paulo acaba de receber comovente apêlo do Reitor da Universidade de Hiroshima, no Japão, situada em pleno coração da cidade cujo nome ficou para sempre ligado ao da bomba atômica. Diz o Reitor daquela Universidade que estava escrevendo a várias das maiores Universidades do mundo, solicitando auxílio para a vasta tarefa da construção empreendida em Hiroshima. Mas não desejava dinheiro. Nada de auxílio pecuniário. O que êle queria da similar de S. Paulo era muito pouco, mas que muito significaria: a remessa de uma árvore do Brasil que se adaptasse ao clima e ao solo da cidade que ressurge agora da destruição atômica. Uma árvore e alguns livros sôbre a paz e os seus problemas. Isso saiu em diários de nossa imprensa matutina no dia 12 de agôsto dêste ano. Não sabemos qual a providência que a direção da Universidade de S. Paulo já tomou a fim de atender ao apêlo do colega lá do Japão. Estamos certos, porém, de que o Reitor da Universidade de Hiroshima será ouvido e a sua universidade, ora em construção, poderá mostrar aos alunos e à sociedade japonêsa, não sòmente obras de nosso país em tôrno dos problemas sociais humanos, como uma árvore desta terra que seja, lá no Japão, como uma mensagem do Brasil aos filhos do Sol Nascente. Que árvore, porém, poderemos mandar, que possa vingar no solo nipônico? O assunto não é muito fácil e seria deplorável que enviássemos espécime que morresse sob as influências de clima e solo do distante país das geishas e mussumés.

★

16 DE AGÔSTO DE 1922



NÃO é nenhuma data de batalhas de guerras ou de calamidades meteorológicas. Trata-se de evento memorável para a história dos pioneiros de nossas comunicações aéreas. A 16 de agôsto daquele ano o nosso patrício Euclides Pinto Martins, em companhia do norte-americano Walter Hinton, erguia vôo de Nova York num hidroavião batizado com o nome de "Sampaio Correia II", e se largava pelos ares em direção do Rio de Janeiro. Era a primeira vez que se tentava a ligação das duas grandes cidades americanas através dos ares. O que foi essa aventura, todos os que viviam naquela época e do fato se informaram, ainda têm viva na lembrança: Pinto Martins e Hinton, depois de vencerem os mais incríveis obstáculos, chegaram ao Rio. Quando o hidro-avião atingiu o pôrto de Natal, e desceu sôbre as águas mansas do Potengy, a travessia estêve a pique de ser abandonada. Os motores se avariaram e Pinto Martins teve que ir de trem ao Recife para consertar carretes arrebentados, ou obter outros para substituir os imprestáveis. Sua tenacidade emocionou todo o nordeste e não faltou quem o estimulasse a continuar na luta contra a adversidade. Obtidas as novas peças, o aviador e mecânico, ajudado pelo parceiro de audácia, voltou a remendar o seu avião e levantou vôo. Chegando ao Rio entre festas e aclamações, Pinto Martins teve a alegria de ver que o legislativo federal votara um crédito de cem contos de réis para cada um. Mas, foram tantas as suas decepções, o seu desgôsto foi tão profundo que êle morreu. Teria recebido o prêmio? E agora emitem selos postais comemorativos. Do vôo, ou da morte?

★

QUE FESTA!



OS habitantes dos nossos subúrbios são muito amigos de festas em suas casas e nas casas dos outros. Gente trabalhadora, vivendo diàriamente no "batente" para a conquista do pão, os suburbanos se divertem aos domingos e dias feriados, convidando amigos e parentes para uma noitada alegre, uma cervejinha gelada, uma ceia cordial. Foi assim que o Zeca, nome íntimo de José Tavares da Silva, homem pacato e muito trabalhador, operário do Arsenal de Guerra, residente na rua Higino, estação de Belfort Roxo, Estado do Rio, promoveu uma festinha em sua casa, onde reside com a família. Muitos amigos e parentes afluíram e a alegria era geral e contagiante. Notando o Zeca que uma cara estranha e não convidada estava também na sala de visitas, foi até o desconhecido e o interpelou. Não podendo justificar a presença ali, o dono da casa pediu que êle se retirasse. O estranho procurou discutir com êle, trocaram palavras fortes, e o intruso se foi. Entretanto, minutos depois regressava trazendo uma arma de fogo à mão. Entrou e atirou à queima-roupa no Zeca, três vêzes, matando o pobre operário. Não se pode descrever o espetáculo que se passou então. Mulheres a gritar, crianças a chorar, homens a procurar fazer justiça ali mesmo sôbre o corpo do criminoso, só não tendo sido linchado sumàriamente porque um cabo do destacamento policial interveio a tempo, levando o homicida para a delegacia de Nova Iguaçu. Chama-se Sebastião Nicodemos e acabou a festa com três tiros.

A PERSONAGEM DA SEMANA


Sr. João Batista Luzardo

DESDE que foi divulgada a notícia da escolha do Sr. João Batista Luzardo para ocupar o cargo, pela segunda vez, de embaixador do Brasil na Argentina, os meios políticos do país se movimentaram e a imprensa se fêz eco persistentes dessas manifestações com prós e contras. Mas, como preceitua a Constituição Federal, a indicação feita através de mensagem do Presidente da República dirigida ao Senado, seria devidamente estudada na Câmara Alta do país e então, sòmente aí, seria o caso encarado de maneira definitiva. Quando a mensagem presidencial chegou ao Senado, aumentou nos meios políticos e na imprensa que se opunha àquela escolha, o combate ao eleito do Sr. Getúlio Vargas, e se aguardou com certa ansiedade, o pronunciamento dos senadores. A apreciação da mensagem foi realizada em sessão secreta naquela casa do Congresso, na tarde do dia 20 de agôsto, tendo sido a mais longa de quantas já houve nos anais do Legislativo Federal, aprovando-se, por fim, a indicação do Sr. Batista Luzardo, por 39 votos contra 12, com um em branco. Dêsse encontro de opiniões senatoriais, avultaram os discursos dos Srs. Bernardes Filho, Ferreira de Sousa e Hamilton Nogueira, todos combatendo tal indicação, apresentando motivos da maior importância, nos quais estaria em perigo a própria segurança internacional dêste hemisfério e comprometida a soberania nacional. A requerimento do senador Bernardes Filho, o seu discurso, que durou mais de três horas, foi taquigrafado, para ficar como documento histórico. Está, pois, a nossa Embaixada na Argentina, vaga há muitos meses, preenchida com a nomeação do Sr. Batista Luzardo, depois de ruidosa e atribulada escolha. No fundo, casos pessoais não interessam à Nação. Assim é que o lamentável em tudo isso é não ter havido ninguém que sustentasse a tese verdadeira: não se dever nomear para altos cargos de embaixador, pessoa estranha ao Itamarati, em detrimento de quantos, depois de se submeterem a cursos difícílimos, concursos penosíssimos e uma vida errante, são, por tôdas as razões, legítimos aspirantes a êsses postos. Realmente, os princípios, as normas, o critério geral, a ninguém interessa. Pensa-se age-se em nosso país, em função de pessoas ou de coisas. Quem se lembraria de nomear um bacharel para comandar uma região militar ou uma base aérea? Que pena! Tanta palavra, tanto escrito e ninguém se lembrar de reclamar o Itamarati para os diplomatas, tirante, é claro, o cargo de Ministro, que não é de carreira.

Filhos sadios



As crianças sadias acham prazer nas menores cousas. Elas próprias inventam e confeccionam, com alegria, muitos dos seus brinquedos, porque a sua bôa disposição física lhes permite ser activas, espertas e bem-humoradas.

É, de facto, uma verdade incontestavel que a inteligência, o espirito inventivo se desenvolvem mais livre e harmoniosamente num sadio organismo infantil.

Os médicos estão sempre ensinando e lembrando que a fraqueza, uma alimentação mal orientada, o funcionamento deficiente dos órgãos, as doenças, enfim, são causas frequentes de atraso no desenvolvimento físico e mental das crianças. Tôdas as pessôas esclarecidas sabem o quanto pode a infância influir — favorável ou desfavoravelmente — na vida adulta de cada ser humano. Uma meninice com saúde é patrimônio precioso, é indiscutível factor de êxito: Os pais devem, portanto, empregar os maiores esforços para que seus filhos possam contar, no futuro, com essa apreciável reserva de energia.

Sentir-se-á, decerto, muito mais feliz a criança inteligentemente cuidada, o petiz robusto que imagina jogos divertidos e constrói, com poucos meios, pequenos mecanismos engenhosos, do que o garoto doentio, vitima da inexperiência dos pais, o qual, mesmo rodeado de bonitos brinquedos, será, na maioria dos casos, desanimado e irritável.

Grande inimiga da saúde é a prisão de ventre, essa intoxicante atonia muscular dos intestinos, tão comum nas crianças e nos adultos, e da qual resultam perturbações gástricas, abatimento, falta de apetite, mau hálito, nervosismo, erupções na pele e outros distúrbios mais sérios.

Ventre-Livre é o remédio de confiança para tratar a prisão de ventre e os desarranjos gastro-intestinais. De acção suave e sabor agradável, **Ventre-Livre** é largamente usado pelas mães experientes e preferido pelas crianças, tanto no Brasil como nos demais países onde penetrou.

Não esquecer nunca:

Ventre-Livre não é purgante.

MARLENE FUMOU CACHIMBO EM PARIS

"AGORA EU SOU É DO EXISTENCIALISMO!"

HÁ três meses atrás, Marlene — a Rainha do Rádio Brasileiro — foi ao banco, onde tem a sua conta-corrente, e sacou 160 mil cruzeiros. Com essa importância preparou um guarda-roupa luxuoso e anunciou que ia dar um passeio em Paris.

Não faltou quem a criticasse, dizendo: "Vejam só!... A moda vem de Paris... e no entanto, parece que Marlene quer ensinar às parisienses a se vestirem. Engraçado... quando se vai à Cidade Luz a gente leva a roupa do corpo e muita "gaita"... e de lá volta trazendo os últimos modelos...

A "estrêla" da Nacional não deu ouvidos às críticas e partiu de avião, levando a sua indumentária. E depois de dois meses regressou por via marítima. Chegou alegre e satisfeita por ter conhecido a *Capital do Mundo*. Deu entrevistas aos jornais, falou no rádio e tem sido muito visitada pelos seus "fãs" e admiradores.

Deixamos passar o entusiasmo dos primeiros dias. Quando tudo já estava mais calmo, e as suas malas abertas, eis que chegamos ao seu apartamento, na Urca. A artista recebeu-nos com o seu "oi" tão peculiar, e acrescentou: "Enfim, vou ser entrevistada por uma grande revista!" Nos primeiros momentos deteve-se em admirar a nossa *Rolleiflex*. Lembrou-se de um repórter de Londres, que fotografou tôdas as peças da sua pulseira de balangandans, com uma máquina igual.

Aproveiatndo-nos da sua curiosidade, pilheriamos, dizendo que a nossa máquina tira até chapa raio X; e que

"TIVE DE VESTIR "BIKINI" EM CANNES, FUMAR CACHIMBO ÀS MARGENS DO SENA E EM SAINT-GERMAINE CORTAR O CABELO A "LA SARTRE" PARA NÃO PASSAR POR ARIGÓ" ★ EM 1952 VOLTARÁ PARA CUMPRIR CONTRATO JÁ ASSINADO

Reportagem de ABDIAS RODRIGUES

NUM FELIZ FLAGRANTE COLHEMOS UM SORRISO DE MARLENE, QUE TEM NOS BRAÇOS AS FILHINHAS DA SUA EX-SECRETARIA.



A VERDADEIRA existencialista veste-se tôda de prêto, como se fôsse viúva — diz Marlene ao posar para a REVISTA.

sendo suas lentes translúcidas e super-luminosas, atravessam as vestes e fixam os íntimos detalhes do corpo, como sinais naturais, cicatrizes de operação de apendicite, etc.

Marlene fêz *blague*, dizendo que nesse caso a câmara é uma completa maravilha e que de nada adiantava vestir-se para tirar o retrato. Confirmamos o seu pensamento; e ela, "ingênuamente", nos chamou ao banheiro e disse: "Então aproveita e faz logo uns flagrantes".

Depois do banho a "estrêla" sentou-se à penteadeira. E enquanto ia cuidando dos cabelos, nós íamos operando. Não se demorou na sua "toilette", pois, em Paris, tornou-se adepta do existencialismo e cortou o cabelo a Sartre.

Vestida de calça comprida, Marlene sentou-se cômodamente numa poltrona, acendeu um cigarro, e falou da viagem, de Paris, do samba e do existencialismo:

— "Imagine, quando cheguei em Londres — diz Marlene — embora nada tivesse feito nesse sentido, fui recebida por um pelotão de repórteres e fotógrafos...

Mais tarde, tive conhecimento de que minha visita havia sido anunciada por uma agência telegráfica e, daí, o interêsse da Imprensa. Um dos fotógrafos acompanhou-me ao hotel, pediu que me vestisse a caráter, e fotografou detalhe por detalhe de minha indumentária, inclusive os saltos dos meus sapatos. Estava, naturalmente, ansiosa para ver o que iriam publicar. Afinal, apareceram as reportagens... Que desgosto! Sim, um desgosto. Apenas diziam que estava em Londres a "Rainha do Samba Argentino!"

"Aquilo me aborreceu... Comecei a escrever cartas, longas cartas a todos os jornais e revistas, explicando que o samba é do Brasil, que o Brasil é o maior país da América do Sul, que a música argentina é o tango, muitíssimo diferente do samba; que, além do samba, temos outros ritmos muito interessantes; que a capital do Brasil é o Rio de Janeiro e não Buenos Aires; que tivessem a bondade de olhar no mapa, e, quando vissem um país colossal no coração da América Meridional — aquêle é que era o



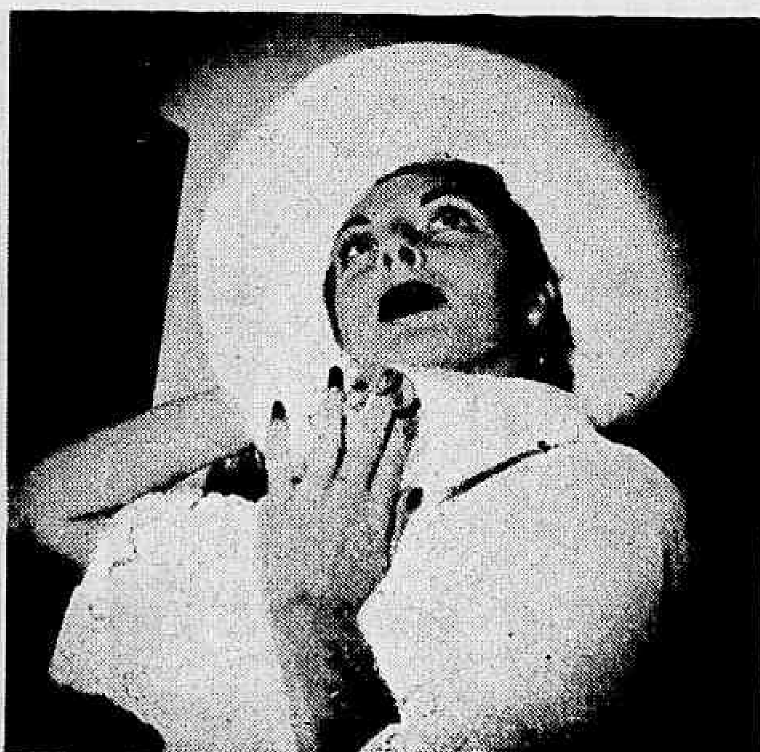
MARLENE ADORA crianças. Nesta foto ela sustém nos braços uma das gêmeas do flagrante anterior. A garôtinha está sorrindo para a sua mãe que, ocultamente está chamando-lhe a atenção. A menina é robusta e muito graciosa.



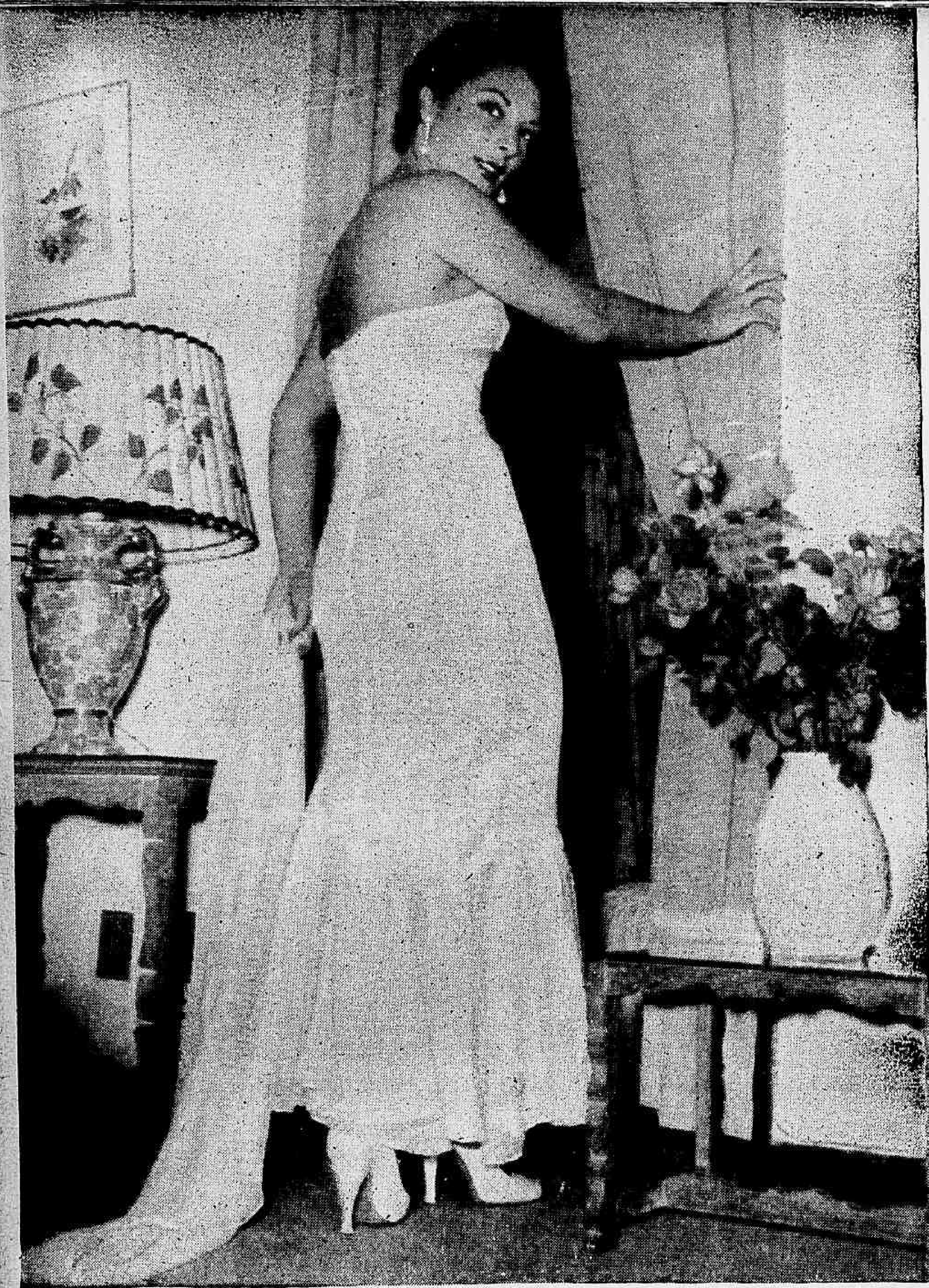
COMO UMA PRINCESA das Mil-e-uma Noites, Marlene posa à maneira das fadas. Está bonita, não há dúvida nenhuma.



COM O CABELO cortado a Sartre, vestida de prêto, a ex-Rainha do Rádio brasileiro põe em relêvo o seu gôsto.



SÃO VARIADOS os modelos de chapéus e vestidos de Marlene, que agora é francamente do existencialismo de Sartre.



MARLENE EXIBIU para os parisienses êste bonito vestido de baile que levou do Rio. Um dos famosos figurinistas da Cidade Luz o copiou. Também os seus sapatos foram fotografados em Londres, onde estêve por alguns dias, de passagem.



UM DOS CHAPÉUS que revolucionou o mundo elegante de Paris. Foi também copiado por famosos artistas do gênero.



VESTIDA ASSIM, esportivamente, era que Marlene se recreava em Cannes, onde teve ocasião de vestir também um «big» bikini.

Brasil, pátria de Santos Dumont, de Ruy Barbosa, de Carlos Gomes, como de tudo poderiam ser informados pelo Conselho Britânico e pela equipe brasileira da B. B. C., caso preferíssem não ir à Embaixada ou ao Conselho de nosso país..."

Marlene fêz uma pausa. Acendeu outro cigarro e depois prosseguiu:

— "A mesma coisa, em maior escala, aconteceu em Paris... Aí, porém, foi só repetir as cartas..."

— Como os franceses receberam o samba? Fêz sucesso?

— "Fiz sucesso com o samba e com os meus vestidos. Só usei coisas nossas e verifiquei que tudo que temos é do melhor... Um costureiro de Paris, Robert Piguet, quando me viu com um vestido de sêda, quis saber de onde era o tecido. Quando soube que era tecido brasileiro, caiu-lhe o queixo... admirado de que o Brasil já fabricasse uma coisa assim. E por tôda parte era a mesma curiosidade e o mesmo deslumbramento com os meus trajes.

"Não fui à Europa para exibições, mas, mesmo assim, exibi-me em Paris, em Cannes e em Monte Carlo, porém, sempre gratuitamente, por simples gentileza. Ouvi referências elogiosas ao nosso saudoso *Fon-Fon*, cuja notícia de falecimento acabo de ler com pesar. Em Cannes, tomei parte em uma festa patrocinada pelo Duque e pela Duqueza de Windsor. Em Paris, integrei um *show* de televisão. Além do samba, apresentei o chamego e o baião, tudo para que êles aprendessem de uma vez que o samba é brasileiro e que o Brasil é o tal..."

— Quer dizer que você gostou de Paris...

— Gostei e muito. Pretendo voltar em 1952 e já assinei contrato com um empresário de cassino.

— Há muitos cassinos em Paris?

— Muitos. Cassinos, "boites", teatros, cinemas... uma coisa assombrosa. Não é possível, em tão curto tempo, conhecer tudo. Paris fascina... Passeei muito. Visitei a Notre Dame, o Velho Trocadero, hoje Palais de Chaillot; percorri Montmartre, Montparnasse, Champs Elysées e Saint-Germain. Saint-Germain é o bairro grãfino, por excelência. Lá mora Sartre — o criador do existencialismo. E assim como em Copacabana a maioria das mulheres veste calça comprida, em Saint-Germain todo mundo é adepto do existencialismo; e as mulheres daquele bairro parisiense usam o cabelo a Sartre isto é, curtinho, como homem. Confesso que não resisti e acabei cortando o cabelo a Sartre.

— **Quais as características do existencialista?**

— **Vestir sempre de prêto, usar, o cabelo a Sartre** e fazer o que deseja sem se preocupar com as conseqüências.

— Dizem que todo existencialista fuma cachimbo.

— Sim, os que querem. Eu fiz uma experiência, mas não gostei. Fiquei tonta...

— Você fumou cachimbo em pleno centro da cidade, **Marlene?**

— Dei umas voltinhas pelas margens do Sena...

— Não quis continuar?...

— Não. Tive mêdo de ficar com a bôca torta.

— Quais os outros pecados que você cometeu em Paris?

— Em Paris, mesmo... mais nada. Mas, em Cannes, tive que vestir bikini para não passar por arigó. E' o *maillot* da moda. Não se usa outro.

— E de Cannes...

— ...De Cannes vim para cá, sem voltar à Paris.

*

Era já noite. O telefone tocou e Marlene levantou-se para atender...

— **Alô!... E' você, meu bem?!... Um baile?!...**



O PERFIL, as mãos e as jóias da popular artista patrícia. O colar custou milhares de cruzeiros, pois é pérola legítima.



A ELEGÂNCIA de Marlene já se tornou famosa. Antes de ir para Paris comprou um guarda roupa de milhares de cruzeiros.

pois não... vou, sim. Você vai me apanhar?!... Você vai me apanhar?!...

— Tenho que sair — disse-nos a nova sacerdotiza do existencialismo — mas, se quiser esperar um pouco, poderá ver um dos vestidos que levei para Paris.

— Pois não — respondemos.

Minutos depois Marlene surgiu à porta do quarto, dentro de um vestido maravilhoso. Dir-se-ia que era uma fada... Todavia, mais que o vestido, chamou-nos a atenção o perfume que usava.

— Trouxe de Paris? — perguntamos.

— Não. Êste vestido foi feito aqui no Rio...

— Referimo-nos ao perfume...

— Ah! sim. Foi a única coisa que trouxe... Chama-se "Jóia". Comprei-o numa perfumaria da rua *Faubourg St. Honoré.*

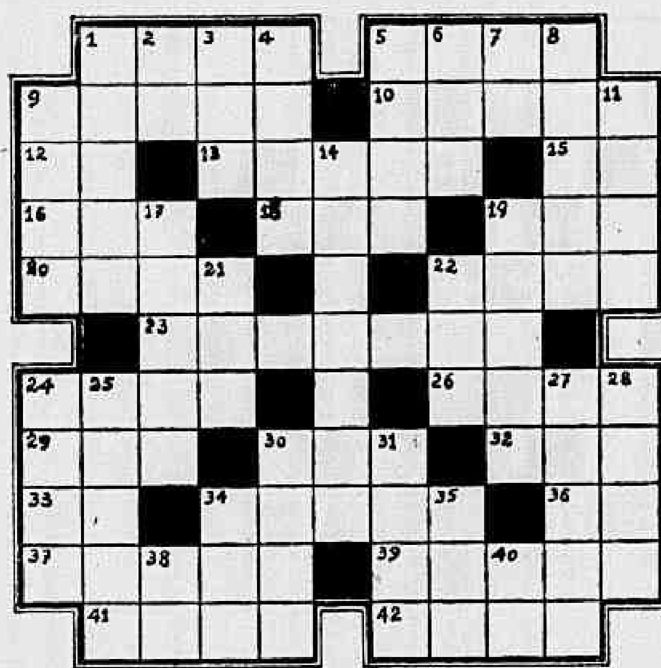
Um carro businou em baixo. Marlene descia as escadas do edifício quando uma das meias ia caindo. Calmamente, tal qual uma parisiense, ela suspendeu a sáia e consertou a liga. Não perdemos tempo. Fizemos o flagrante. E teria sido uma pena se não o tivessemos feito.



EM PARIS ninguém repara quando u'a mulher suspende o vestido e conserta a meia em plena rua Marlene dá uma demonstração.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N. 68 -- PARA VETERANOS



HORIZONTAIS: — 1. Cavalo que tem um quadril mais baixo que outro — 5. Dar crédito — 9. Aquilo que dirige — 10. Exprimir com meiguice — 12. Substrato instintivo da psiquê -- 13. Que se paga anualmente — 15. O caos, na mitologia polinésia — 16. O que educa menino de família nobre — 18. O que pode ser abarcado pelo index e o polegar em arco — 19. Ídolo adorado pelos árabes — 20. Mulher astuciosa — 22. Modo de andar — 23. Austeridade — 24. Clima — 26. Trabalho oculto — 29. Peça de música para dois instrumentos — 30. Fora da razão, em demasia — 32. Vale cavado nas montanhas em anticlinal — 33. O Senhor, o Absoluto na filosofia hindu — 34. Baile reles (pl.) — 36. Igual — 37. O fuzilar dos olhos de pessoa encolerizada — 39. Vão — 41. Oito — 42. Adro sagrado.

VERTICAIS: — 1. Nítido — 2. Símbolo da prata — 3. Língua africana do grupo voltaico — 4. Nome de homem — 5. Camecrã — 6. Certo número — 7. Palavra hebraica que significa Deus, forte, herói — 8. Causas a morte — 9. Costa com recortes muito acentuados e onde a profundidade do mar é moderada - 11. Esfrangalhado - 14. O ponto extremo — 17. Filho de Cisseo e irmão de Hécuba — 19. Voltar meada no banho em que está a tomar tinta — 21. La-sustenino na nomeclatura alemã — 22. A ponta do cabo com que se vira a vela (pl.) — 24. Demora — 25. Desbotado (ort. ant.) — 27. Gracejo — 28. Cacho de uva — 30. Fulano — 31. Cinta — 34. Filho de Cam — 35. Cidade da Palestina — 38. Símbolo do metal que tem de pêso atômico 63,g7 — 40. Interjeição de apêlo.

* *

PROBLEMA N. 68 -- PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — 1. Maltrapilho — 4. Temor — 7. Capacetes — 9. Nota musical — 11. Contração (pl.) — 12. Atmosfera - 13. Seguiam — 15. Íntimo — 16. Temido — 17 Cloreto de sódio — 18. Lavra — 20. Artigo plural — 21. Pedra — 24. Odor — exímia — 24. Odor — 26. Classe — 27. Pedra do altar (pl.)

VERTICAIS: — 1. Planta textil asiática 2. Variação pronominal — 3. Fôlha de palma — 4. Pedra de moinho (pl.) — 5. Do verbo ser — 6. Riqueza; metal precioso — 8. Que incomoda — 10. Mãe-dágua (pl.) — 12. Fruto da amoreira — 14. Doçura — 15. Jornada — 17. A planta do pé — 19. Membro de ave (pl.) — 21 Cólera — 22. Gosta — 24. Outra coisa — 25. Brisa.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 67 — PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Oba — Som — Cápa — Caro — Oclocracia — Hasteará — Oa — Tendal — Lãs — Ter — Sortilégio — Ario — Ming — Loa — Oso.

VERTICAIS: — Ôco — Bach — Aplastaria — Sacrilégio — Oriá — Moa — Aos — Caa — Cton — Read — Esto — Atem — Loro — Rins — Sal — Ogo.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Curinga — Pano — Elba — Origem — Ar — Ermas — Ara — Or — Dr — Ias — Meada — SS — Calçar — Aatá — Iatá — Salário.

VERTICAIS: — Carr — Unimos — Rogar — Nem — Gl — Abar — Poetisa — Aramará — És — Araçai — Delir — Asas — Má — Dato — Cal — Ta!

Colaboração e correspondência para: REVISTA DA SEMANA — PALAVRAS CRUZADAS.



A INDISCREÇÃO do repórter chegou até ao banheiro, onde surpreendeu Marlene saindo do banho. A primeira foto falhou, mas a segunda aí está mostrando a beleza da artista.



ANTES DE SAIR para dar um passeio a existencialista mira-se no espelho. O seu cabelo tem dado o que falar. E já tem muitas admiradoras, que a estão imitando.



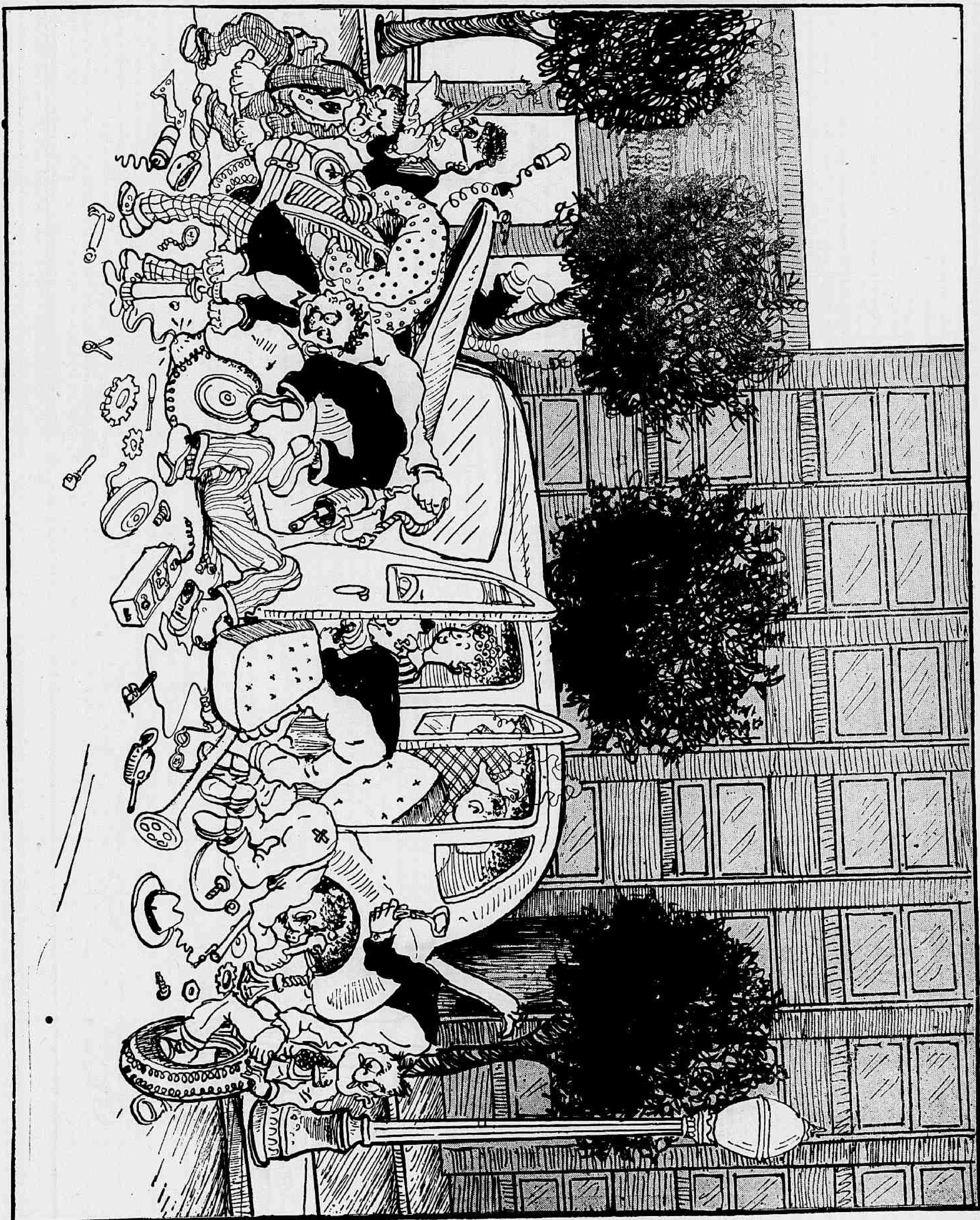
NO TOUCADOR de Marlene há perfumes diversos. E não raro ela recebe telefonemas das amigas perguntando-lhe se trouxe êste ou aquêle estrato, muito em moda em Paris, atualmente.

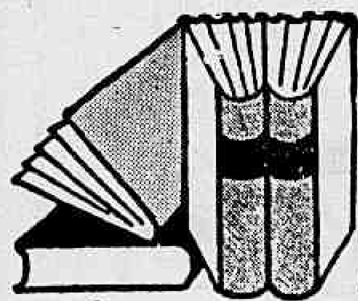
ÊSTE MUNDO E O OUTRO...

"CHARGE" DE DARCY

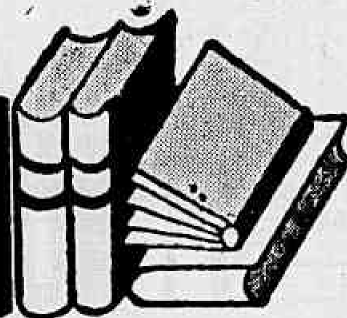
CIDADE MARAVILHOSA

12.º) QUANDO O CARRO DE UMA "BOA" ENGUIÇA, DE TÔDA PARTE SURGEM OS "PRESTIMOSOS"...





SEMANA LITERARIA



EDMUNDO LYS

ÁLBUM DE FAMÍLIA



Eduardo Mallea

EDUARDO MALLEA, que os leitores brasileiros estão conhecendo agora na tradução, feita por José Lins do Rêgo, de seu livro "Todo Verdor Perecerá", é um dos grandes nomes das letras argentinas contemporâneas e, também, da literatura americana.

Sua extensa bibliografia inclui romances e ensaios de prestígio internacional. Muitos dos seus livros já foram traduzidos para outros idiomas e editados em vários países. Seus contos cosmopolitas de "Cuentos para una Inglesa Desesperada", como seu romance tipicamente argentino: "Las Aguilas", e outro romance de ambiente europeu, "Noturno Europeo", têm sido livros elogiados pela crítica, colocados entre o que de melhor vem produzindo a literatura contemporânea.

Seu romance, agora editado pela Globo, tem obtido um êxito relativo, talvez por nossa ignorância a respeito dos valores argentinos, país com o qual fazemos uma política "de costas", como já foi observado — política que se extende às relações literárias e artísticas. Enquanto traduzimos copiosamente livros europeus e norte-americanos, aqui, os escritores argentinos, seus poetas, romancistas e contistas são relegados ao leitor de língua castelhana. Foi bom que a Globo tomasse a iniciativa, lançando um livro de Mallea como êste, "Todo Verdor Perecerá", ao qual, naturalmente, se seguirão outras traduções. Aliás, a Embaixada da Argentina poderia, de qualquer forma, intensificar um melhor intercâmbio literário entre nossos países, prestando relevante serviço às nossas relações e estabelecendo melhor conhecimento entre os dois povos: sem o entendimento no campo da poesia, nada adiantam quaisquer outros entendimentos.

Eduardo Mallea nasceu em Baia Blanca, em 1904. Em 1935 tirou o prêmio da Municipalidade de Buenos Aires, com "Noturno Europeo". Viajou pela Europa, fêz uma série de conferências na Itália e foi diretor do suplemento literário de "La Nación", conhecido, mesmo no Brasil, como um dos melhores do gênero. Eduardo Mallea é considerado — conforme um crítico argentino — o mais artista, o mais pensador, o mais poeta dos romancistas argentinos e o mais completo novelista de sua geração.

MESA REDONDA SÔBRE FILOSOFIA — Realizou-se, dia 16 de agôsto, no salão do Conselho Nacional de Educação, no edifício do Ministério, uma mesa redonda sôbre filosofia, promovida pelo titular da pasta, senhor Simões Filho, na qual tomou parte o filósofo inglês, Alfred Jules Ayer, ora em visita ao Brasil, a convite do Conselho Britânico. ★ A MORTE DE GODOFREDO RANGEL — O falecimento do grande escritor mineiro Godofredo Rangel, autor de tantos livros do maior merecimento e, entre êles, o romance "Vida Ociosa", com paisagens e figuras do interior montanhês, mereceu de tôda a imprensa carioca sentidos necrológios, recordando-se, principalmente, a grande amizade que ligou Godofredo Rangel e Monteiro Lobato, dois dos mais eminentes escritores regionalistas do Brasil. ★ BANDIDO-ESCRITOR — Os jornais publicaram êste telegrama de Belo Horizonte: *"Belo Horizonte,* 13 — Obteve o primeiro prêmio no concurso de Conto, patrocinado pela Prefeitura de Belo Horizonte, através de um matutino, o criminoso Francisco Antônio de Alencar, chefe do bando que, em abril de 1948, assaltou a agência do Banco de Minas Gerais, em Lagoa da Prata. O criminoso-escritor, atualmente cumprindo pena de vinte e quatro anos na Penitenciária de Neves, já fôra quatro vêzes laureado com menções honrosas, no referido certame literário. Conhecedor de várias línguas, tem pronto para publicação o "Romance de um condenado". Na Penitenciária dirige o grêmio, o jornal "Grades Abertas" e a Biblioteca.

Francisco Antônio de Alencar, natural de Manhuaçú, Minas, conta 29 anos. Há muito se dedica às letras, tendo, entre seus autores preferidos, Graciliano Ramos e José Lins do Rego.

MANUEL BANDEIRA FALOU DE POESIA



No ato comemorativo do seu 22º aniversário, a Casa do Estudante do Brasil convidou Manuel Bandeira para realizar ali uma conferência sôbre poesia, o que constituiu uma das melhores noites de inteligência dêste mês.

LITERATURA E TELEVISÃO



Um momento da transmissão em TV da peça «Macbeth», de Shakespeare, pela BBC, de Londres.

NOTÍCIAS DE SÃO PAULO

Geraldo Pinto Rodrigues, o idealizador do Clube de Poesia de São Paulo, será o próximo poeta a ser editado pelo referido Clube. Seu livro intituIado: «Tempo Inconcluso» está ainda dependendo do pronunciamento de uma comissão, da qual fazem parte os poetas: Mário da Silva Brito, Edgard Braga e Péricles Eugênio da Silva Ramos.

★

J. Herculano Pires é o atual organizador da «Feira Literária», seção especializada do jornal «O Tempo». «Feira Literária» traz o publico do referido jornal a par das últimas novidades literárias do país e do mundo.

★

O poeta mineiro Jacques do Prado Brandão, que publicou em 1947 o livro de versos: «Vocabulário Noturno», passou alguns dias na capital bandeirante. Cyro Pimentel foi o seu cicerone. E Jacques do Prado Brandão entrou em contacto com alguns dos escritores novos mais representativos de São Paulo.

★

Finalmente vem à publicidade o nome do aguardado livro de versos de Milton de Lima Souza. A obra intitula-se «Caos» Intacto». E será uma Edição Alarico.

★

A escritôra paulista Maria de Lourdes Teixeira está colaborando, semanalmente, n'«A Manhã» do Rio. Maria de Lourdes Teixeira é assidua colaboradora d'«O Estado de São Paulo».

★

David Antunes, conhecido escritor piracicabano, publicará dentro em breve, um romance com o título de «Rigoleto». O festejado escritor já possui vasta obra publicada.

★

Noticia o «Correio Paulistano»: «Célio Sampaio Silva é mais um autor provinciano e paulista que anuncia a sua próxima estréia. O volume preparado intitula-se: «Histórias e Contos».

★

Darcy Penteado acha-se, atualmente, na fazenda do pintor Flávio de Carvalho, trabalhando em esculturas. Darcy Penteado pretende expor, pròximamente, na Primeira Bienal do Museu de Arte Moderna.

★

«Lua de Remorso» será o nome do próximo livro de versos de Jamil Almansur Haddad. Aliás, êste escritor prepara a biografia de Castro Alves, a ser lançada brevemente, numa edição da Saraiva.

★

Ilka Brunhilde Laurito, autora de um livro intensamente lírico, lançará dentro de alguns meses: «Noiva do Horizonte», nova coletânea de versos.

SONÊTO DA VIRGEM

Nilo Aparecida Pinto

Desposada do Eterno, flor trigueira
Que me unges com teu cântaro de [olores;
Lírio, em Saron; em Nazaré, roseira
Que o ramo de Davi abriste em flores;

Piedosa evocação da guardadeira
Que de Jacó apascentava as dores;
Porta do reino, galho da videira,
Lua morena dos hebreus pastôres:

Quando os meus pés te busquem no [caminho,
Tu, que és consolação, bálsamo e linho,
Lanterna do perdão e escada de ouro,

— Ergue por mim a voz nos empe- [cilhos
Tal em Ramá, Senhora, ouviu-se o [chôro
Com que Raquel chorava pelos filhos!

★

LETRAS MINEIRAS

Causou profundo pesar em Minas o desaparecimento do grande escritor Godofredo Rangel, autor de "Vida Ociosa" e uma das figuras de maior relêvo da literatura nacional. Seu sepultamento, domingo último, foi concorridíssimo. Em nome da Academia Mineira de Letras, a que pertencia, proferiu brilhante oração fúnebre o escritor Mário Matos. ★ Acha-se na Capital o poeta improvisador Euriclides Formiga que, no Teatro Francisco Nunes, dará um festival de declamação. Ainda êste ano o poeta paraibano vai lançar o seu livro de poemas pelas Edições Mantiqueira. O livro de Euriclides Formiga receberá o título de "Vitral da Madrugada". ★ No Conservatório Mineiro de Música, a declamadora patrícia Marilita Pozzoli reuniu destacadas figuras de nossos círculos sociais e artísticos, para o seu brilhante festival poético, realizado no dia 6 do corrente. ★ O pintor mineiro Delpino Filho está em franca atividade, trabalhando para a sua exposição de pintura, que está sendo aguardada com ansiedade pelo público da capital mineira. ★ O compositor mineiro Luiz Melgaço regressou do Rio, onde fôra em gôzo de férias. Trata-se de um compositor de real valor, que honra as tradições musicais de nossa terra. ★ As "Edições Mantiqueira" lançarão, ainda êste mês, os seguintes volumes: "Cais da Eternidade", de Edison Moreira; "Coivaras", de Darcy Freire; "Nosso Senhor e Nossa Senhora na poesia brasileira"; "As mais belas quadras da língua portuguêsa" e "Coleção Petrarca", com "20 sonetos" de René Guimarães.

★

Notícias de São Paulo

A Galeria Domus está apresentando a exposição de Aldo Bonadei. Como todos devem saber, Aldo Bonadei é um dos grandes pintores paulistas de hoje, sua obra já tendo ultrapassado as fronteiras nacionais. Há pouco tempo, Murilo Mendes publicou minucioso estudo sôbre a personalidade e sôbre a obra dêste pintor. Se há alguma coisa digna de ser vista atualmente em São Paulo essa coisa é a exposição de Bonadei. ★ A cidade de São José do Rio Pardo estêve em festa durante a Semana Euclidiana. O romancista José Geraldo Vieira alí pronunciou aplaudida conferência sôbre o autor de "Os Sertões".

Fora do Prelo

POEMAS DESIGUAIS — Wilson de Carvalho — São Paulo. — No momento mesmo em que se trava uma violenta polêmica, a propósito da «poesia dirigida», tendo como centro dos debates o poeta Paul Eluard, aparece êste livro de poemas que poderemos, sem exagêro, chamar de «poesia prestista». Não apenas o poeta funde seus poemas com idéias doutrinárias, procurando combater pelo comunismo: antes de tudo, êle se confessa amigo de Luiz Carlos Prestes e deseja, dando-se bem pago que — «ao fim da leitura dêste modesto livrinho, tiverdes por qualquer forma, protestado contra o monstruoso processo que se articula contra Luiz Carlos Prestes»

Assim, pela primeira vez, estamos diante de um livro de versos cuja finalidade não é comunicar poesia, porém angariar prosélitos para a causa do chefe comunista brasileiro. Que poderá dizer, a respeito o comentarista de letras, a propósito de um caso tão complexo? Poderíamos, talvez, examinar os poemas, sempre, entretanto, tendo em vista a sua finalidade, um protesto contra o processo movido contra o político. Em todo o caso, diremos que não encontramos nestes versos senão discursos comunistas armados tipogràficamente em forma de versos. Com a repetição dos mesmos temas e, até, das mesmas palavras usadas nos «meetings» comunistas. Embora Wilson de Carvalho cite Mário de Andrade, para justificar sua rebelião, acusando os poetas não comunistas de gigolôs do lirismo, voltados para seus casinhos burguêses, não consegue provar contra êles ou a favor de sua poesia que, liberalmente, podemos constatar ser uma gigolagem do comunismo, em versos, e um ensimesmamento do poeta no seu prestimismo, sem qualquer outro horizonte e sem qualquer originalidade.

O seu livro pode ser muito comunista, mas é, ao mesmo tempo muito ruim. Não por ser comunista, porque não é bom. Aliás, a constatação não é nossa. O próprio Prestes, a quem Wilson de Carvalho mandou dois de seus poemas, também fêz a mesma crítica, sem ser mais franco, quando lhe disse que «a pena é uma grande arma, mas... o amigo poderá ter grande eficiência na fundação de comités populares». São palavras do chefe comunista, que não estamos truncando e que exprimem muito bem êste juízo: deixe os versinhos e funde células. E nem nos queiram dizer que, com essas palavras (ou com as outras que não citamos), êle não tenha querido dizer exatamente que, no caso, os poemas do correligionário não prestavam. E' o que compreenderá quem quer que leia a carta, transcrita ingenuamente pelo autor.

★

POVOS E TRAJES DA AMÉRICA LATINA — Egon Schaden e Gioconda Mussolini — Edições Melhoramentos - São Paulo — Perdoem o truísmo: porém a fôrça das verdades, mesmo as mais vulgares, está na fôrça da oportunidade. — Pois então podemos lembrar: no dia em que os sêres humanos (afastados geogràficamente) se conhecerem melhor a vida será diferente. Deixará de caracterizar-se pela incompreensão, para se transformar em motivo de troca de idéias, de ajuste de interêsses, de cordialidade, enfim — realizando o luminoso ideal cristão de respeito, solidariedade e amor.

Já exaltamos, aqui, o aparecimento de «Nossos amiguinhos de outras terras» e «Contos populares das Américas», obras de cultura e fraternização publicadas pelas Edições Melhoramentos. E a esta editora voltamos a dirigir nossos aplausos, neste pensamento de ampliar o conhecimento entre os países e seus habitantes: «Povos e trajes da América Latina», lembram, inicialmente, que indivíduos de tôdas as origens raciais e dos mais dispares costumes vieram encontrar-se em o Novo Continente. E o livro, de autoria de Egon Schaden e Gioconda Mussolini, com admiráveis gravuras inéditas de Belmonte, mostra o gaúcho rio-grandense e dos pampas argentinos; o vaqueiro nordestino; a gente bahiana; os araucanos; os vultos das civilizações pré-colombianas e os atuais; os íncas; os índios Cunas de San Blas e os huicholes; panamenhos, guatemaltecos, mexicanos; figuras das possessões européias.

Em páginas de aspecto pomposo exibem-se «Povos e trajes da América Latina», com excelentes explicações históricas, muito agradáveis, por isso que em linguagem de palestra entre pessoas amigas. A leitura dêste luxuoso livro-álbum deve ser sinceramente recomendada a grandes e pequenos, como contribuição a melhores dias da humanidade.

★

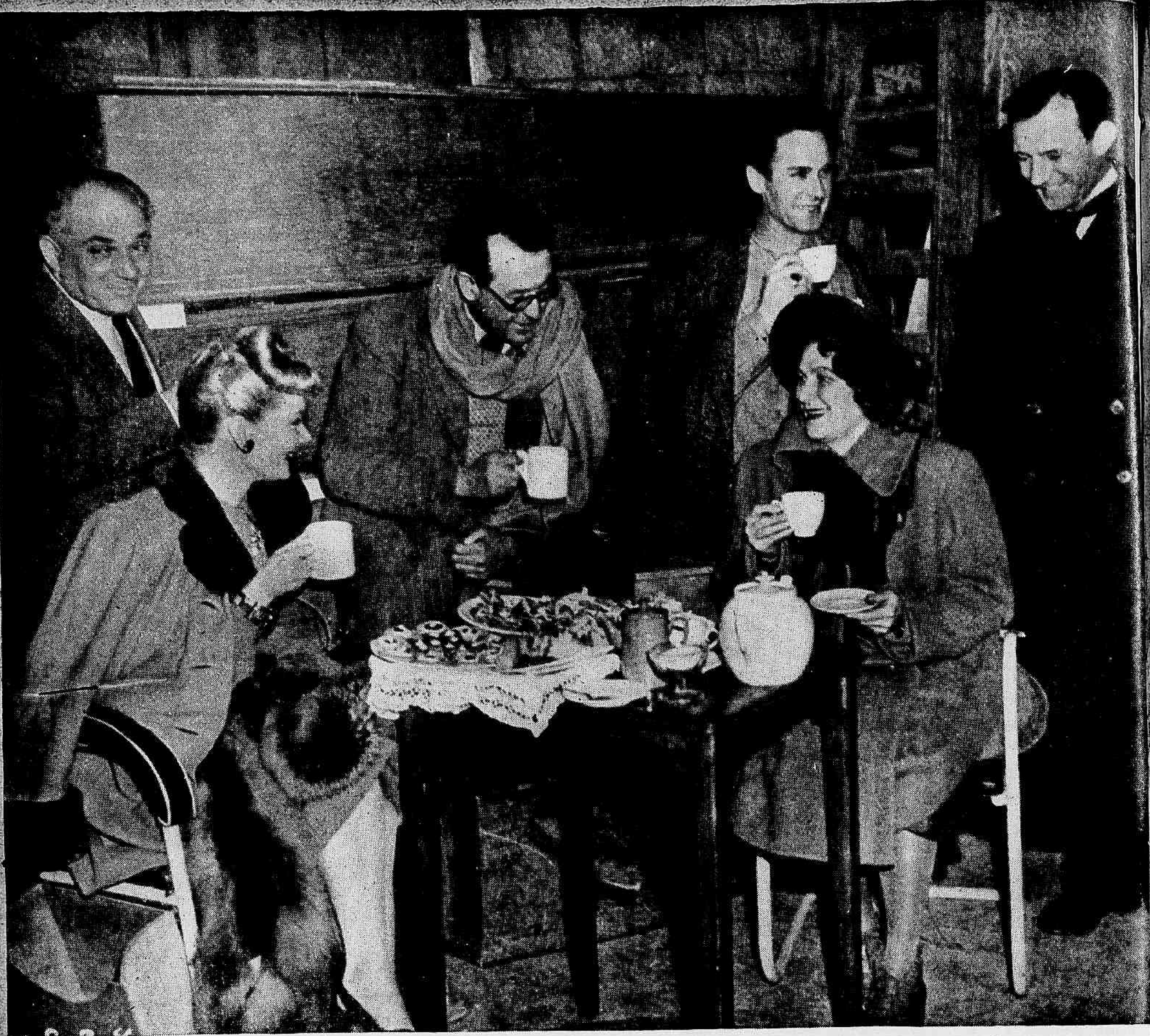
O NOVO ABC DA AVIAÇÃO — Edward Shenton — Edições Melhoramentos — São Paulo. Podemos dizer, longe de qualquer gongorismo, que a velocidade alcançada pelos modernos aviões é tão vertiginosa quanto o progresso da aviação. Raro é o dia em que, aqui ou através de telegramas do exterior, não surgem revelações de novidades: são tipos de aparelhos, são capacidades de rapidez que se apresentam, são criações de aditivos de tal maneira importantes, que a potência dominadora do homem chega muito perto do céu.

Bem sentimos essas verdades, lendo as páginas da obra que, em 2ª edição atualizada, acaba de publicar a Melhoramentos de São Paulo: «O novo abc da aviação», escrito e ilustrado por Edward Shenton, tradução e adaptação de Moacir N. Vasconcelos — o qual, na revisão técnica, encontrou a colaboração do tenente-coronel Raul Luna, do major Anísio Botelho e do capitão Hildegardo Miranda, que pertenciam (no momento não o sabemos) à 4ª Zona Aérea, sediada em São Paulo. Citemos tais pormenores para realçar o critério que acompanhou a passagem, para nossa língua, do original norte-americano, perfeitamente ambientado ao nosso meio. Especialmente à juventude valerá como leitura instrutiva «O novo abc da aviação», embora, de modo geral, interessa a tôdas as classes, por se tratar de um dos mais vigorosos símbolos da evolução humana, em sua ânsia de conquistar o ar. E, além do mais, é livro oportuno, pois em outubro passará o cinquentenário do feito de Santos Dumont, ao contornar a Torre Eiffel, empolgante façanha que cobriu de glórias o Brasil e deu, ao grande inventor, o batismo de «Pai da Aviação». A obra é em forma de dicionário: oferece a palavra, define-a minuciosamente e em anexo a gravura, ou gravuras. O primeiro têrmo é Aeroporto; o último, Jato-propulsão.

O LIVRO ILUSTRADO



Ilustração de D'Andre Hofer, para o romance de René Clair — «La Princesse de Chine».



CAVALCANTI FÊZ-SE um renomado diretor de filmes europeus — franceses e britânicos. Ainda hoje poderia voltar a exercer essa função, mas preferiu ficar no Brasil e dar o seu concurso ao cinema de sua pátria. Aqui está uma evocação do cineasta, nos estúdios inglêses, em pleno inverno.



NO SERVIÇO de Proteção aos Índios, Cavalcanti examina material documentário para filmagens futuras.



E OS APETRECHOS trabalhados pelos indígenas despertam nêle a mais viva curiosidade. Quem fêz esta cesta?



UM COCAR DE PENAS, multicolorido e realmente fascinador, quando usado por uma índia de reais encantos.

CINEMA BRASILEIRO - MITO OU REALIDADE?

TEM A PALAVRA
ALBERTO CAVALCANTI

RECOLHIMENTO DE MATERIAL INFORMATIVO PARA A FUNDAÇÃO DO INSTITUTO NACIONAL DE CINEMA ★ TODOS OS PROBLEMAS SERÃO DEFRONTADOS E RESOLVIDOS ★ MATERIAL HUMANO NACIONAL, E ESTRANGEIRO QUANDO IMPRESCINDÍVEL ★ AUXÍLIO AOS QUE TRABALHAM COM HONESTIDADE ★ CENSURA, DISTRIBUIÇÃO, EXIBIÇÃO ★ LEIS DE OBRIGATORIEDADE ★ E A FALTA DE FILME VIRGEM? ★ SATISFEITO E ESPERANÇADO

Por CELESTINO SILVEIRA
(Fotos de **Abdias Rodrigues**)

NUNCA um homem sentiu tanto sôbre os hombros a responsabilidade dos destinos da cinematografia nacional como Alberto Cavalcanti. Nêste momento êle é objeto das atenções de nós todos — e uma espectativa cada dia mais pronunciada se vai formando em tôrno à sua pessoa e aos seus trabalhos. Dividem-se as opiniões, como sempre acontece: há os que acreditam cegamente no êxito da tarefa de Cavalcanti e os que duvidam sem restrições. Há de tudo. O público tem apenas, razões para ver, com simpatia, os preparativos dêsse cidadão, a quem o govêrno confiou a tarefa de fundar o Instituto Nacional de Cinema, oferecendo-lhe um largo crédito de confiança.

A impressão que temos de Alberto Cavalcanti é a de um homem de ação, sobrepondo-se ao que a seu respeito possam dizer ou não, tendo traçado um rumo e estando disposto a seguí-lo sem paixões, interêsses pessoais, recalque ou ressentimento, enfim,interessado em produzir.

Com êle tivemos um encontro, durante o qual todos os aspectos da questão foram debatidos. E aqui está o resumo da palestra:

— Neste momento ultimam-se os trabalhos de recolhimento do material informativo sôbre o panorama, em conjunto, de tudo que diz respeito à indústria do filme brasileiro. Nos primeiros dias de setembro espero entregar ao Presidente da República o resultado dessa missão, para se proceder a criação do Instituto — foi-nos dizendo em resposta à primeira pergunta que lhe fizémos.

— Uma vez apresentado êsse memorial, o Instituto será imediatamente fundado?

— Acredito que sim, mas ainda terá, então, o plano geral de submeter-se ás demarches da praxe. Camtudo, acredito que não haverá maiores delongas.

— E que impressão lhe deu o panorama geral da cinematografia nacional?

— A mais favorável, capaz de proporcionar a efetivação de um trabalho honesto e definitivo.

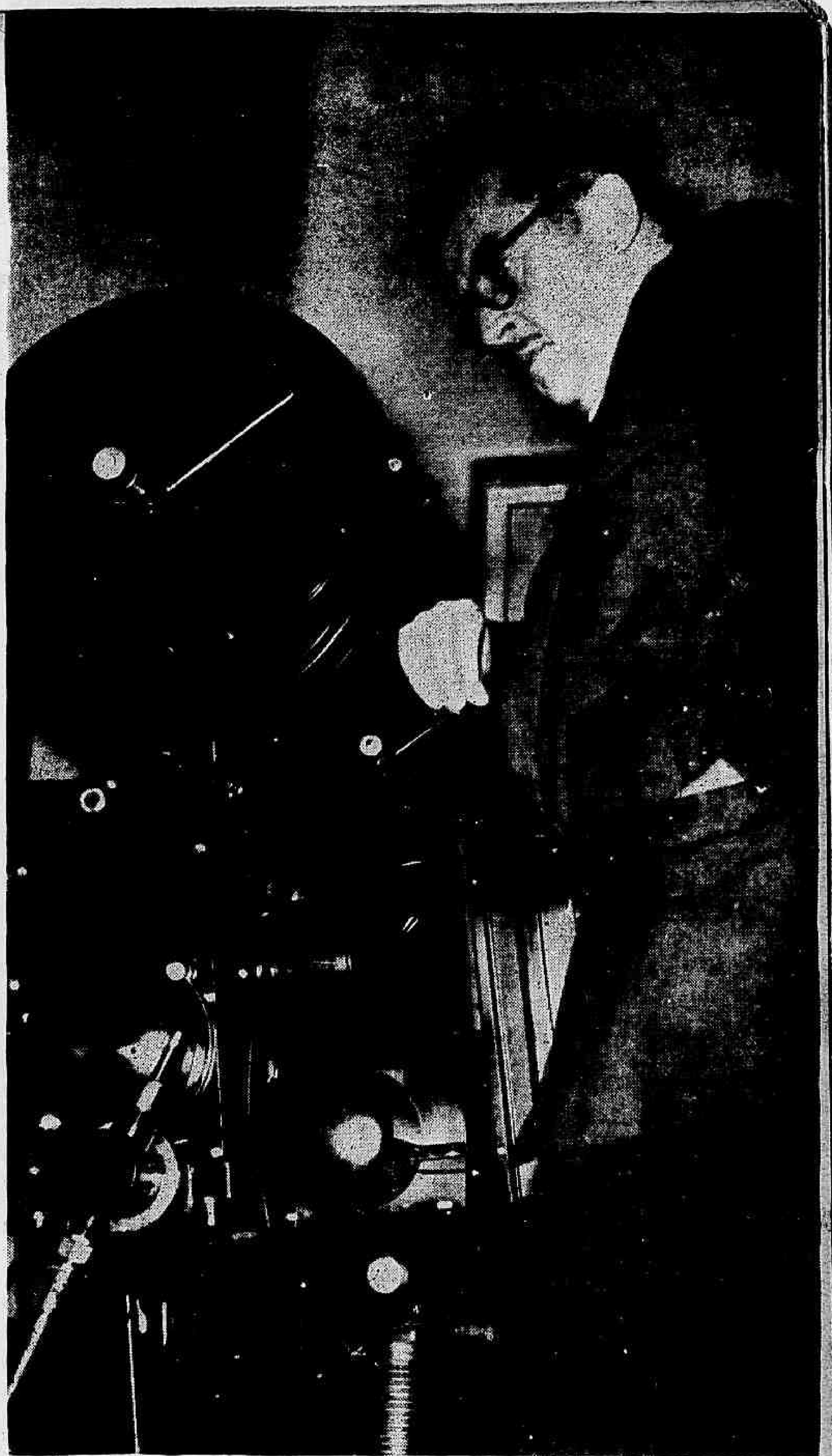
— Que opinião formula sôbre a crise de filme virgem em que se debatem os produtores nacionais?

— Essa crise existe, não só no Brasil como em outros países, por fôrça das circunstâncias mundiais, mas já se procura adotar providências para vê-la removida, no todo ou em parte.

— Admite a possibilidade de ser fundada uma fábrica dessa matéria prima no Brasil, ou serão apenas criadas facilidades para a sua importação?

— Não é fácil cogitar da instalação de uma fábrica dessa natureza. Teremos, antes, de resolver muitos outros problemas. Além de tudo, o consumo de filme virgem, por mais que venha a aumentar, não comportaria essa inversão de capital, que nem mesmo em outras nações, onde o cinema está desenvolvido bastante, foi feita.

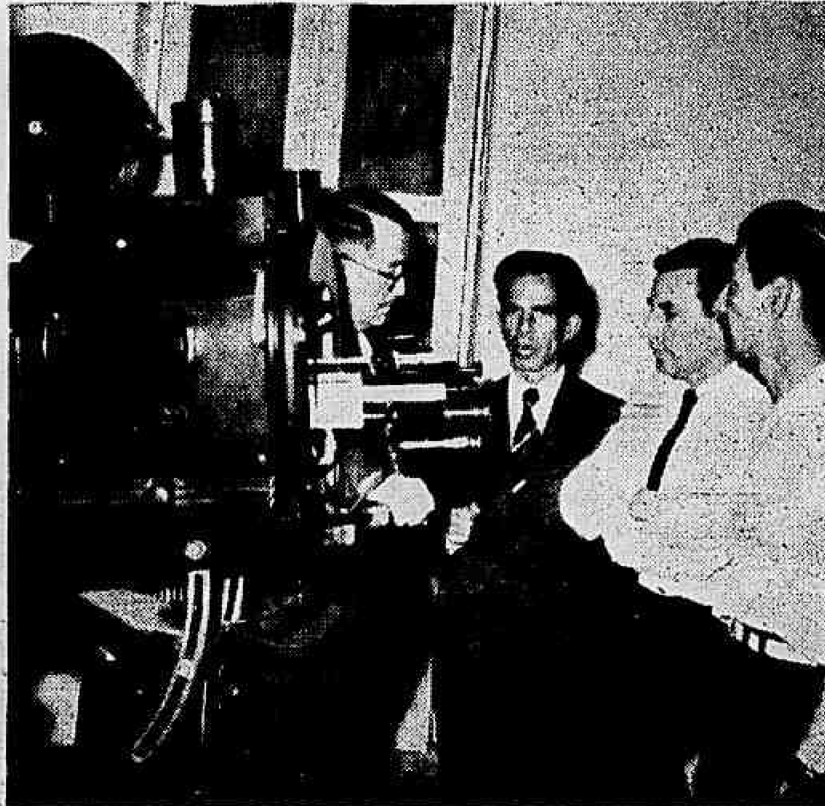
— Pretende organizar o Instituto exclusi-



— SÃO MUITOS os problemas que temos a enfrentar, mas acredito que todos possam ser resolvidos. Por enquanto, tenho de preparar um memorial, esplanando o panorama geral da cinematografia no país. Depois virá o Instituto.



DEPOIS DE um dia de trabalho, um "lunch" na Brasileira, em companhia de Raquel Moacir e Luiza Barreto Leite.



EM VISITA ao Serviço de Proteção aos Índios, para examinar o material documentário ali existente no momento.



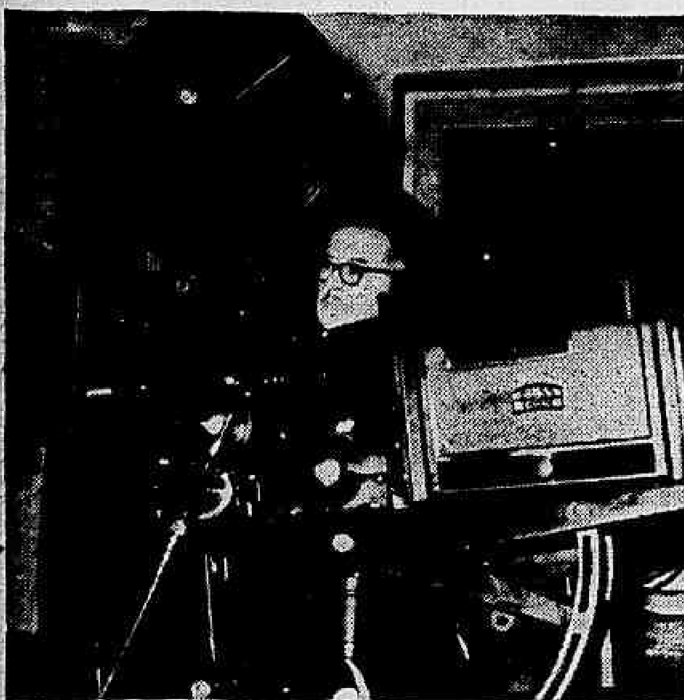
CAVALCANTI, Vinicius de Morais, Oswaldo e José Sanz trocam impressões. E' tempo de trabalhar, amigos, e muito!



FLORENCE MARLY e o diretor Pierre Chenal, velhos amigos de Alberto Cavalcanti, num encontro durante o Festival Cinematográfico de Punta Del Este. Mataram saudades, recordaram episódios antigos — e fizeram planos...



PEDRO ALMENDARIZ, que vocês viram em «Enamorada» — muito diferente ao natural, não? — fêz-se também um bom amigo de Cavalcanti, no Festival em terra uruguaia. Aqui estão, saboreando um fim de tarde, num bom pape papo ..



vamente com o material humano brasileiro ou importando-o também?

— Dêsde o início estamos arregimentando os elementos nacionais capacitados — responde Cavalcanti. Contudo, isto não impedirá que outros venham de fora, quando se tratar de técnicos de comprovada eficiência — e não aventureiros — cuja presença seja reclamada para um resultado cem por cento animador.

— Como funcionará o Instituto? Subordinado a algum ministério, a qualquer entidade, ou como autarquia, por conta própria?

— O Instituto Nacional de Cinema será realmente uma autarquia — esclarece Cavalcanti. Mas, como tôdas as autarquias, subordinado ao respectivo contrôle das entidades governamentais.

— Quando veio da Europa, trazia algum plano nêsse sentido ou foi surpreendido com o convite que lhe dirigiu o govêrno?

— Voltei ao Brasil depois de longa ausência, contratado para organizar uma companhia produtora em São Paulo, a Vera-Cruz. Como é sabido, dela me afastei meses depois e foi quando recebi êsse honroso convite, que aceitei, uma vez tendo examinado as minhas possibilidades de ser bem sucedido e de haver concluido que poderia contar com elas. Pesei bastante os prós e contras. Vi que se pode realizar uma obra consciencIosa, com a colaboração de todos. E aqui estou, disposto a levar a bom termo essa obra.

— Os produtores avulsos, grandes e pequenos, encontrarão nêsse Instituto o necessário apoio?

— Claro que sim — responde Alberto Cavalcanti. O Instituto Nacional de Cinema tem a função precípua de amparar a tôdas as iniciativas honestas e eficientes em pról da cinematografia brasileira. Quem estiver habilitado a merecer êsse auxílio não deixará de o ter.

— E o problema da censura, tantas vêzes criticada?

— E' apenas mais um, entre tantos que temos pela frente. Mas, como todo problema, terá solução.

— Acha que um filme nacional, exigindo verbas elevadas para a sua realização, pode bastar-se só com o mercado exibidor do Brasil?

— De maneira alguma. Nosso propósito será o de conseguir a exportação do bom filme brasileiro. Para começar, mandare-

(*Continua na pág. 45*)



CAVALCANTI apresentou Maurice Chevalier ao Presidente Vargas. Flagrante no Palácio do Catete, quando o «chansonier» explicava alguma coisa de muito engraçado ao Chefe da Nação. Cavalcanti vê e escuta.



NUM «COCK-TAIL», presentes o Embaixador da França, a sra. Raquel Moacir e o sr. Herbert Moses, presidente da A.B.I. Uma taça de «champagne», palavras de confiança à obra em preparativos do diretor brasileiro — e «voilà»!



CAVALCANTI, A QUEM ESTAO ENTREGUES OS DESTINOS DO CINEMA NO BRASIL. MITO OU REALIDADE? ÊLE TEM CONFIANÇA E GARANTE QUE AGORA VAI MESMO. OXALA!



EXAME DE CONSCIÊNCIA - 2

É VOCÊ UM BOM ASSASSINO?

VOCÊ SERIA CAPAZ DE PRATICAR UM CRIME PERFEITO? — VERIFIQUE RESPONDENDO A ÊSTE TESTE, ATÉ AONDE VAI O SEU SANGUE FRIO.

Por MARY DAVIES — (Reprodução proibida)

Todos admiram um assassino perfeito! Se o leitor não acredita, pergunte a tôdas essas senhoras, jovens lindas e simpáticos rapazes que são confessadamente fans de romances policiais se um bom crime não é a melhor cousa de sua vida!

Suponhamos que o leitor seja um assassino num filme policial — seria realmente um vilão de primeira classe?

Êste teste lhe dará a resposta. Quando o leitor tiver respondido às perguntas, saberá se é o senhor de todos os escritores de romances policiais: o autor de um crime perfeito!

O que o leitor deve fazer: Responda às seguintes perguntas com um "Sim" ou um "Não". Quando a pergunta estiver contida nas secções a, b, c, d, responda apenas a uma secção. Há um número ao lado de cada pergunta. Marque aquêles que coincidirem com suas respostas. Por exemplo, se a sua resposta à pergunta n.º 4 é Não, risque o 2. Quando tiver respondido a tôdas as perguntas, some os números não riscados. A soma assim obtida é o seu número chave.

Procure-o sob as respostas.

PERGUNTAS

(Sim — Não)

1 ... assassina frequentemente? 1 — 2

2 ... de um romance policial, admira-o:
a) pela habilidade do detetive? 0 — 1
b) pela habilidade do assassino? 1 — 2

3 Que parte do dia você preferiria, se estivesse praticando um assassinato?
a) o dia? .... 0 — 1
b) a noite? .... 1 — 2

4 Avisaria a sua vítima, de maneira espetacular, enviando recados por exemplo, assinados com adagas misteriosas, uma mão vermelha ou qualquer cousa capaz de inspirar pavor?.... 1 — 2

5 — Faria questão de ler tudo sôbre o seu crime na imprensa?...... 1 — 2

6 — Tem algum conhecimento de toxicologia? .... 1 — 2

7 Supondo que você tenha praticado um excelente assassinato, ficaria ofendido se a imprensa deixasse de reconhecer a sua habilidade, talvez indo a ponto de classificá-lo como um «ato estúpido e brutal?» .... 1 — 2

8 — Que faria com o cadáver?
a) deixalo-ia no mesmo lugar?.. 0 — 1
b) oculta-lo-ia em lugar secreto? 1 — 2
c) destruí-lo-ia? .... 0 — 1

9 Se não soubesse proceder na execução de um assassinato, consultaria um romance policial de seu autor favorito? .... 1 — 2

10 Ou você acha que poderia fazer melhor do que o vilão do livro? 0 — 1

11 Você pensa sempre automàticamente — quando sai de casa — no seu alibi? .... 1 — 2

12 Você fala durante o sono? ...... 1 — 2

13 Gostaria de ter espectadores, se soubesse que iria praticar um crime perfeito? .... 1 — 2

14 Quais entre os seguintes romancistas policiais considera como o mais hábil na concepção de um crime?

Risque apenas que escolheu

1) Sir Arthur Conan Doyle? 1
2) Sydney Horler? 2
3) David Hume? 3
4) Freeman W. Croft? 4
5) Peter Cheyney 5
6) Chesterton? 6
7) Ellery Queen 5
8) Dorothy L. Sayers? 4
9) Edgar Wallace 3
10) Sax Rohmer 2

15 Gosta de disfarces? .... 1 — 2

16 Qual o melhor método de matar
a) veneno? .... 0 — 1
b) pistola ou revólver? .... 1 — 2
c) cacete? .... 0 — 1
d) simulação de suicídio? ...... 1 — 2

17 Qual é o teste da parafina?
a) um método de impressão digital? 3
b) uma espécie de tortura?... 2
c) uma técnica científica para descobrir a pessoa que disparou uma pistola?..... 1

18 Já pensou em qual seria a maneira mais espetacular de praticar um assassinato? .... 1 — 2

19 Você já assassinou? Voltou para casa sem ser visto, sem ser ouvido, sem ser reconhecido. Sùbitamente, ao reconstituir seu ato mentalmente, compreende que deixou um botão no local do crime. Voltaria imediatamente para retirar o vestígio? .... 1 — 2

20 Lê apenas histórias de assassinatos? .... 1 — 2

21 A cena do crime o atrai, confirmando a velha teoria de que o criminoso sempre volta ao local do crime? .... 0 — 1

22 Acha que seria um assassino eficiente? .... 1 — 2

RESPOSTAS

55 a 65 *Evite o assassinato! Não terá nenhum futuro no crime. Será prêso antes que pratique o primeiro.*

66 a 74 *O leitor é hábil e engenhoso, mas lhe falta a vocação e o toque artístico que fazem um verdadeiro criminoso. Na verdade, não acredito que o leitor pudesse matar uma môsca sem ser descoberto, e muito menos partir o crâneo de seu melhor amigo. Faça uma nova tentativa e leia outros romances policiais. Se não melhorar, dedique-se a jardinagem. Será melhor a sua saúde.*

75 a 80 *Você é muito bom! Não é talvez o assassino perfeito, mas devo dizer que se o padre Brown, por exemplo, tivesse de persegui-lo, faria o melhor se convocasse o auxílio de Lord Peter Wimsey ou Sherlock Holmes, ou de ambos. Você traça seus planos com habilidade, mas é fraco nos detalhes. Talvez seja dessas pessoas que deixam cinzas de cigarro espalhadas no local do crime, mas retiram as pontas de cigarro e os copos de vinho pouco antes da chegada do marido dela.*

81 a 90 *Excelente! O criminoso perfeito! Faça o favor de enviar-me seu endereço, para o caso de alguns de meus amigos, especializados em escrever romances policiais, precisem de descobrir algum meio de evitar que o seu assassino vá para a cadeira elétrica. Vou mandá-lo à sua casa. Mas não faça do assassinato um hábito. Lembre-se que não é um profissional, mas um amador muito esforçado. Faça os seus crimes com moderação — em caso contrário, ficará enfastiado. A produção em massa depende da personalidade e da habilidade do indivíduo.*

CONFORME foi divulgado pela REVISTA DA SEMANA em seu último número, em sensacional "furo" jornalistico, houve deveras desfalque na Confederação Nacional do Homem do Norte, o que corrobora as declarações feitas à nossa reportagem pelo artista Luís Gonzaga. O desfalque, levado a efeito por ocasião dos festejos carnavalescos do corrente ano, ficou encoberto até ao momento, porquanto os diretores do CNHN, que dêle tiveram conhecimento, segundo afirma o sr. Pedro Pessoa Cavalcanti — diretor-geral da Entidade — não acharam "interessante" divulgá-lo, ou tomar as medidas legais que o caso exigia. Por êsse motivo, o culpado, que lesou não só a Confederação mas também o povo que contribuiu fartamente na campanha pró Casa do Imigrante Nordestino, está solto e vivendo pacatamente na Capital da República.

Procuramos esclarecer, ao máximo, a questão e passaremos ao refato do que sucedeu, após a entrevista em que Luís Gonzaga fêz graves acusações à Confederação e à sua diretoria.

"ÊSSE ASSUNTO NÃO E' DA ALÇADA DA IMPRENSA"

Cientes de que o sr. Pedro Pessoa Cavalcanti era o diretor da Confederação Nacional do Homem do Norte que estava mais a par dos assuntos relativos às atividades dessa organização, e que fôra a pessoa que convidara Luís Gonzaga para cooperar na campanha pró Casa do Imigrante, procuramo-lo. E assim, agimos com o intuito de esclarecer a questão, colocando os devidos pontos nos "ii", uma vez que o crime — furto — importava não só na desmoralização da CNHN, como também na aplicação de medidas saneadoras, que viessem punir os culpados, como exemplo às pessoas que se locupletam à sombra do sofrimento alheio e da boa fé de seus semelhantes, fazendo da caridade um prático e confortavel meio de vida.

Encontramos o sr. Pedro Pessoa Cavalcanti na sede da organização beneficiente e entramos logo no assunto, explicando-lhe quão graves eram as acusações de Luís Gonzaga e que elas exigiam um esclarecimento.

— De fato, houve desfalque! — disse-nos calmamente o sr. Pessoa Cavalcanti, respondendo à nossa primeira pergunta. — Todavia, não penso que êsse assunto seja da alçada da Imprensa, nem que deva ser ventilado, pois trata-se de uma questão de "economia domestica" que já foi resolvida, e deve ficar entre nós da Casa. Aliás, julgo



MAUS ELEMENTOS...
— Luís Gonzaga está cercado de gente que vive à sua sombra, catando suas migalhas. Gente que o induziu a fazer essa acusação. Não sei como o rapaz se despersonalizou assim!



FECHAR, NÃO!
— Quem fecha e abre a Confederação sou eu, mais ninguém. E isso quando vou para casa descansar de tanta confusão!

CONFIRMADO O DESFALQUE

"NÃO QUERO ACUSAR O CULPADO"

DIZ PEDRO PESSOA CAVALCANTI

AINDA O PALPITANTE CASO DA "CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO HOMEM DO NORTE" ★ "ROUPA SUJA LAVA-SE EM CASA" ★ ENCOBERTO O DESFALQUE DESDE O CARNAVAL ★ A POLÍCIA DE NADA SOUBE ★ "NÃO E' ASSUNTO DA ALÇADA DA IMPRENSA" (?) ★ LUDIBRIADO O POVO, POIS O DINHEIRO FURTADO FOI FRUTO DE DONATIVOS ★ "TIRARAM VÁRIOS MAÇOS DE NOTAS DE QUINHENTOS CRUZEIROS DA MINHA GAVETA" ★ FUGIU PARA O RIO

Reportagem de DOMINGOS DE LUCCA JR. Fotos de DARIO TERINI

que o senhor não deve levar tão em conta as declarações de Luís Gonzaga, pois êle, a despeito de ser um bom camarada e a quem estimo, está cercado de gente perversa, que deseja ver a Confederação sossobrar.

"Por sinal, eu já o avisei. — Pedro Pessoa Cavalcanti tomou um ar sério e prosseguiu, fitando firmemente o repórter. — Êste caso já está resolvido. Os senhores jornalistas devem escrever tudo que produza bons efeitos, que construa ao invés de destruir. O próprio Luís, por ocasião do desfalque, concordou comigo e deu o caso por encerrado. Não sei porque, agora, está fazendo essas coisas... Acho melhor não darmos publicidade a tal fato, pois está tudo sanado e a Confederação vai indo muito bem. Estamos, mesmo, esperando grandes subvenções governamentais, com o que lhe daremos maior impulso. Ademais, eu não gostaria de ver nossa diretoria sofrendo publicidade gratuita, pois nela há membros desembargadores, deputados, advogados, que poderiam ficar sentidos com o fato. Os repórteres — repetiu com ênfase — devem construir, escrevendo para o bem e nunca para o mal".

Escutamos, atentamente, o entrevistado e explicamos-lhe, então, que, por isso mesmo, devem os jornalistas ser os fiscais das ações públicas e privadas que possam afetar ou prejudicar a vida em sociedade e destruir o pouco de fé



FALA LUÍS GONZAGA

— O leilão americano que fiz do meu chapéu de couro, em Londrina, rendeu dez mil cruzeiros. Êsse dinheiro e mais 15 mil dos recitais, tudo dei aos necessitados.

que os homens têm, uns nos outros. E que um caso como o presente, que implica em desfalque em uma entidade beneficente, era da alçada não só da Imprensa mas também da polícia.

Voltando-se para nós, o sr. Cavalcanti exclamou:

— Eu compreendo, mas já que o caso ficou resolvido entre nós, para que reavivá-lo? Isso poderá causar prejuizos à Confederação, não acha?

— Concordamos com o senhor — dissemos-lhe — todavia, terá que nos dar algumas explicações sôbre o sucedido, porquanto a polícia poderá se interessar pelo caso.

— Como assim? Se nada fôr escrito, se nada for publicado, o caso estará encerrado.

Explicamos, então, que a reportagem contendo as acusações do "Rei do Baião" já fôra enviada para o Rio e estava em vésperas de publicação. Ao que parece, êle não ficou muito satisfeito com a nossa revelação e muito menos com os "flashes" que Terini explodia, de quando em vez, pois chegou mesmo a pedir que não lhe tirasse mais fotos.

POUCOS DIRETORES TRABALHAM, NA CONFEDERAÇÃO

Daí por diante, o sr. Pessoa Cavalcanti passou a contar-nos uma série de coisas sôbre a Confederação, fazendo ressaltar seu papel, seus benefícios e afirmando, outra vez, que muita gente de nome fazia parte da diretoria.

Perguntamos-lhe, à queima roupa, se a diretoria era ou não incapaz, como dissera Gonzaga. Pessoa Cavalcanti voltou-se na cadeira, parecendo não se sentir à vontade, mas respondeu:

— Não é bem isso. Não que seja inepta ou inconsciente... porém, pode-se dizer que abusaram da sua boa fé.

— Mas a organização é perfeita? — perguntamos. — Todos os membros dão sua parcela de trabalho para seu bom andamento? Como houve o desfalque se, como nos diz, há um Conselho Fiscal?

— Foi falta de prática — fêz o entrevistado. — Verda-



RESPONSAVEL

— Sim, o responsável único pela Confederação sou eu!



ÊSTE E' O PLANO...

— Ninguém sabia do desfalque e seu autor já está longe...



NÃO ACREDITE EM LUÍS!

— Êle concordou comigo em esquecer o desfalque e agora...

de é que o desfalque foi descoberto muito tarde. Vou contar-lhe. Eu, sabendo do "cartaz" de Luís Gonzaga, procurei-o e pedi que colaborasse conosco, ao que prontamente êle acedeu. Prontificou-se a dar festivais, bem como a tocar nos bailes carnavalescos que planejavamos realizar.

Falei com o Prefeito e consegui, gratuitamente, os salões do Trianon para a instalação do "Forró de Mané Vito". Concederam-nos várias isenções e houve até uma companhia particular que contribuiu com vinte mil cruzeiros, em espécie, por não poder fazer abatimento nas bebidas que nos forneceu. Fizemos os cálculos e orçamos em perto de seiscentos mil cruzeiros a renda dos bailes carnavalescos. As pessoas encarregadas do bar, chapelaria, bilheteria, porta, etc., eram nossas amigas, e nos auxiliaram gratuitamente.

"O primeiro baile foi um fracasso. Resolvemos, por êsse motivo, baixar o prêço dos ingressos e, mesmo assim, a renda total de todos os dias não alcançou cem mil cruzeiros!

Findo o Carnaval, veio o acêrto de contas. Todavia, no bar, as coisas não haviam andado bem. Surgiram contas fabulosas da consumação do pessoal da polícia, da orquestra, etc. Mesmo assim concordamos, porém, dias após, quando deveria o dinheiro entrar em caixa, o responsável pelo bar correu a dizernos que vários pacotes de cédulas de quinhentos cruzeiros haviam sido furtados de sua gaveta. Investigamos e chegamos à conclusão de que era êle mesmo o autor do pseudo furto. Sabiamos que êle necessitava de dinheiro, pois, dias antes, pedira-me mil cruzeiros emprestados.

Depois disso, êsse senhor embarcou para o Rio e nós resolvemos não tocar mais no assunto. Falei com Luís Gonzaga e, de comum acôrdo, enterramos o acontecido. De nada adiantaria processarmos o rapaz. O fato estava consumado e o melhor seria esquecê-lo e continuar trabalhando".

LUÍS SAI DA CONFEDERAÇÃO

Prosseguiu o sr. Pessoa Cavalcanti, dizendo que a prova de Luís haver concordado fôra sua viagem a Londrina, após ter conhecimento do furto.

Lembramos, aí, que os vinte e cinco mil cruzeiros conseguidos com os dois recitais dados em Londrina — inclusive o leilão do chapéu de couro de Gonzaga — haviam sido distribuidos pelo Rei do Baião e não pela Confederação.

Todavia, Pessoa Cavalcanti mantêve sua assertiva.

— Luís abandonou a Confederação depois de ir duas vêzes a Londrina. E eu sei por que. Não foi por causa do desfalque, pois êle concordara em esquecê-lo. Êle anda é cercado de más línguas, que vivem à sua sombra, catan-

(*Continua na pág.* 49)

NÃO QUERO ACUSAR O CULPADO



FOLHEANDO OS RECORTES
— Isso não é da alçada da Imprensa. O caso do desfalque está encerrado...

ROUPA SUJA...
.. lava-se em casa. Isto é um caso típico de economia doméstica!

Entremês do Jovem Ator Apaixonado

Se alguém me perguntasse quando comecei a amar Palmira, eu relutaria em dar uma resposta. Porque, em verdade, creio que já a amava muito antes de vê-la pela primeira vez. Isto pode parecer disparate e muita gente achará mesmo que é um disparate. Mas, no estado em que me encontro, pouco me importa que acreditem ou não no que digo. Para falar a verdade, eu mesmo não sei explicar porque estou agora diante da máquina de escrever, batendo estas linhas de recordação, enquanto, lá fora, as crianças brincam nas calçadas e os sinos das igrejas tocam o "Angelus". E vocês achariam mais absurdo ainda esta minha situação atual, se soubessem que sempre esta hora do anoitecer exerceu um fascínio poderosíssimo sôbre mim. Foi sempre nesta hora, em várias idades, que tomei as minhas mais serias resoluções — o que não impede, diga-se de passagem, que estas resoluções me deixassem em maus lançóis, muitas vêzes...

Mas vamos ao que importa. Não sei se já disse que sou ator. Um ator, não sei se é preciso explicar, é um gajo que às vêzes larga a dizer coisas estranhas, frazes, "bifes" inteiros que nada têm a ver com seu estado interior e que muitas vêzes se apresenta nas táboas de um palco vestido de Príncipe quando mal tem com que tomar uma média, no café da esquina, quando o pano cair. Pois eu sou um ator. Justiça será acrescentar que não sou tão conhecido como o Sergio Cardoso, Laurence Olivier ou o Jean-Louis Barrault. Para falar a verdade, só apareci até agora em três papéis. E dizem que eu tenho jeito para o negócio. E eu concordo com êles, sim, concordo. Se isto não fôsse eu não teria largado a provincia pacata, lá na fronteira com o Uruguai, onde era um sujeito extraordinário, apontado na rua quando passava, para me meter nesta imensa massa anônima de Hamlets em potencial que se encontram religiosamente, diariamente, para falar mal dos espetáculos que vemos e que deixamos de ver.

Novamente me afastei do assunto. Dizia antes que estava enamorado. Monstruosamente enamorado, é a palavra exata. E agora que já não mais a tenho ao meu lado e que creio que ela absolutamente não mais volatrá, posso escrever estas coisas para desafogar.

Se necessário fôr um ponto inicial, direi que tudo começou naquela tarde em que Ulisses (o primeiro gênio do teatro brasileiro, segundo êle mesmo diz) convocou seis camaradas (três moças e três marmanjos) para lerem uma peça que havia escrito. Isto não parecia ter muita importância, vez que Ulisses já escrevera nada menos que dez peças e tôdas elas nunca haviam passado da leitura inicial. Jamais viram o palco, pelos menos enquanto Ulisses achou que era um sujeito genial e que o teatro não existia enquanto não desse a palavra de ordem. Bom, isto também não interessa. O certo é que naquela tarde, seis pessoas sentaram-se na primeira fila de um auditório emprestado, Ulisses sentou-se numa cadeira baixa, em frente, e tocamos a ler as sessenta e tantas páginas do drama. Eu tomava parte no início do primeiro ato e em todo o terceiro ato. No segundo ato, enquanto a turma lia, eu puxei um cigarro do bôlso e recostei-me na cadeira para pensar num meio de conseguir seiscentos cruzeiros para pagar o quarto em que morava. De repente, distinguí entre as vozes, uma voz estranha aos meus ouvidos. Espere aí. A 1ª mulher, era Joyce; a 2ª, Irene; a 3ª ..., aí estava a interrogação. Levantei-me nos côtos dos braços e vi uma garôta loura, pequenina, de lábios finos, voz doce... Quem era? Catuquei Jorge, ao meu lado.

— Quem é essa gaja?

— Sei lá. Coisa do Ulisses.

Armando, também, não sabia quem era. A verdade é que a pequena, sem que sua voz tivesse a beleza de Joyce, nem a gravidade de Irene, mostrava qualquer coisa muito parecida com isto que todo mundo reconhece como personalidade. Armando sabia seu nome: Palmira. Como a quase totalidade das pessoas que moram no Rio, não era carioca. Parece que viera de São Paulo. Foi quando cheguei nêste ponto que notei os olhos de Ulisses banhando Palmira com um gôzo quase satânico. Revoltei-me contra aquilo. Mas não tanto a ponto de deixar de reconhecer que eu estava fazendo papel de palhaço em tôda aquela história. Mal conhecia a garôta, ou melhor, não a conhecia absolutamente...

Para encurtar a história, a leitura terminou antes das cinco da tarde. Ulisses falou longamente sôbre os personagens, invocou O'Neill, Stanilavsky, Copeau, Antoine e todo o cortejo que geralmente recordava nesses momentos. Depois, descemos todos para o café onde nos reuníamos diariamente. Eu, Joyce, Armando, Irene e Jorge seguiamos a menina loura (tinha tranças e não se pintava) que seguia na frente com Ulisses, o flamante autor de "Electra tem as mãos rubras de sangue", poema dramático em dez quadros, divididos em vinte cenas. Ulisses falava. Ela sòmente escutava, assentindo de vez em quando.

Só sei que, no café, arranjei um jeito de puxar conversas com Palmira. Ela me olhou nos olhos, como se eu fôsse um bicho raro, rarissimo, e respondeu com um sorriso delicado:

— Sim, cheguei há pouco, de fato. Três meses. Vim estudar teatro. Você é aluno também?

Sentí-me um tanto ofendido com aquilo. Eu já representara um dos principais papéis de "Macbeth" e julgava que todo mundo tinha a obrigação de saber disto.

— Trabalhei em "Macbeth".

— C'., Shakespeare?!

— ...no. Gosta dêle?

— Muito.

(Continua na pag. 45)

Novela de **PÉRICLES LEAL** ★ Ilustração de **JERONYMO RIBEIRO**





CAROL RICHARD e Duane Putzig, dois alunos do «Edison Institute», de Michigan, prontos para tomar parte nas comemorações das festas do 250º centenário da fundação de Detroit. Ambos estão com vestuários dos tempos antigos e êle monte êste tipo de bicicleta que era um amor de máquina há séculos passados.

UM PASSEIO PELOS VELHOS TEMPOS

O QUE FORAM AS COMEMORAÇÕES DO 250.º ANIVERSÁRIO DE DETROIT ★ OS ESTUDANTES MUITO CONTRIBUIRAM PARA AS FESTAS

Por JACK L. SMITH

A cidade de Detroit, Estado de Michigan, América do Norte, é uma das mais conhecidas do mundo, pelo surpreendente surto de suas indústrias, especialmente pelo nome do velho e inesquecível Henry Ford. Situada face a face com uma nesga de terras do Canadá, é emoldurada pelas águas mansas do lago Frie, o que lhe dá ainda prerrogativas de [illegible] cidade para turismo.

Seu nome é de origem francesa, pois foram franceses que por ali estiveram quando povoaram o Canadá. Se os norte-americanos tivessem veleidades de respeitar a pronúncia de nomes estrangeiros, já considerados nacionais, teriam que chamar *detruá* e não como dizem: *detróit*. Seja como fôr, a verdade é que a cidade de Michigan, pela sua situação geográfica, se desenvolveu de maneira espantosa, tornando-se pôrto lacustre de colossal movimento e ponto de convergência e distribuição de grande número de estradas de ferro, que circulam no país, e vão ao Canadá ou de lá chegam.

Detroit é uma rival de Chicago, a imensa metrópole que fica do outro lado do lago Michigan. Suas indústrias pesadas atingiram, em alguns anos, um desenvolvimento sem exemplo no mundo inteiro. Usinas enormes, de todos os metais aplicados à grande indústria, fábricas de todos os produtos metalúrgicos, grandes emprêsas de construção, tudo o de que uma poderosa e opulenta metrópole precisa, Detroit possui em grande escala.

Essa bela e laboriosa cidade acaba de completar o seu 250º aniversário de fundação. Dentre os programas levados a efeito, sobressaiu o que ficou a cargo de alunos do "Edison Institute School", com responsabilidade de estudantes de ambos os sexos. Todos os que ali estudam e se educam, tomaram parte nas come-



OUTRAS ALUNAS do mesmo famoso Instituto preparando-se para tomar parte ativa nas festas da passagem do 250º aniversário de Detroit.



ESTA É JACQUELINE MALLETE, também do Instituto Edison, de Dearborn, Michigan, Estados Unidos. Ela está «viajando» num elegantíssimo carro de linhas aperfeiçoadas e puxado por belo cavalo. Quem assim viajasse em séculos passados, estava no rigor da moda. Mas que não chovesse e ventasse., é clarro...

morações. Meninos de 10 anos ou moças de vinte, todos ficaram com uma tarefa e dela se saíram muito bem.

Mas não se pense que os alunos se limitaram a fazer uma passeata militar, com tambores e cornetas, pelas ruas principais da cidade, ou que se satisfizessem com uma sessão cívica encerrada com um baile. Nada disso. Os alunos realizaram o que só poderia ser feito pelos podêres públicos, se no Edison Institute não reinasse a maior determinação e vontade de vencer.

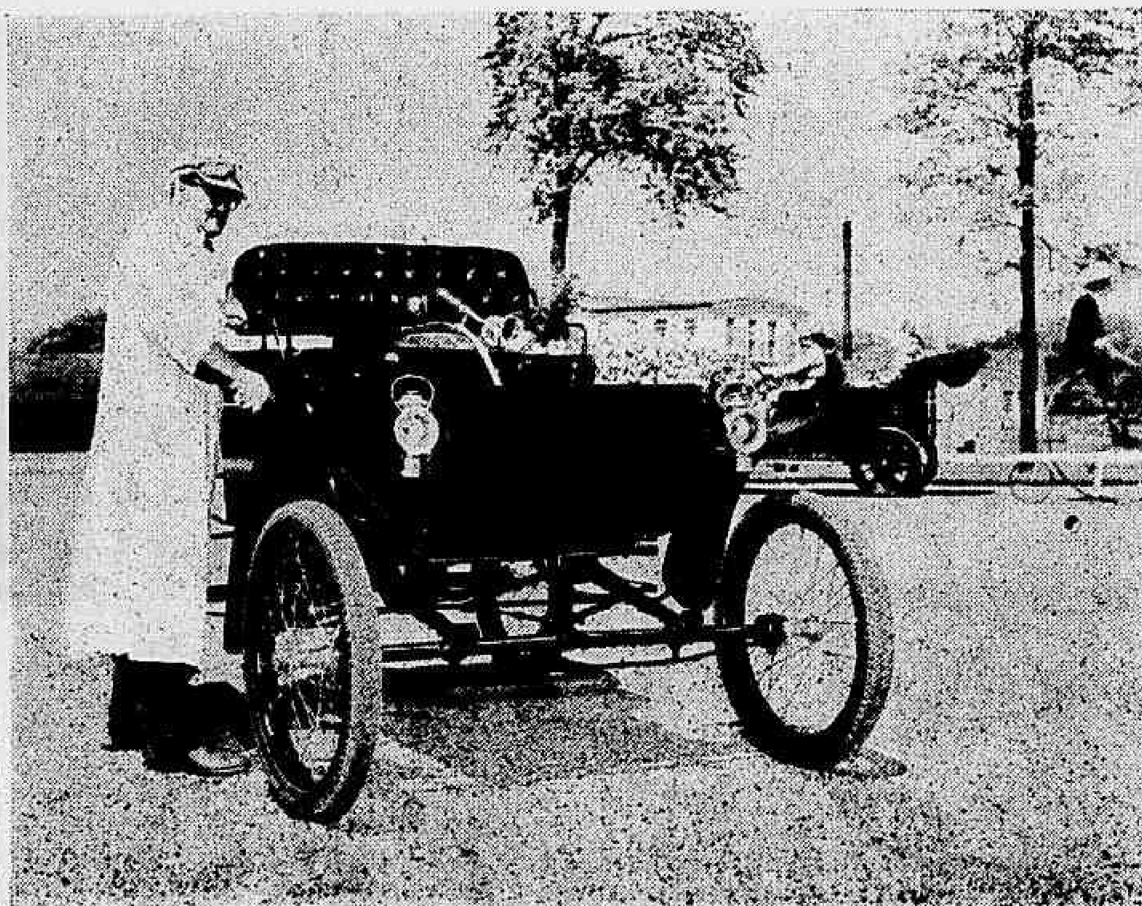
O que fizemos ùltimamente na Bahia, quando ocorreu o 4º centenário da fundação de Salvador, a mocidade de Dearborn, Michigan, realizou em sua terra, em homenagem à fundação de Detroit, há 250 anos passados. Todos êles, meninos, meninas, rapazes e moças, matriculados no "Edison Institute", organizaram um programa de festas externas, dando ao fato a maior amplitude e magnificência.

Tudo o que dissia respeito aos costumes, hábitos e usos antigos, êles puseram em prática, muito bem servidos pelos recursos técnicos e materiais do "Edison Museum", de cujos exemplares históricos se serviram para exibir na grande exposição-feira de Detroit.

Os alunos de ambos os sexos fizeram papéis de verdadeiros artistas. Aqui, uns que andavam em bicicletas-vovós, atraindo a curiosidade dos habitantes da cidade e dos turistas que



NO SÉCULO XIX era assim que as vovós ou as mamãs conduziam os seus queridos garotinhos. Esta aluna conduz um boneco, por segurança...

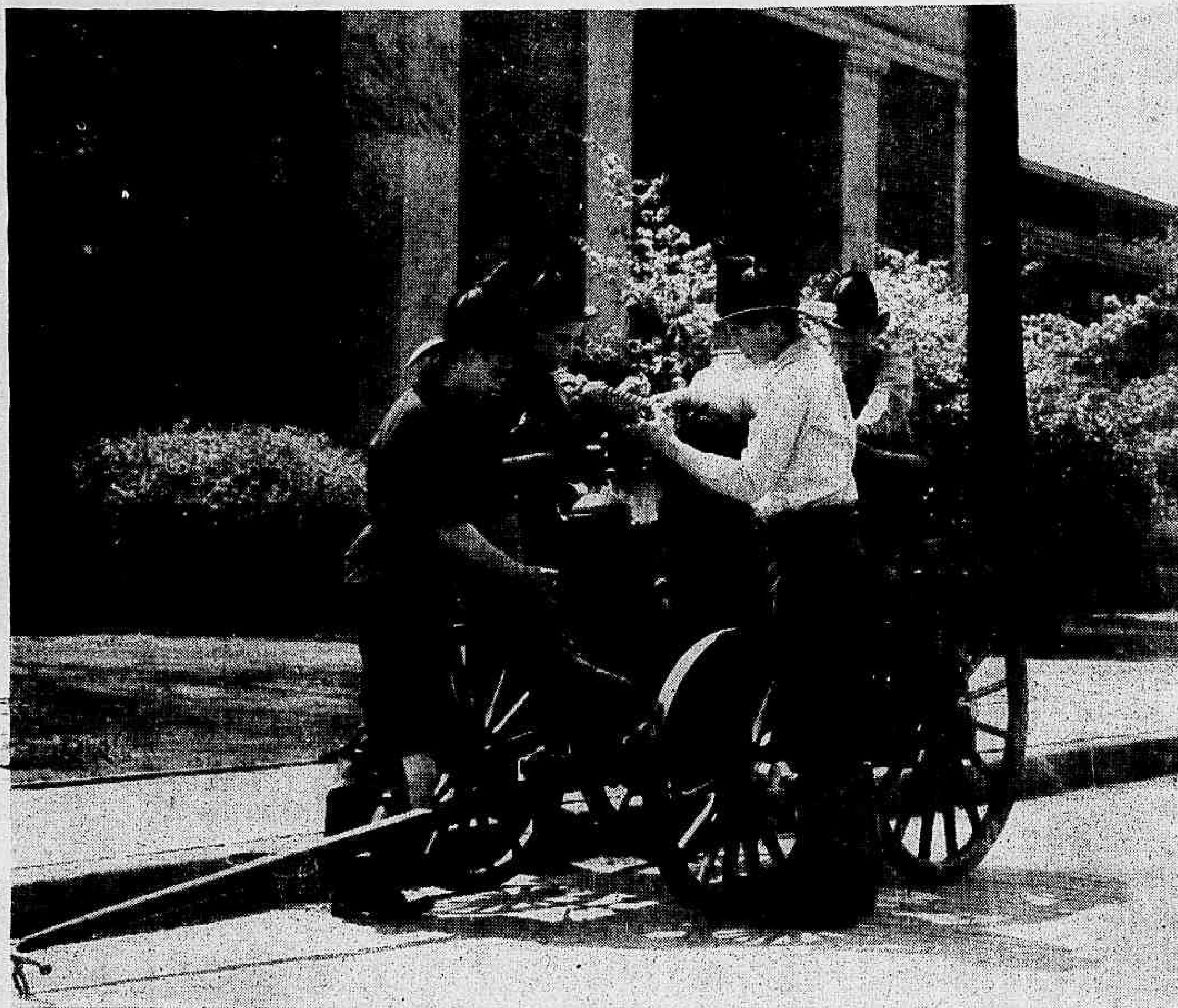


QUEM SERÁ CAPAZ de reconhecer neste magnífico automóvel, um «Oldsmobile»? Pois é verdade, se bem que não seja muito novo: modêlo 1902.





ESTUDANTES DO "EDISON INSTITUTE" obtiveram do "Greenfield Village Museum" êstes exemplares da vida social e industrial de velhos tempos, e, com os mesmos cooperaram nos festejos da cidade de Detroit.



QUE LUTA para fazer funcionar êste carro de bombeiros!! Mas o fogo era camarada e esperava algumas horas. Na outra foto, o comércio de pipocas nos fins do século XIX e começos dêste. A engrenagem era complicadíssima, naturalmente, e estava de acôrdo com os vestidos...



por lá andavam; outros, vestindo trajes de começos dêste século e dos séculos passados, se saiam com a mais perfeita elegância; outros ainda, dirigindo carros de tração animal ou guiando velhos modelos de automóveis, davam a impressão de que eram gente ressuscitada dos cemitérios e vinda até ali para divertir os viventes do século XX.

Muito contribuiu, para o maior êxito dêsse empreendimento estudantil, a riqueza de coleções do "Edison Museum". Sem isso, teria sido impossível reconstituir certos aspectos da velha civilização dos séculos XVIII e XIX, a não ser dispendendo-se muitos milhões de dólares e sem a exatidão e originalidade do que foi feito através do mesmo Museu.

A parada juvenil e da mocidade estudiosa de Michigan empolgou a quantos tiveram a felicidade de assistir às comemorações da passagem do 250º aniversário de Detroit. Mas, além dêsse desfile inesquecível e evocativo, o programa se prolongou por vários dias, tornando-se as noites um verdadeiro deslumbramento com a queima de fogos de artifício e intensa iluminação nos lugares apropriados. O desfile das relíquias da história americana despertou a admiração de todos. A indumentária dos indivíduos daqueles velhos tempos das diligências e da espingarda que se carregava pela bôca; as enormes bicicletas de rodas desproporcionais; os teares mais primitivos; as máquinas de coser ainda tão barulhentas e de pouco rendimento; as máquinas de fazer pipocas, verdadeiras montanhas de correias e ferragens, que mais pareciam um aparelho complicado para matar de susto algum animal selvagem; o interior de uma casa, com fogões fumarentos; o vestir de meninos, meninas e gente adulta; os carros de bombeiros, de forma hoje capaz de provocar o riso nos mais sizudos, tudo isso constituiu o mais belo motivo de evocação de um tempo já morto e cheio de saudades.

A decisão da mocidade estudiosa do "Edison Institute School" só louvores merece. Moças e rapazes, meninos e meninas conseguiram dar o mais belo espetáculo que se pode imaginar, sem orçamentos oficiais de alguns milhões de dólares o que seria necessário, evidentemente, pois se tratava de uma iniciativa que exigia tempo, capacidade realizadora e muito dinheiro. ●

O corpo de bailados da Escola exibiu-se maravilhosamente bem, executando números de danças dos tempos da colônia, quando os Estados Unidos eram uma possessão inglêsa. Tais espetáculos relembram tempos que não voltam mais e são páginas vivas de civilizações que se foram através do tempo. "Shows" muito bem treinados apresentaram canções e pe-

(*Cont. na pág. 45*)





VEJAM QUE MAGNIFICO GRAMOFONE aquêle aí em cima. Era a última palavra em máquina de falar. A "campana" dá idéia de que se trata de um telescópio. Nas restantes fotografias vemos a vida no lar, na costureira e em sapataria das mais chiques daqueles tempos.





UM RETRATO QUE A DESNORTEOU

A ESTRÊLA QUE SE ESCONDEU

ANNA MAGNANI TEM UM LEMA CURIOSO ★ UM DOS MAIS FORMOSOS ESPÍRITOS DA ITÁLIA ATUAL ★ PARA ELA NÃO HÁ LIVRO QUE SE COMPARE À BÍBLIA ★ HAVERÁ' EM TÔRNO DE SUA VIDA ALGUM DRAMA ÍNTIMO?





O nome da bela e talentosa estrêla do cinema italiano, Anna Magnani, estêve na ordem do dia quando os brasileiros assistiram ao grande filme "Roma, cidade aberta". Depois, em nossas telas não mais apareceu a renomada artista, cujos dotes físicos e intelectuais são uma garantia para o sucesso artístico de qualquer peça em que tome parte principal.

Onde andará atualmente Anna Magnani? Segundo reportagens feitas em Roma há pouco tempo, a encantadora Magnani está vivendo uma vida de mais reclusão do que de expansões sociais. Recolhe-se ao seu excelente e luxuoso apartamento do "palazzo" Altieri. Refestela-se em macio sofá em sua sala de estar, móvel que fica sob grande retrato seu pintado por Leonor Fini, em Paris, em 1950. Mas Anna Magnani não gosta de ver-se nessa reprodução das artes plásticas. Seu rosto é palidíssimo, olhar inquieto sob a franja irregular.

Em tôrno, tudo é bem pôsto com arte e gôsto naquela sala silenciosa e acolhedora. A um canto, o seu "Bechstein" de meia cauda, estantes de livros selecionados, jarros com flores, quadros, obras preciosas. Uma vista pela lombada dos livros e vemos os quinze volumes de Proust, a "Vida dos animais".





de Brehm, a "Vida de Garibaldi", bem como as últimas novidades italianas e francesas.

Pelas janelas entram as fragrâncias dos gerânios floridos que enfeitam o terraço, e em noites de plenilúnio, pode-se gozar, nesse sítio de encantamento e placidez, o espetáculo de suave luar no fundo negro do céu. Vendo-se a artista sob o palor dessa lua romana em céu de primavera, temos a impressão de que é ela uma estátua de deusa pagã dominando com o olhar melancólico a imensidão do infinito.

Sua palidez de magnólia, os seus olhos tristes e ligeiramente verdes, sua bôca de traços regulares e lábios sensuais, a expressar uma juventude eterna, completam os quadros que a natureza forma e podem ter como centro a figura dessa estrêla que parece desejar esconder-se para ainda mais excitar a curiosidade pública. E quando está enfadada de Roma, ela se encerra em sua vila de Circeu, "la mia vera casa", como costuma dizer aos que lhe perguntam onde mora. A estrêla gosta de passar bem e em sua cozinha pontifica o fiel e dedicado Francesco, autor de saborosos pratos.

Com os seus modos serenos e atenciosos para com ela, o velhinho Francesco prepara-lhe o almôço e o jantar com os maiores cuidados, a fim de que nada falte à boa alimentação de pessoa tão distinta e tão necessária ao desenvolvimento artístico da pátria comum. Francesco completa o ambiente do lar de Anna Magnani. Se não fôsse cozinheiro e mordomo, podia ser embaixador, tal o seu grau de educação social e as qualidades de espírito de que é dotado. No seu modo de falar percebemos estar diante de um homem finamente educado, socialmente perfeito. Tais atributos se condicionam ao ambiente plácido do lar de Anna Magnani.

Quando a patroa o deixa em sua casa de campo que domina o mar, o fiel Francesco fica de vigília à propriedade. Certa vez, ela lhe perguntou se êle não dormia nunca, tal o cuidado que demonstrava no papel de guardião daquele solar. E o velho Francesco lhe respondeu que lhe bastavam duas horas de sono por noite. Já não sou jovem e bastam êsses minutos no leito. Minha vida é calma, sem ambições, nem preocupações. Mesmo de olhos abertos e em vigília, é como se estivesse nos braços de Morfeu...

Anna é profundamente religiosa e confessa ter grande temor a Deus. Quando era pequenina, lhe diziam os seus educadores: "Não fazer mal, para não ter mêdo", ou melhor: "Quem não faz mal, mêdo não tem" (Male non fare, paura non avere). E essa bela sentença dos pais e educadores, se tornou o lema da grande estrêla italiana. Possuidora de grande cultura dramática e clássica, aluna das mais distinguidas da Academia de Arte Dramática de Roma, fêz rápida carreira teatral, com interrupção por alguns anos depois do seu casamento. Sòmente depois é que entrou para o cinema, embora nada lhe valha mais do que o seu filho de oito anos, Luca, um menino alegre e que já sabe cantar.

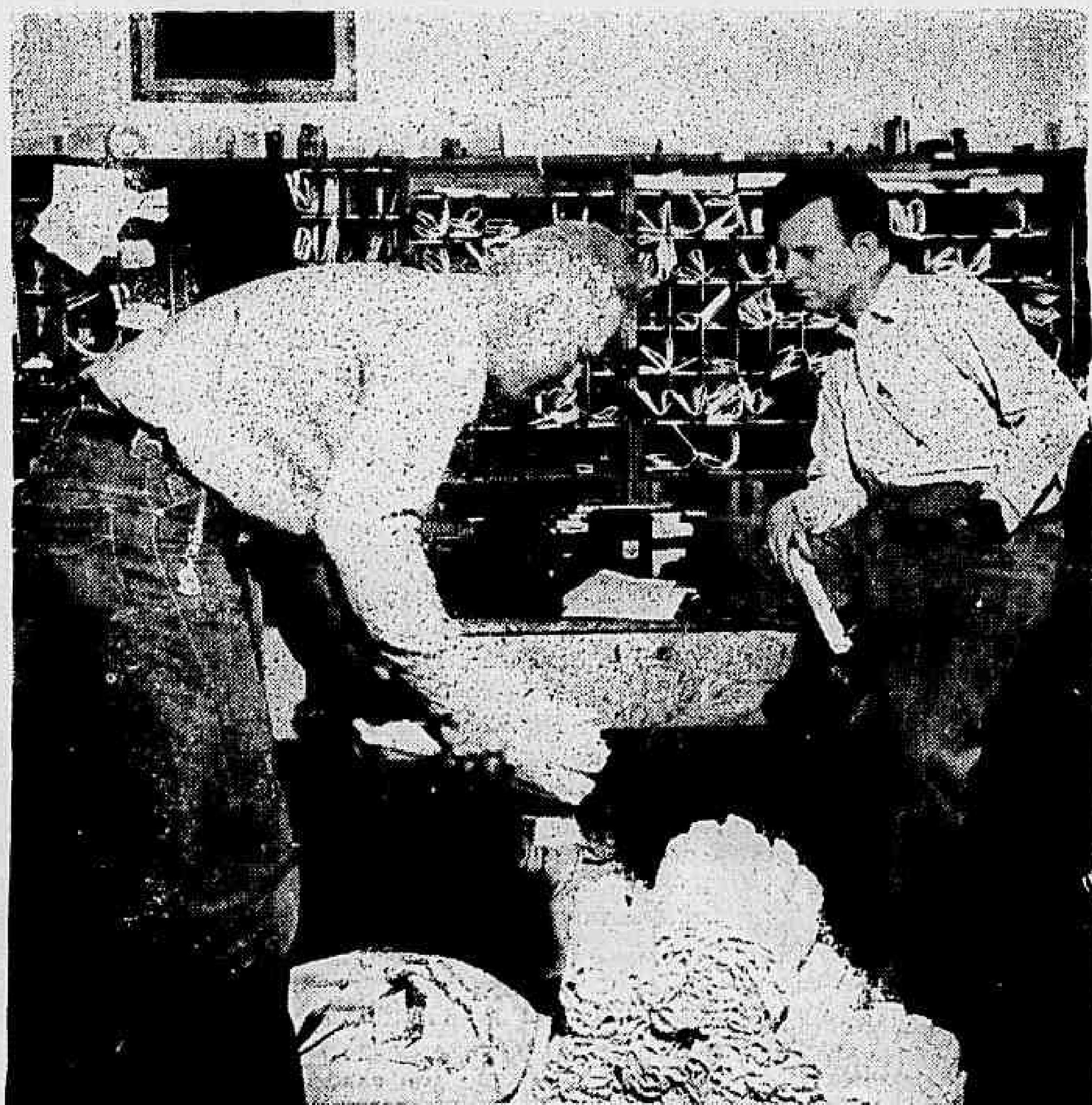
★

Da esquerda para a direita: Anna Magnani, a grande estrêla de "Roma, Cidade Aberta", em três pôses: ela no terraço do seu belo apartamento no palácio Altieri; com um vestido de noite, em 1950, e, por último, a bela artista italiana numa de suas atitudes melancólicas na sua luxuosa sala-de-estar.



O casal Spence e mais dois auxiliares são todo o pessoal do jornal de Pinedale. Fazem o trabalho de oficina e redação. Mas o povo da cidadezinha do Estado de Wyoming não fica sem saber o que há pelo mundo.

O JORNAL DO INTERIOR



Muitos dos leitores do «Pinedale Roundup» moram distante da cidade. E' preciso mandar-lhes o jornal à porta.

O pequeno jornal, a modesta fôlha diária, semanal ou mensal que circula nos centros mais ou menos populosos do interior, não é utilidade encontrada apenas nos países pouco civilizados: existe em tôda parte, como elemento de civilização que atua completando a ação dos grandes veículos publicitários. Êle vive como pode, de acôrdo com as circunstâncias, com os recursos locais e, ainda assim, presta enormes serviços. E, muitas vêzes, é até mais independente do que outros órgãos de grandes proporções e de maior renome. Neste momento em que um projeto infeliz, apresentado à Câmara dos Deputados, ameaça a existência da imprensa modesta da província, vale a pena citar um exemplo entre milhares que, de certo, se encontram espalhados pelo mundo.

Há, nos Estados Unidos, numa pequena cidade chamada Pinedale, um jornalista de nome Morton Spence. Morton não é milionário, não possui cadeias de jornais e não representa nenhuma fôrça considerável, que pudesse ser temida por governan-

tes ou altos funcionários do país. Possui apenas um jornal de província, chamado PINEDALE ROUNDUP, de orientação republicana, isto é, de oposição ao Govêrno, que é democrata. Se Morton elogia algumas vêzes o que acha certo, também critica desassombradamente o que acha errado.

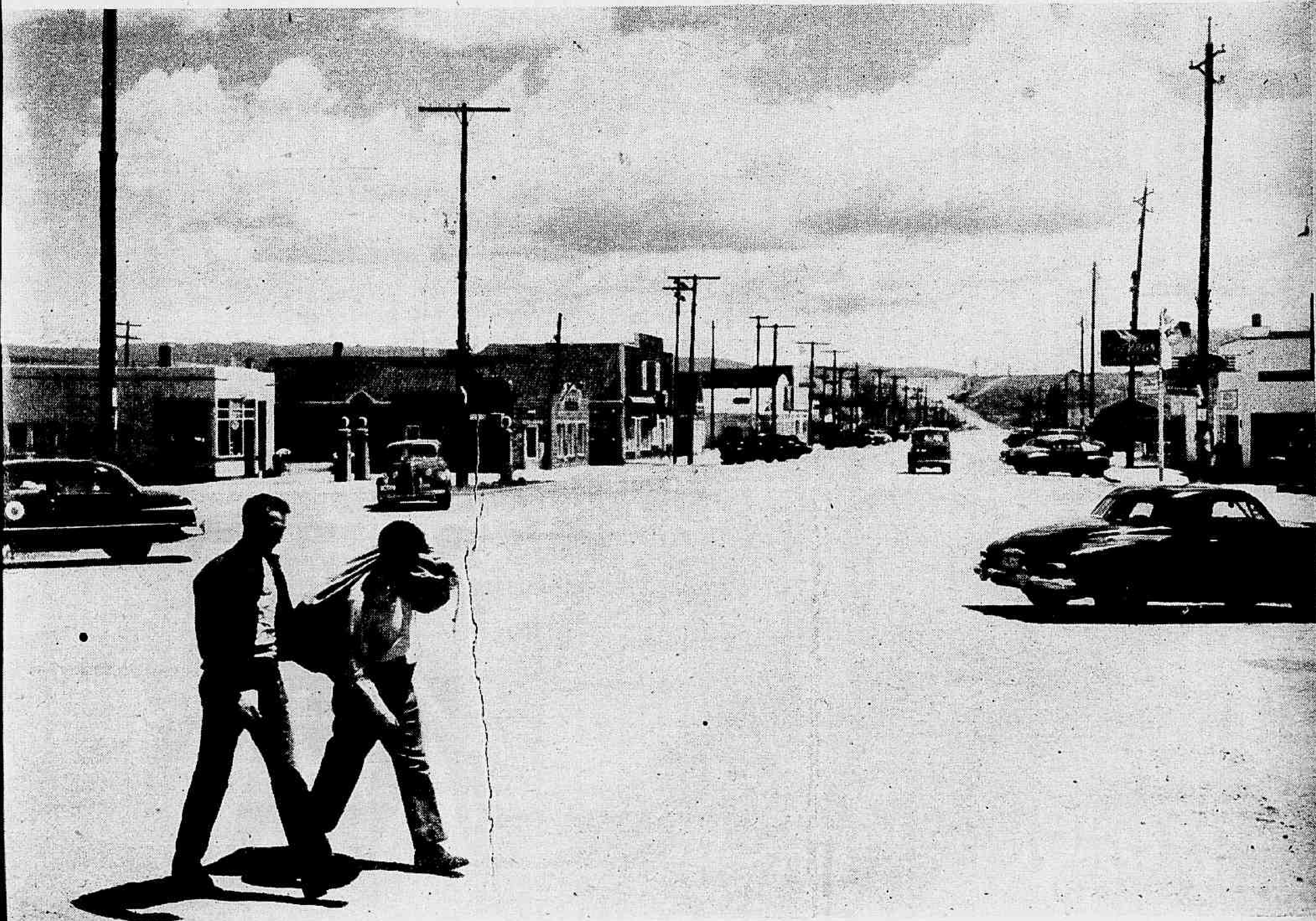
E como quem deseja possuir um jornal, nos Estados Unidos, não precisa de permissão governamental, Morton Spence e sua espôsa, por exemplo, iniciaram sua emprêsa jornalística com pouquíssimo capital, tendo por principais garantias o crédito pessoal e a Constituição norte-americana, que dá a tôdas as pessoas o direito de imprimir livremente o que desejam, sem interferência ou supervisão oficial.

Que será dos pequenos jornais e dos modestos jornalistas que vivem mais do próprio ideal do que dos proventos, no dia em que certas "pretenções" se fizerem sentir?

Depois que os totalitarismos modificaram o sentido da palavra "proteção", o protegido passou a ser um tolhido, um peiado, um moribundo...



Morton Spence e sua espôsa, donos do jornal «Pinedale Roundup», em cujas colunas a crítica é livre, contra ou a favor do Govêrno norte-americano.



Morton Spence, em companhia de um amigo, atravessa a rua principal de Pinedale, a caminho dos correios. E' a hora da distribuição de seu jornal.

INFÂNCIA

CONTO DE **WALDEMAR IGLESIAS FERNANDES**

LUFA-LUFA no quintal. Os dois irmãos já tinham levado todo o lixo para o terreno baldio defronte do cortiço. Joaninha varria furiosamente, levantando uma poeira medonha, mas fazendo o redor da mangueira transformar-se em terreiro limpo como o chão batido da casa.

O Chico, com ares de empresário, fazia buracos com o enxadão, ao lado de um monte de latas velhas e caixões de banha. Marcelino, o vizinho, com a cara enfiada no vão da cêrca, perguntou:

— Será que sai êsse circo?

E Chico suado, com expressão decidida:

— Você vai ver...

A mãe surgiu à porta da cozinha, lenço amarrado na cabeça, batendo a escumadeira na mão aberta e dando lambidas nela, experimentando se a sopa estava boa de sal.

— Essa criançada ainda me deixa louca. Coisa que dê lucro não fazem. E' só reinação de bôbo.

Mas Chico não ouvia a censura maternal. Desde que vira o Circo Garcia armado no largo da Feira, com seu pavilhão extenso e os cartazes coloridos, enfiou na cabeça a idéia de ter o seu, também. E pôs mãos à obra.

— Mãe, dá quatrocentão p'rá eu comprar papel de sêda para as bandeirinhas.

— Vá amolar outro! Você pensa que dinheiro cai do céu?

Mas os quarenta centavos saíam.

O pai, que era mecânico da Prefeitura, chegou carrancudo à tarde. Viu a horrível transformação no quintal.

— Desmanchem isso! Já!

Berros. Protestos. Lágrimas de Chico e Joaninha. E o pai inflexível.

Mas a mãe, interferiu:

— Deixa-os, Maneco. São crianças, que se distraiam.

O velho, preocupado com tanta coisa, jantou sossegado, e foi "bater um papo" no boteco do Ferrúcio. Cedeu.

Os dois meninos pularam de contentamento. Até ao anoitecer, trabalharam sem tréguas. A irmã recortava o papel, fazendo bandeirinhas. E o enxadão de Chico, pan-pan! no chão duro e sêco. O brinquedo idealizado prometia aparecer.

— Será que êsse circo sai?

— Você vai ver...

★

No dia seguinte, Chico foi cedinho para o grupo. Quando saiu, correu para a casa sem esperar os colegas para uma partidinha de "gude" ou assistir a algum "sururu" costumeiro nos fins de aulas.

Chegou a casa, apanhou a caixinha de engraxate, e foi andar pela praça pública, atrás de freguêses.

— Quinhentão a engraxada!

Velhos que passavam o dia em bancos do jardim como gatos modorrentos, estendiam-lhe as botas empoeiradas. Choferes que dormitavam em seus carros, esperando os telefones dos postes chamarem para um "corrida", mandavam-no passar lustro nos "pisantes".

Para grande júbilo do guri, os níqueis escorregavam-lhe para os bolsos. A mãe já prometera que a "féria" daquele dia seria para as despesas do circo.

Quando se viu desocupado, procurou o Nito, que engraxava no salão de barbeiro, onde ao fundo funcionava o "Chalé Favorita", cheio de vitrinas com bilhetes de loteria e revistas atrasadas vendidas a um cruzeiro cada uma, e exemplares d'"A filha assassina", "Os doze pares da França", e fascículos de "Helena, a heroína do amor".

— Nito!

O moleque estava sem freguesia àquela hora, lendo as aventuras do Capitão Marvel num encebado "Gibi". Depressa o atendeu.

— Olhe Nito, passe hoje lá em casa, p'rá eu mostrar o que estou fazendo.

Os dois sentaram-se no batente da porta do salão.

— Um circo formidável! Preciso de gente, de artistas, e quero que você me ajude.

A chama de entusiasmo contaminou o colega, como tocha perto de querosene.

— Eu passo lá, então.

★

Nito, Bilita, Serelepe, Tuca, a tribu engraxadeira da cidade, entupiram no dia seguinte o quintal de "seu" Maneco da Prefeitura. O Nito, cujo pai era carvoeiro, trouxe um monte de sacos de estôpa vazios para a cobertura. Serelepe e Tuca foram até à máquina de beneficiar cereais do Elias Turco, e arranjaram palha de arroz para revestir o picadeiro.

Até as fôlhas de zinco do coradouro da mãe de Chico, serviram também.

Passados dias, depois de muito suor, xingo e bôlhas dágua na mão, surgia o circo infantil meio bambo sôbre as estacas, ameaçando cair com o vento.

★

Você e mais seis moleques ficam sendo os anões. Joaninha será Branca de Neve. A Ditinha Preta será a bruxa. O príncipe sou eu.

Chico começava os ensáios. Iriam representar a pantomima "Branca de Neve e os sete anões". E havia palhaço também, que seria o Serelepe, que sabia dar cambalhotas como um quati.

Arranjaram um carneiro velho, meio cego, que iria servir de cavalo do príncipe. Roubaram dois ovos do galinheiro da preta Fortunata, para quebrar na cabeça do palhaço, e fizeram uma coleta, a fim de poderem comprar uma maçã de verdade, para dar mais realismo à cena de morte da heroína do drama.

Chegou o dia da estréia. De manhã na escola, a professôra registrou onze faltas no livro de chamada.

"Seu" Maneco, alma boa como os anjos, puxou o fio elétrico da cozinha, e com bico de luz enferrujado fêz uma instalação no meio da barraca. Estava tudo da "ponta da orelha".

Depois do almôço, a criançada foi fazer propaganda pelo arrabalde, com muita lata batendo e Serelepe dando saltos em frente do batalhão:

Circo Arrelia!
Dois palitos, uma criança
Gente grande
Uma garrafa vazia!

Poeira levantando no mormaço. Sol inclemente. Algumas mulheres largavam a cozinha e saiam às portas com a garotada semi-nua puxando pelas saias. Verdureiros largavam suas cestas e olhavam o rebolico. Até (para grande orgulho de Chico) o prefeito que passava de automóvel e ia ver o trabalho de calçamento de uma rua, parou o carro e olhou.

Circo Arrelia!
E' hoje! E' hoje! E' hoje!

(*Continua na pág. 49*)

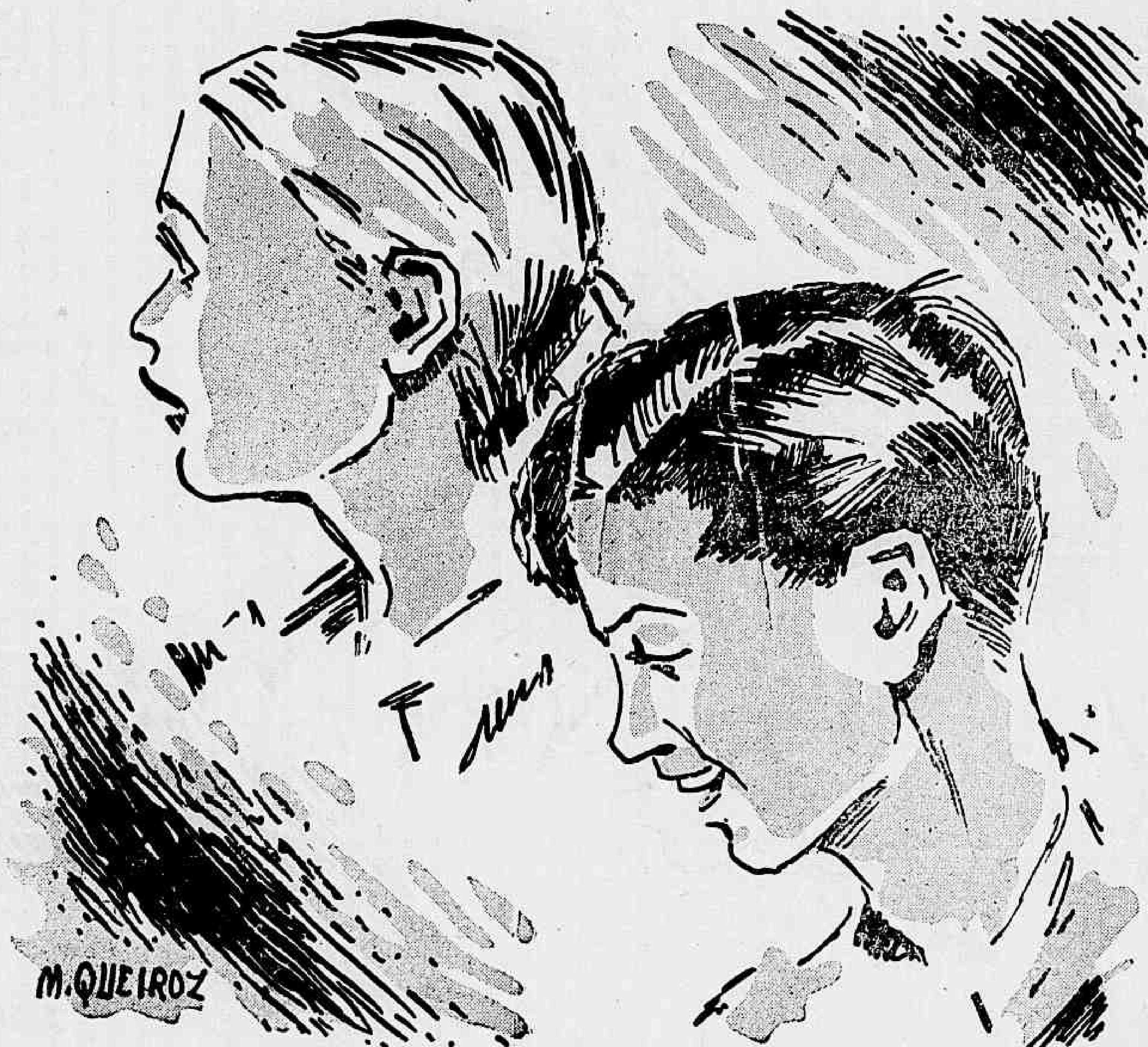


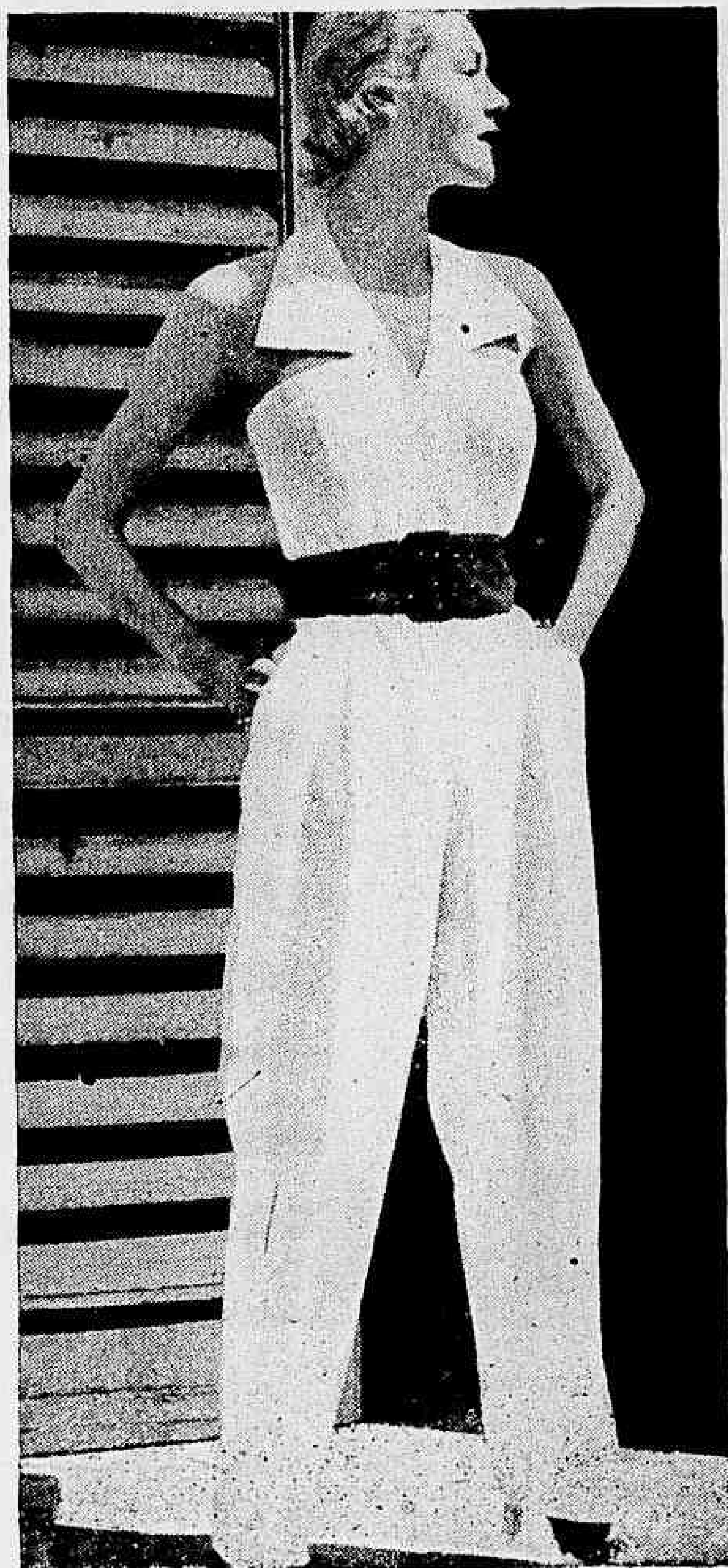
ILUSTRAÇÃO DE **M. QUEIROZ**





WEEK-END

AQUI estão alguns modelos interessantes, para as férias ou «week-end» no campo. Modelos confortáveis que tanto podem ser usados durante esta estação como no verão. Calças de panamá branco e casaco de mangas três quartos, em tecido escuro, dando um nó na frente. Elegante «slack» em tecido claro. Costas nuas e gola recortada. Calças de casemira escura e blusa de mangas três quartos, em fazenda de duas côres. Dois modelos simples, mas originais, em «shorts» para a praia.



UM POEMA

Oferecemos hoje às leitoras um poema, datado de Paris e que a autora, Françoise, nos remeteu especialmente para esta seção:

CROIRE

Que je voudrais croire.
Croire et ressusciter.
Croire.

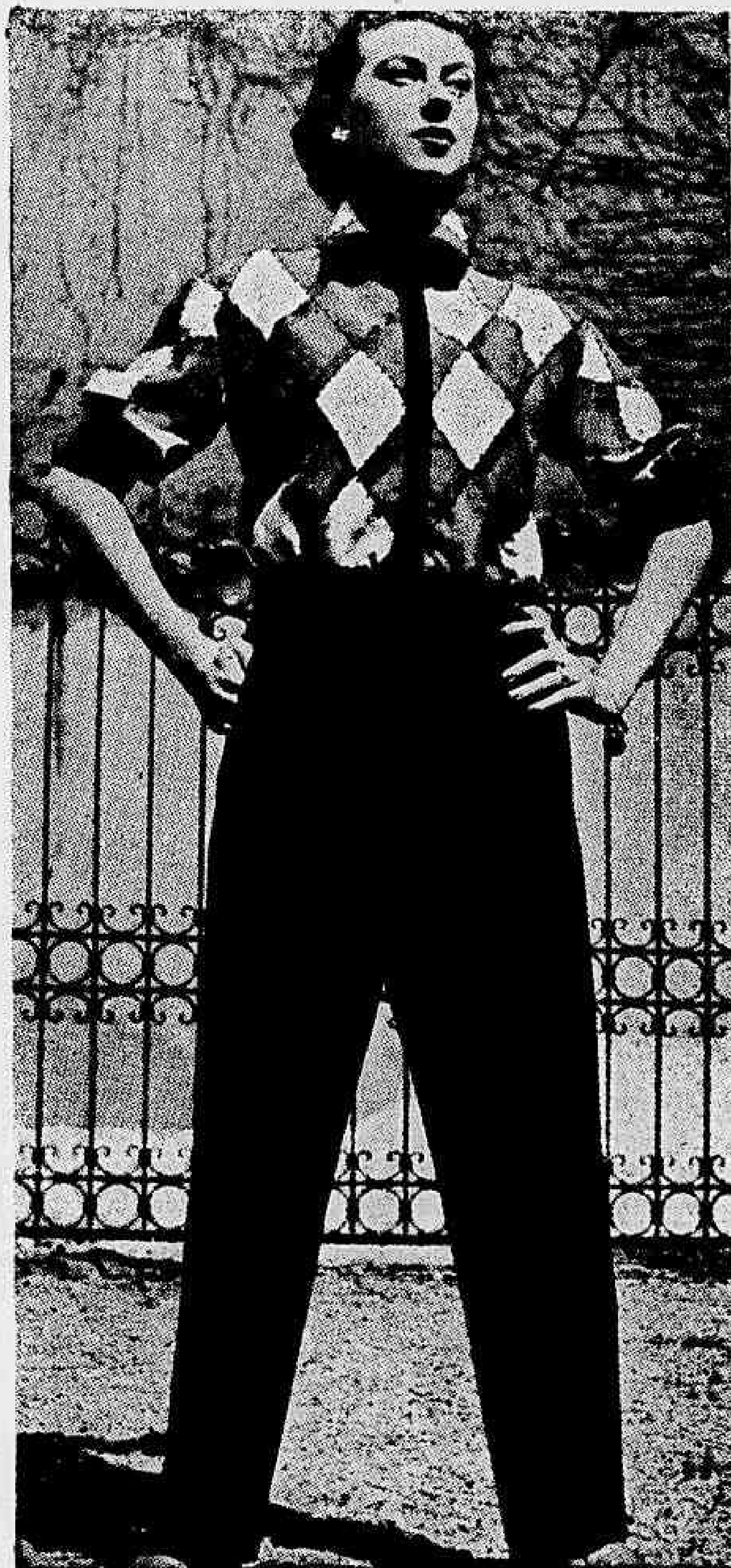
Que se taise le jour.
Que naissent et resplendisent
sur toutes choses vivantes
ton regard et ta voix!

Que chante la nuit.
Que passent et repassent
sur toutes choses endormies
ton sourire et ta main!

Que pénètre, fibres à flores,
la ferveur de ton amour.
Fibres à fibres, ma pensée inquiète,
mon coeur vivant et mort,
— mortellement tendre, mortellement évacui —
mes veines en feu et mon corps asoiffé.
Ah! que je voudrais croire.

Pela publicação,

LYSE



TAILLEURS PARA VIAGEM



DURANTE qualquer viagem, por menor que seja, são necessários trajes adequados, elegantes e simples. Esta coleção de modelos adapta-se para tais ocasiões. Todos os «tailleurs» destacam-se pelas linhas sóbrias e elegantes, são geralmente de fazendas escuras e corte simples, permitindo ampla liberdade de movimentos.







DRAPEADOS E PLISSADOS

SEM dúvida, drapeados e panos plissados são muito usados nas toilettes para tôdas as estações. Aqui estão algumas sugestões: Costume com casaco curto, com aba arredondada e saia godé plissada. Vestido sem alças, corpo comprido, abotoado, com duas abas viradas e saia godé plissada. Modêlo duas peças, com saia plissada, em sêda estampada. A originalidade dêste modêlo está no corpo cruzado, drapeado e nas mangas também drapeadas. Saia com pregas soltas.





ÊSTES MODELOS em lã, que aqui apresentamos, são quatro elegantes sugestões que oferecemos para os últimos dias da estação fria. Em cima, dois «tailleurs» em duas côres combinadas; em baixo, dois outros em côres lisas, um em tom claro e outro em tom mais escuro, ambos bastante elegantes e modernos.





WEEK-END

TRIPAS À MODA DE CAEN

Tome 1 kg de tripas, lave muito bem com limão, parta aos pedaços, cozinhe, escorra e guarde. Cozinhe um mocotó em água, sal, cebolas, cheiro e tomates, parta aos pedaços, retire os ossos, e guarde a água onde foram cozidos. Arrume numa panela de barro, intercaladas, camadas de tripas, de mocotó, de rodelas de cenouras, de toucinho inglês, em tiras e de rodelas de cebolas. Junte ao caldo do mocotó, 2 cravos, ½ dente de alho socado, 1 ramo de cheiro, 1 galho de aipo, 1 fôlha de louro, algumas pimentas malaguetas, 1 xícara de vinho branco, 1 cálice de boa aguardente e despeje por cima de tudo. Tape bem a panela, colocando a tampa com um pouco de farinha de trigo amassada com água e deixe cozinhar ao fogo fraco durante umas 3 horas. Sirva bem quente, e na própria panela, que deve ser envolvida por um guardanapo bem engomado.

PASTÈIZINHOS RÁPIDOS

Dissolva 4 colheres de farinha e 2 xícaras de leite e sal; deite às colheradas em banha quente, deixe lastrar, ponha em cima um pouco de picadinho com dois ovos picados, enrole e arrume numa travessa. Regue com manteiga derretida e leve ao forno para tostar, ou então cubra com môlho de tomate grosso.

BIFES COM MASSA

Faça 12 bifes de môlho. Leve a ferver 2 xícaras de leite com 2 colheres de manteiga. Quando levantar fervura, despeje de uma só vez 1 xícara de farinha de trigo. Mexa fortemente para não encaroçar. Quando despegar bem, está pronto. Despeje sôbre uma pedra mármore para esfriar. Estando bem frio, misture 2 ovos inteiros, e vá amassando com farinha de trigo até a massa ficar fácil de se trabalhar, então tire aos bocados, corte com a mão, deite no meio de um bife escorrido, envolva o com a massa, endireite os lados com a faca, passe em farinha, frite em banha quente e deite em papel pardo, para desengordurar. Côe o môlho dos bifes, engrosse com ½ colher de farinha tostada em ½ de manteiga e 1 cálice de vinho e sirva bem quente, na molheira.

CREME RUSSO

2 gemas, 100 gr de açúcar, algumas colheres-de-sopa com rum, uma pitada de nozmoscada, 1 xícara de creme Chantilly, biscoitos, 3 colheres-de-sopa com nozes picadas, 3 colheres-de-sopa com açúcar para torrar as nozes.

Derretem-se as 3 colheres de açúcar em uma frigideira, misturam-se as nozes, despeja-se a massa em uma assadeira untada, deixa-se esfriar e quebra-se em pedacinhos. Bate-se bem o açúcar com as gemas, junta-se, às colheradas, a nata bem batida, misturada com o rum, e a noz moscada e as nozes torradas. Enchem-se taças com o creme e colocam-se dois biscoitos sôbre cada uma.

PUDIM DE CHANTILLY

1/4 de litro de creme Chantilly, 1 xícara de xarope de framboezas, 15 gr de gelatina.

Mistura-se aos poucos o xarope de framboezas com o creme Chantilly batido e com a gelatina vermelha já diluída em pouca água. Põe-se êste creme em fôrma molhada e deixa-se endurecer. Depois de 1 hora, vira-se em um prato e serve-se com biscoitos finos.



MASSA DE STRUDEL

250 gr de farinha de trigo (de muito boa qualidade), 20 gramas de manteiga, uma pitada de sal, 9 a 10 colheres-de-sopa de água.

Põe-se a farinha de trigo em uma tábua, faz-se no centro uma cavidade na qual se põe a manteiga, o sal e água morna. Vai-se amassando até que a massa não grude mais e até que fique meio consistente e forme bôlhas. Coloca-se, então, num canto da tábua polvilhada com farinha de trigo e sob uma vasilha aquecida, deixando-se descansar meia hora.

BISCOITOS DO CONGO

200 gr de farinha de trigo, 1 ôvo, rum, 30 gr de açúcar, 20 gr de manteiga, 2 colherinhas bem cheias de fermento em pó, 30 gr de chocolate ralado.

Misturam-se todos êsses ingredientes com um pouco de água, forma-se uma massa que se estende em uma tábua polvilhada, e cortam-se diversas bolachinhas que se fritam em gordura quente. Polvilha-se com açúcar e canela.

NA COZINHA

FIGUINHOS DE AMÊNDOAS

200 gramas de amêndoas moídas, 8 gemas, 150 gr de açúcar.

Misturam-se as quantidades nas proporções indicadas, levando-as ao fogo para dar o ponto. Depois de frio, botam-se algumas gôtas de anilina verde para doce. Fazem-se docinhos, dando-lhes o feitio de figos pequenos. Para melhor imitar a fruta, faz-se com a anilina encarnada, uma cruzinha na base, colorindo, também, o cabinho.

BANANAS DE OVOS

12 gemas, um pouco de pasta de amêndoas, 12 claras finas, tâmaras.

Com as gemas fazem-se as cascas da banana. Põe-se uma colher de gema na clara fervendo e esparrama-se com a escumadeira para não ficar a capa muito grossa. Querendo fazer a banana recheada, põe-se um pouquinho de pasta de amêndoa ao enrolar. Pode-se,



também, com meia tâmara fazer as capas. Deve-se pôr sempre água fervendo na clara, para não engrossar.

SANDUICHES DE GALINHA

Recheio de galinha, maionese.

Passa-se numa das fatias, um pouco de recheio de galinha e na outra, maionese. Unem-se, cortam-se em qualquer formato e, para tornar os sanduíches mais picantes, pode-se acrescentar alguns pedaços de picles picado, na fatia que levou maionese.

GALINHA RECHEADA

Mata-se, de véspera, a galinha e apara-se o sangue. Tempera-se bem com todos os condimentos e deixa-se de môlho. No outro dia, passa-se-lhe manteiga em cima e leva-se ao forno, numa assadeira funda, na qual se deita todo o suco que ficar na vasilha onde se deixou a galinha de môlho. Acrescenta-se ainda um pouco de água e, se vai cobrindo, de vez em quando, com êsse caldo, derramando-o com uma concha; se secar, põe-se mais água no môlho. Quanto mais velha fôr a galinha, tanto mais môlho precisa levar, substituindo-se sempre por água, à medida que fôr secando. Com os miúdos faz-se o recheio, que se introduz na galinha.

MÔLHO SIMPLES

Carne, 1 galho de salsa, môlho de tomate, ½ colher de banha, cebola, pimenta vermelha.

Coloca-se um pedaço de carne com ½ colher de banha numa panela. Acrescenta-se um galho de salsa, rodelas de cebola, 1 colherinha de môlho de tomate, 1 pitada de pimenta vermelha e sal. Deixa-se fritar bem, até que a carne fique bem dourada.

Retira-se a carne e serve-se o môlho com nhoques e maçãs cozidas.

RISSOLES

Põe-se numa vasilha funda 3 xícaras de farinha de trigo com 1 colher de manteiga e despeja-se em cima, devagarinho e mexendo sempre, 3 xícaras de leite fervendo; continua-se mexendo para a farinha não encaroçar até que fique tudo misturado e frio. À parte faz-se um creme de camarões do seguinte modo: desmancham-se em 4 xícaras de leite 6 gemas de ovos e 2 colheres de maizena e leva-se a mistura ao fogo mexendo-se sempre até que se forme um creme, tempera-se êste de sal, juntam-se 1 colher de parmezão ralado e ½ quilo de camarões, cozidos e picados, em pedacinhos, misturando-se tudo muito bem. Abre-se a massa, com o rôlo, corta-se com a bôca de um cálice, em rodelas, põe-se um pouco de creme de camarões no centro de cada rodela, dobra-se e aperta-se as beiradas para que não se abram, passa-se cada rissole assim feito em farinha de rôsca, depois em ovos batidos, novamente em farinha de rôsca e frita-se em gordura bem quente. Servem-se os rissoles quentes, forrados com fôlhas de alface.

MADALENAS ESPECIAIS:

Bate-se muito bem meio quilo de açúcar com 13 gemas, juntam-se 400 grs. de manteiga, bate-se mais, acrescentam-se sempre batendo, 400 grs. de farinha de trigo e 50 grs. de fécula de batatas. Bate-se mais um pouco, junta-se 1 cálice de vinho do Pôrto e 7 claras em neve. Depois de tudo bem misturado, leva-se ao forno regular em forminhas untadas de manteiga.



PARA SOIRÉE sugerimos êstes dois elegantíssimos trajes. Em cima, temos uma criação em que se combinam harmoniosamente a sêda e a renda, em côres claras; em baixo, uma outra moderníssima criação, em tafetá cinza-pérola, com grandes botões dourados, de muito efeito, decote amplo.



Servem ÊSTES?



ELAS não param de renovar o guarda-roupa e quem não gosta muito é papai, enquanto ainda estão sob os cuidados dele. Depois, quem toma conta das contas (!), é o maridinho querido, um amor. Porque mamãe não desgosta de ver a filha, solteira ou casada, vestindo-se bem, melhor, sempre, que a filha de dona Fulaninha... Mas quando elas aparecem com o vestido novo, todos gostam. Pois então, aí tem oito modelos bem variados. Servem êstes, "brotinhos"?



Já está á venda!



PREÇO
Cr$
25,00

O ÁLBUM Nº. 3
DE "A CENA MUDA" PARA 1951

Contendo:

DEZENAS DE FOTOGRAFIAS
em côres e numa só côr.

DEZENAS DE BIOGRAFIAS
dos mais famosos astros da atualidade.

CINEMA ★ RÁDIO ★ TEATRO ★ MÚSICA

E MAIS:

4 ARTIGOS

★ O PÚBLICO QUER FILMES CEREBRAIS (**Gino Palmisano**)
★ CINEMA ARGENTINO (**Edmundo Lys**)
★ IMPORTÂNCIA DO CAMERAMAN (**Salvyano Cavalcanti de Paiva**)
★ A EVOLUÇÃO DO TEATRO CEGO (**Armando Migueis**)

4 PÁGINAS DE BOM HUMOR
(**Leon Eliachar**)

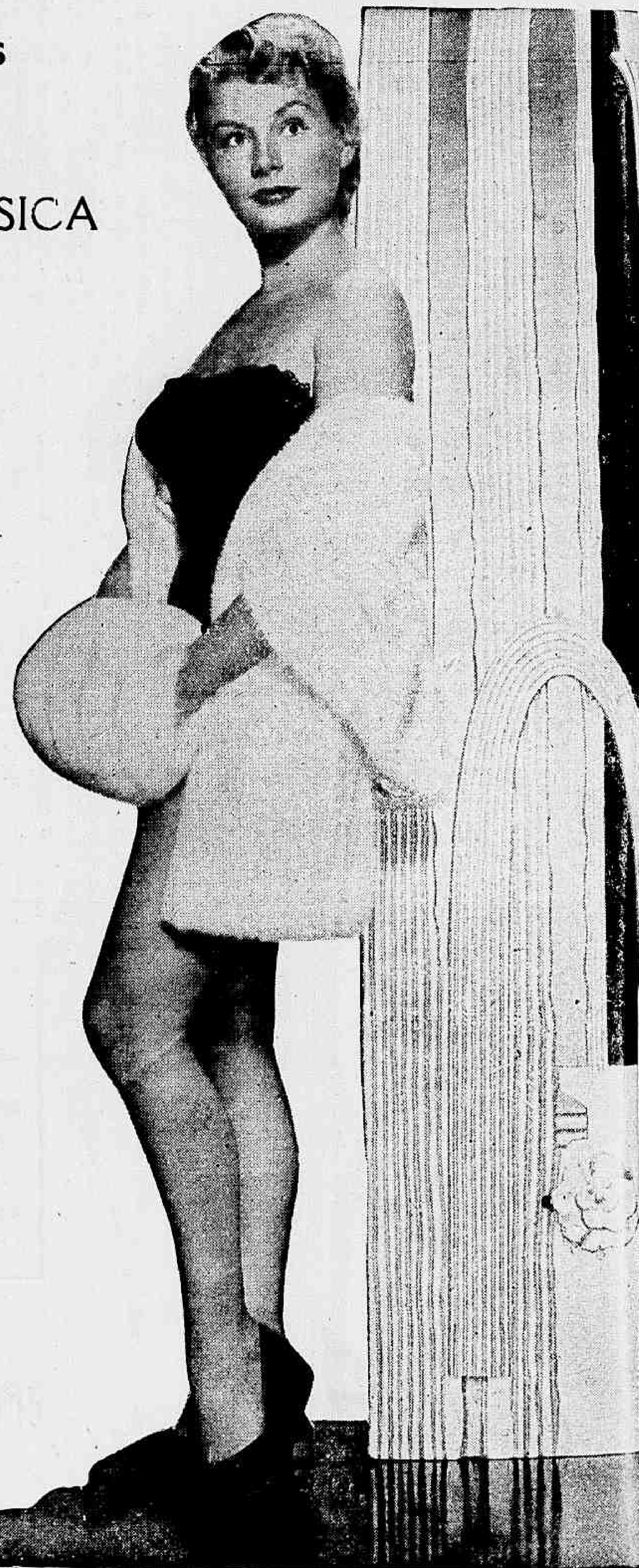
★ VIDA E MORTE DE UMA ARTISTA
★ A MULHER FATAL
★ A SECRETÁRIA
★ DEFINIÇÕES
★ ARGUMENTO PARA UM FILME FRANCÊS
★ ARGUMENTO PARA UM FILME ITALIANO
★ ARGUMENTO PARA UM FILME AMERICANO
★ ADAPTAÇÃO
★ FRASES CÉLEBRES

AS FOTOS QUE NINGUÉM OUSOU PUBLICAR
(nas páginas 31, 32, 33 e 34)



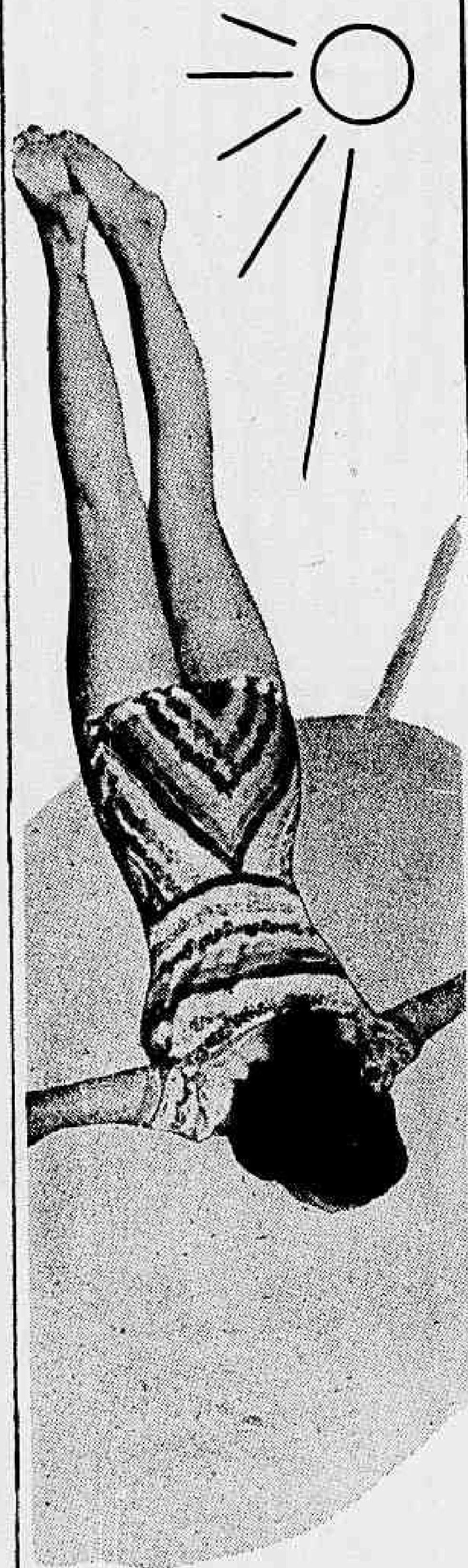
— [illegible] eu posso declarar, meu amor?
— Diga, querido!
— Já saiu o «Álbum de A CENA DE 1951»!

Se não encontrar no jornaleiro da sua cidade, peça pelo REEMBÔLSO POSTAL ou mediante VALE DO CORREIO
CIA. EDITÔRA AMERICANA
Maranguape, 15
Rio de Janeiro



NAS BANCAS DE JORNAIS DO RIO E DOS ESTADOS

Uma cousa...



exige outra:



Polvilho Antisséptico
GRANADO



DESODORANTE
CICATRIZANTE

ENTREMÊS DO JOVEM..

(Cont. da pág. 26)

— Sabe que você daria uma excelente Julieta?

— Você também acha? Todo mundo me fala nisto. E vou lhe confiar um segrêdo: tenho a esperança...

— Claro que você conseguirá.

Apesar disto, achei que ela era meio pedante.

— Gosta da peça do Ulisses?

— Parece-me que êle tem valor. E é tão moço ainda!

— Se deixar a malandragem, pode fazer coisas... — disse eu.

— Os artistas são assim mesmo. Muita gente não compreende. Ulisses é um intelectual, sabe?

Tive vontade de dizer: é mesmo? oh, eu nem sabia! Foi quando desconfiei seriamente que ela me achava burro. Tentei falar-lhe de teatro, para desfazer a impressão. Falei-lhe de Antoine. Ela sorriu.

— Pobre Antoine! Sabia tão pouco o que queria...

Odiei-a nêste instante. E de certo Ulisses também acharia o mesmo se ouvisse aquilo. A pequena danou-se a falar do teatro russo, de Mayenhold, das experiências do teatro de massas, etc., etc. e tal. Eu achava aquilo tudo muito fútil. Mas não queria falar nada para ela. Mesmo assim, saí dali com a pior das impressões possível.

Mas a gente não se apaixona por quem quer, esta é a realidade. E na primeira semana de ensáios, entre os gritos histéricos de Ulisses que berrava a todo instante para não matarem o têxto dêle, eu, saindo de vez em quando da casca de Egisto (um Egisto de bota e esporas), dava uma espiada para a pequena criada de Electra que pouco a pouco ia dominando as cenas em que aparecia ao lado de Joyce. Joyce também notou isto. E notou mais: que Ulisses procurava fazer sobressair as linhas dos diálogos da criada, acentuando as suas marcações. Como se pode ver, as coisas não caminhavam verdadeiramente ás mil maravilhas. Depois daquele primeiro encontro, Palmira me dava uma atenção mínima. E quando contracenava comigo tentava fazer o mesmo que com a Joyce. Eu compreendi muito bem a manobra e comecei a proceder em cada ensáio como se fôsse dia de estréia. Certo dia julguei que a garôta loura de tranças me olhava com ódio. Decidi que no fim do ensáio haveria de falar-lhe.

Mas o ensáio não chegou pacificamente ao fim naquele dia. Jorcy, despeitada com as manobras de Palmira e revoltada com a pouca atenção que lhe estava dispensando Ulisses, em determinada fala com a criada, como não soubesse de cór e Palmira reclamasse contra isto, atirou com as fôlhas da peça no rosto da outra e desandou num chôro convulso. Corri para consolá-la. E eu e Irene trouxêmo-la para uma das filas do auditório.

— Essa idiotazinha! Ela pensa que sabe mais que qualquer um de nós. Chegou um dia dêstes da roça, nunca pisou num teatro, e agora vem reclamar contra os companheiros. Não piso mais aqui enquanto Ulisses fizer o que está fazendo. Que mande sua Electra para os seiscentos diabos!

(Conclui no próximo número)

TEM A PALAVRA. . .

(Cont. da pág. 20)

mos documentários, que são uma lidima expressão de arte cinematográfica, alem de se tornarem um veículo de divulgação do país.

— E as leis de obrigatoriedade? Presentemente, cada cinema é obrigado a exibir um filme nacional de longa metragem, de dois em dois meses. Serão essas leis ampliadas?

— Certamente. Trabalharemos nêsse sentido, e bom será que, em lugar de seis filmes anuais, cada exibidor possa apresentar o dobro ou mais. Tudo depende, entretanto, do rítmo de produção.

— Outro problema: o da distribuição. Alguns produtores queixam-se de que a distribuição, tal como vem sendo feita, não lhes satisfaz, principalmente no Distrito Federal. Pleiteiam o direito de distribuir por conta própria os seus filmes, poupando-se à percentagem que essas entidades cobram, e que só deveria subsistir, alegam, para os Estados.

— Até certo ponto, é rasoável que as distribuidoras aufiram a percentagem também das exibições na capital da República. Melhor dito, essa percentagem deve abranger, coerentemente, todo o território.

— Finalmente: está satisfeito e confiante Alberto Cavalcanti esbóça um sorriso de otimismo:

— Se não estivesse, deixaria de assumir os encargos que tenho agora e que tendem a aumentar bastante. Creio no êxito dessa iniciativa e conto com a colaboração de todos, cada qual em seu setor. Examinaremos problema por problema e faremos do Instituto um campo de trabalho capaz de satisfazer a quantos, criteriosamente, colaboram pelo advento da indústria.

UM PASSEIO . . .

(Cont. da pág. 30)

ças antigas, quando Detroit mal despertava para a mais violenta evolução de progresso generalizado em todos os setores dos conhecimentos humanos. As festas de maio dêste ano naquela cidade encheram de orgulho a nação inteira e trouxeram para os alunos do "Edison Institute" a coroa de louros de uma vitória imorredoura.



ÚLTIMOS MODELOS
Agora ao seu alcance!

Manteaux de Brumel	Cr$ 1.400,00
Manteaux de Lontra	» 1.500,00
Manteaux de "Mouton"	» 2.000,00

ETC. - ETC.
GRANDES FACILIDADES NOS PAGAMENTOS

G. ARONSON
TRADIÇÃO NO COMERCIO DE PELES
R. CONSELHEIRO CRISPINIANO, 20
3.º AND. TEL 34-5950 • S. PAULO

VARIZES
EM SENHORAS

Nova tratamento sem operação e sem injeções
Após longos anos de estudos foi descoberto um ótimo remédio vegetal para o tratamento das varizes. Usado na dose de 3 colheres (das de chá) ao dia, em água açucarada, em pouco tempo restitue às pernas seu estado normal e beleza estética. Em idêntica dose debela os males hemorroidários (mamilos externos e internos), inclusive os que sangram. Para varizes (as pernas) tome o liquido via bucal e friccione a pomada no local. Para hemorróidas use a pomada no local e tome juntamente o liquido. USE DURANTE 3 MESES. Procure nas farmácias e drogarias, e na falta à V. Sandoval Jr., Caixa Postal 1874 São Paulo.



Hemo-Virtus



DONA DIABLA

ANGELA e sua filha Eugenia travam violenta discussão, que culmina com um tiro de pistola disparado por Angela. A contenda tem lugar numa aprasivel residência nos arredores da cidade do México. Minutos depois, uma mulher lindíssima e elegante sai correndo e se refugia numa igreja. Sua atitude, orando na solidão do templo, chama a atenção do sacerdote, que advinha no seu aspecto, nos seus olhos, no seu porte, que um tremendo drama se esconde no coração daquela pecadora. Resolve o bom cura interrogá-la. Angela confia ao Ministro tôda a história de sua vida. E' um rosário de episódios, sublimes uns e outros hediondos, que ela desfia diante do altar, esperando o perdão de Deus, pois o mundo não lhe perdoará e nunca compreenderá o seu sacrifício. O Sacerdote, entre a sensação de espanto e a vontade santa de minorar o sofrimento daquela linda mulher, ouve a seguinte história:

Angela era uma jovem provinciana, sonhando com bailes, amores romanticos, uma cazinha com telhas vermelhas, cortinas brancas nas janelinhas e um jardizinho na frente. Um dia enamora-se de seu príncipe encantado. Êle mora na Capital, chama-se Esteban. Depois de um romance encantador, é marcado o casamento, que se realiza entre festas, lágrimas e rendas. O casal vai morar na cidade, onde Esteban diz ter grandes interêsses comerciais e excelentes amizades. Durante alguns dias Angela é feliz, seu coração está cheio de doçura e encantamento, próprios de uma jovem de poucos anos. Uma noite Esteban convida a espôsa para uma festa, onde Angela se vê exposta a galanteios e insinuações dos amigos de seu marido, especialmente de um dêles, rico, poderoso e inveterado conquistador, homem de cultura, cuja vida consumia na boêmia: era o licencioso Sotelo Vargas. Terminada a festa, o casal se retira. Angela ainda não pudera alcançar as intenções do marido, mas o seu instinto feminino já começava a vislumbrar, na penumbra dos atos e das palavras, que uma tempestade viria em futuro próximo anuviar-lhe a felicidade, com que ela tanto sonhara.

Sotelo Vargas convidara Esteban e Angela para uma festa, que daria em honra dos recém-casados, em sua belíssima residência da praia de Acapulco, onde a brisa estava sempre beijando a face dos enamorados que, iluminados pela lua, cismavam, ante a beleza do mar, com o futuro e a felicidade. Angela, sempre rodeada de tôdas as atenções e honras, vai descobrindo os soezes e intencionais galanteios. Sotelo Vargas, na primeira oportunidade, agarra Angela, beija-a e lhe confessa seu amor! A reação de Angela é violenta. Uma bofetada estala no rosto do advogado, enquanto Angela, chorando refugia-se em seu quarto. Quando seu marido tem ciência do ocorrido, não só reprova a sua atitude, como lhe exige que peça desculpas a Sotelo, alegando que seu proceder com tão importante amigo vai arruinar-lhe a vida. Êste momento foi o mais cruciante para os brios de uma mulher honrada, as palavras de seu marido foram como uma tempestade de neve que caisse sôbre o seu coração, destruindo tudo



E L E N C O :

MARIA FELIX	Angela (Doña Diabla)
VICTOR JUNCO	Adrian
CROX ALVARADO ...	Esteban
JOSÉ M.L. RIVAS ...	Sotélo Vargas
PERLA AGUIAR	Eugênia

Adaptação de Tito Davison e Edmundo Baez, da peça «Doña Diabla», de Luiz Fernando Ardavini. — Guarda roupa feminino de Dior, Marcel Bloch, Jacques Fath e Maison Angela Direção de Tito Davison — Canções de Manuel Esperon e Ernesto Cortazar — Produção Filmex — Distribuição Pelmex.





que nêle vicejava de belo e de sublime, deixando no seu lugar o ódio, a sêde de vingança contra os homens que, com a sua concupisciência, lhe roubaram tudo. Naquele momento morria a inofensiva Angela e nascia em seu lugar a perversa e satânica Doña Diabla, que usaria sua beleza como arma para atrair os homens, para arruiná-los com a simulação e o vício.

Passam-se os dias enquanto Angela traça planos para a sua vida futura. Jura que ninguem será poupado, sòmente um filho que espera será respeitado. Angela tem um encontro com o advogado Sotelo Vargas, mas, ao em vez de lhe pedir desculpas, pede-lhe que arruine a carreira do seu marido, que use o seu prestígio financeiro, social e político para expulsá-lo do México. Sotelo exige, como pagamento, que Angela se entregue a êle. Ela aceita as condições, mas pede um prazo, até o nascimento de seu filho. Angela jura, então, que se fôr menina não terá a mesma sorte que ela, Angela, teve. Dezoito anos depois, Angelica, a filha de Angela, está estudando num dos maiores e mais caros colégios da Capital. A moça é uma verdadeira rainha, mas não conhece a vida de sua mãe. Angela ocultou-lhe sempre a sua verdadeira personalidade. O pae já é morto. Angela por sua vez é uma mulher notável, veste-se elegantemente, possui jóias caríssimas, habita um faustoso palácio. Emfim, é dona de uma das maiores fortunas do País. Na realidade, Angela é uma mulher galante, que tem uma sucessão de amantes ricos. Seu "jôgo" consiste em arruiná-los completamente, depois abandoná-los. Um dos seus amantes fôra precisamente Sotelo Vargas, a quem Angela encontra agora, perdido e arruinado, ao redor de uma mesa coberta com o pano verde. Ela dá-lhe umas fichas para que aventure a sorte. Esta ação daquela mulher que não tinha coração reaviva um resto de brio que ainda se conservava naquele homem. Êle apanha as fichas, chama a vendedora de cigarros, e por um maço de fumo entrega-lhe alguns milhares de pêsos. Abandona o local e sai mesmo embaixo de chuva. Caminha como um "duende", momentos depois ouve-se um tiro: era outra vítima de "Doña Diabla".

Agora, que sua filha está em idade de voltar para o lar, Angela quer mudar de vida.. Seus esforços são no sentido de apagar o passado, a fim de que sua filha não venha a conhecê-lo. Angela ha pouco havia conhecido Adrian, um aventureiro de aspecto cínico, mas simpático, que a atrae fìsicamente. Associa-se com êste rapaz, num negócio de aparência honesta, mas que na realidade encobre intenções de "chantage", contrabando e outros turvos empreendimentos condenados pela lei e pela moral.

Uma noite Angelica surpreende sua mãe chegando a casa em companhia de Adrian. Angela não tem outro remédio senão apresentar o jovem como simples conhecido. Angelica sente por êle uma violenta simpatia e se enamora. Angela, receiosa da possibilidade de sua filha vir a descobrir os

(Cont. na pág. 54)





... ou acompanhado-

só...

-prefira sempre viajar pela

Cruzeiro do Sul

ESTÁ À VENDA
EM TODOS OS
PONTOS DE
JORNAIS

EU SEI TUDO

EDIÇÃO DE SETEMBRO



PUXE PELO CEREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 6	Cultura média	Estudante ginasial
De 7 a 11	Cultura superior	Universitário
De 12 a 14	Genial	Um sábio
Tôdas as quinze		O gênio em pessoa

1 — QUE NOME SE DÁ A UM INDIVÍDUO SEM VONTADE:

Abúlico?
Estroina?
Mitómano?

2 — QUE QUER DIZER «ANACORETA»:

Fabricante de âncoras?
Grande comilão?
Pessoa isolada de relações sociais?

3 — QUAL DESTAS AVES A QUE «ARRULHA»:

O pombo?
O pato?
A andorinha?

4 — QUE NOME TEM A PARTE DA MATEMATICA QUE ESTUDA AS BASES TEÓRICAS DOS SEGUROS EM GERAL:

Aritmologia?
Atuária?
Taxinomia?

5 — QUE QUER DIZER «AUTÓGRAFO»:

Escrito clássico?
Depoimento jurídico?
Escrito do próprio autor?

6 — QUE NOME SE DÁ A CORDA COM QUE SE SUFOCAM OS CONDENADOS À MORTE:

Cutelo?
Baraço?
Pelourinho?

7 — O QUE É «CITARA»:

Instrumento de corda?
Figura de sintaxe?
Uma ave marinha?

8 — QUE NOME SE DÁ, EM FISIOLOGIA, AO ESTUDO DAS CÉLULAS EM GERAL:

Citologia?
Metamorfose?
Arresto?

9 — QUE QUER DIZER «DENTERÓGAMO»:

O que blasfema contra Deus?
Aquêle que se casa pela segunda vez?
Ou o inimigo do casamento?

10 — QUAL O NOME DA SARNA, EM MEDICINA:

Escarpes?
Delusório?
Escabiose?

11 — QUE NOME SE DÁ A UMA CABELEIRA EM DESORDEM:

Grenha?
Gaforinha?
Côlmo?

12 — QUE QUER DIZER «MELOGRAFIA»

Escrita borrada?
Arte de escrever música?
Tratado dos melões?

13 — UM SINÔNIMO DE «COCHICHAR»:

Tagarelar?
Mussitar?
Balastrear?

14 — QUE NOME TEM A DESCRIÇÃO DAS SERPENTES:

Caprologia?
Oftalmia?
Ofiografia?

15 — QUAL A PARTE DE UM LIVRO QUE TEM O NOME DE «PROÊMIO»:

A errata?
O índice?
O prefácio?

(Respostas ao teste na pág. 54)



30 ANOS DE ATIVIDADE INDUSTRIAL — Comemorando o trigésimo aniversário da Fábrica Mazda, a direção da General Eletric proporcionou aos representantes da imprensa e do rádio, uma visita às suas instalações em Maria da Graça. Após a visita, foi oferecido um cocktail aos convidados, no decorrer do qual, o Prof. Dulcídio Pereira, em nome da G.E., agradeceu o comparecimento de tantos e tão representativos profissionais da nossa imprensa. A comunicação que foi feita a seguir, de que, de agora por diante, os bulbos para fotografia (photoflash) passarão a ser fabricados no Brasil, foi recebida com viva satisfação por todos os presentes. Grupo de jornalistas presentes ao cocktail, vendo-se na primeira fila, da esquerda para a direita: Antônio Andrade, das Fôlhas de São Paulo; M.E. Souza, vice-presidente da G.E.; Mário A. Videira, da revista «O Avião»; J.E. McDonnell e Dulcídio Pereira, respectivamente, gerente geral da Fábrica Mazda e diretor da G.E.; Oswaldo Loureiro, da «Vida Doméstica»; e Manoel Barcelos, da Associação Brasileira de Rádio. REVISTA DA SEMANA, associando-se às comemorações, fêz-se representar a visita às instalações da Fábrica Mazda. — (Foto S.I.J.)

NÃO QUERO ACUSAR . . .

(Cont. da pág. 25)

do suas migalhas e o aconselhando mal. Não sei porque Luís foi fazer uma coisa dessas!...

Mostramos ao diretor geral da CNHN quão grave era a ocorrência e que tal atitude — o esquecimento — daria oportunidade e coragem a que outros tentassem o mesmo golpe. Perguntamos-lhe porque não avisara a polícia, ao que nos informou que não achara necessário (?).

— Agora — acentuou — o culpado está no Rio. Sei que foi êle. Todos que trabalharam no baile, inclusive Luís, sabem.

Perguntamos-lhe, então, se o aluguel das mesas, a portaria, etc., não haviam dado renda compensadora, ao que nos respondeu que não dera nem para as despesas, acrescentando que o prejuízo dos bailes carnavalescos fôra quase de cinco mil cruzeiros.

Quanto ao montante do desfalque, o sr. Pessoa Cavalcanti disse não saber, ao certo, mas acrescentou que fôra a renda das bebidas.

— E quanto entrou de bebidas? Qual o valor das compras feitas?

— Também não sei, respondeu-nos. Quem sabe ao certo é dona Helena Gonzaga, espôsa de Luís, pois mandei-lhe o relatório dos bailes e o balancete, bem como as notas fiscais e não fiquei com cópias (?).

— E o desfalque limitou-se à renda do bar? — voltamos à carga. — E os festivais de Gonzaga, quanto renderam? ●

— Também não me lembro. Os livros em que registrei seu movimento, infelizmente, não estão aqui, pois estamos de mudança para outro prédio... Posso garantir, todavia, que todo o dinheiro arrecadado foi aplicado em benefício dos necessitados do norte. Era passagem de trem para um, perna ortopédica para outro, donativos e assim por diante. O que entrava saía com a maior facilidade e, após os festivais, a Confederação lotava-se de pedintes.

— Quer dizer que todo o dinheiro de donativos foi aplicado?

— É claro, se nossa única função é essa!

O MURO DAS LAMENTAÇÕES FOI O REPORTER

Daí por diante, o diretor geral da Confederação do Homem do Norte foi desfiando um rosário de lamentações, dizendo que, na verdade, como bem disseramos, quem trabalhava era sòmente êle e mais dois diretores e que os festivais de Gonzaga, no entanto, haviam ficado sob sua responsabilidade.

Pedro Pessoa Cavalcanti tem planos fantásticos e espera receber dos govêrnos federal, estadual e municipal, verba de, aproximadamente, três milhões de cruzeiros, para construir a Casa do Imigrante Nordestino. A essa altura frisou:

— Eu ia dar o nome de Luís, ao abrigo. Agora, darei o do presidente Getúlio Vargas, com quem estive recentemente e de quem tive promessa de auxílio.

"Nossa luta é árdua e tenho sacrificado tudo para ver a Confederação viver. Não devemos deixar que as más línguas prevaleçam, porquanto isso poderá prejudicar o seu desenvolvimento. Tive notícias da possibilidade da transformação desta entidade em órgão oficial do Serviço Social, o que lhe daria maior fôrça e capacidade para amparar os nordestinos. Uma notícia como a de Luís poderá por tudo por água a baixo...

"Enfim... — fêz Pessoa Cavalcanti — espero que os senhores compreendam a situação...

E nós compreendemos. Êle confirmou as acusações feitas pelo Rei do Baião. Primeiramente, no que diz respeito ao desfalque e, em segundo lugar, recebeu como certa a desorganização da diretoria da Confederação Nacional do Homem do Norte, quando nos assegurou que nem todos os diretores estavam a par do que se passava, a despeito da existência de um Conselho Fiscal.

Contudo, o diretor-geral do CNHN ficou irredutível na questão de nos fornecer, como seria justo, o nome do responsável ou dos responsáveis pelo desfalque.

Luís Gonzaga, por seu turno, jurga que deveria haver uma investigação sevéra do destino dado ao dinheiro apurado com o seu concurso, para que, de uma vez por tôdas, ficasse sanado o acontecido, servindo de exemplo a quem tenha as mesmas idéias, sabendo que o responsável pelo furto não foi punido.

O assunto é êsse. Grave, gravíssimo, mesmo. Seu esquecimento dará maior fôrça a malandros dessa estirpe, que continuarão, impunemente, burlando a lei, em tôdas as oportunidades que se lhes deparem, enquanto milhares de seres humanos, que poderiam e deveriam ser beneficiados e socorridos, sofrem miséria, pagando pela inépcia e incapacidade de alguns.

INFÂNCIA...

(Cont. da pág. 36)

Dois palitos, uma criança!
Gente grande
Uma garrafa vazia!

À noite, a barraquinha, mal se cabia de gente miúda. Algumas meninas levaram os irmãozinhos ranhentos e sem calças, que berravam para ir embora.

Serelepe fêz umas graças, inclusive aquela do homem que manda a visita sentar-se, e em baixo da cadeira há um balde com água, que retirada a cadeira depressa, o incauto cai sôbre a vasilha molhando-se no assento, sob um estouro de risadas.

Com barbas de milho os sete moleques apareceram. "Branca de Neve e os sete anões". Joaninha apanhando da negra Ditinha, sua madrasta no drama. Chorava de verdade. Merecia um "Oscar" da Academia, se êle existisse por ali. Depois o ato final. Ela aparecia morta na urna (que era uma canastra velha que Chico achou nos montes de lixo que os caminhões da Prefeitura jogavam). E o beijo da ressurreição. O carneiro não havia jeito de andar. Por fim, chegou, e um côro de palmas saudou a união dos dois príncipes, enquanto os anõezinhos com pedaços de taquara, matavam de mentira a bruxa perversa (detalhe inventado por êles mesmos).

Às nove e meia, a turba debandou. Chico, suado e exausto, deitou-se no catre velho, olhando as vigas do teto negras, de fumaça, e já idealizando coisa nova. Sentia uma angústiazinha leve, espécie de decepção mal infundada. O circo enjoara. Era coisa passada. Melhor seria organizar um "time" de futebol. A inspiração lhe viera, quando ouvira à tarde no rádio dum boteco, ardente peleja do "Corintians" e o "São Paulo". Rolava na cama, impaciente e incomodado.

Alma infantil cheia de complexos! Alma inconstante e

ávida de novidades, vária como o vento que corre por tôdas as direções sem saber aonde ir. O circo já enjoara. A turma de amigos estaria alí firme, e o aprovaria na nova decisão: arrumar o "time" de futebol. Mais rugas na cara da mãe, mais cabelos brancos no pai, mais, ralhos, mais contrariedades. Mas que fazer? Era a infância. A bendita infância que tudo quer e, a tudo aspira, que não conhece dias cinzentos, nem amarguras. A infância que acha graça e encanto numa pedra de rua, num palito de fósforo riscado, jogado pelo chão. A vida é eterno devaneio, cada dia, perpétua novidade.

"Amanhã vou arranjar um "time". A turma topará?"

Sim. E' a meninice aventureira para quem o mundo é uma odisséia de fantasia, a vida, um desenrolar de belezas.

★

No dia seguinte começou a desmanchar o circo. A prêta Fortunata que batia roupa no outro lado da cêrca, reparou:

— Ué, menino? Acabou o "fogo?" Não quer mais o "mambebe?"

— Ah, isso não dá nada. Eu e o pessoal vamos arrumar um quadro de futebol. E' "mais melhor".

A negra soltou uma gargalhada:

— Qualquer dia você inventa de ser um homem daqueles que vôam e brigam com bandidos, que eu vejo naquelas revistas bôbas de quadrinhos que o Marcelino lê. Cruz credo!

E sacudindo a cabeça, pito de barro na boca, retomou sua labuta.

Chico não se importou. Joaninha o ajudava. Seria a madrinha do "time".

A mãe saiu à porta, experimentando a comida na mão espalmada:

— Essa criançada ainda me deixa velha!

"Seu" Maneco, vindo do trabalho, entrou de paletó no ombro:

— Esta falta de serviço ! Vocês inventam cada uma! Não sei onde tenho a cabeça que não lhes prego uma sova!

Mas os velhos não compreendiam. Era o desejo de coisas novas, a imitação dos "grandes", o sonho, a beleza e a poesia da vida. Era a infância.

O ENCALHE DO "SANTOS"

(Cont. da pág. 57)

E, dêsse modo, encerrou-se, sem consequências piores, o episódio que, por alguns dias, impressionou a cidade. Dêle ficou a lembrança das horas trágicas porque passaram os cento e tantos passageiros que se encontravam a bordo — e êsses magníficos flagrantes fotográficos, inclusive o maior, tirado de bordo de um avião da FAB pelos nossos confrades de "O Globo", a quem devemos essa reprodução.

O DIVÓRCIO EXISTE . . .

(Cont. da pág. 5)

— Sempre existe algum incentivo nisto. As cartas, em média de cem por dia, dos mais diferentes recantos do Brasil, são tôdas de estímulo. Isso me faz suportar às torpes campanhas telefônicas e por cartas anônimas com que me vêm "brindando" depois de uma reportagem do "Diário da Noite".

Quisemos saber do que se tratava e explicou: aquêle vespertino dera uma nota sôbre a sua felicidade conjugal e espíritos mesquinhos, abjetos, torpes, desencadearam, de pronto, uma sórdida campanha contra o deputado e sua família. Os infelizes são, salvo excesão, como os cães raivosos: querem, sempre, contaminar terceiros. Enfim, assim é a vida!

— E essas cartas, responde-as tôdas?

— Não, companheiro, sou deputado pobre, não tenho secretários, tenho de fazer tudo sòzinho. Só respondo as da Bahia.

DIVÓRCIO E DESQUITE

Enquanto arrumava e separava um maço de cartas, puxamos do cigarro e oferecemos-lhe. Não fuma, porém. Mandamos buscar café para dois. Disse que ia abrir uma exceção porque não é muito amante da rubiácea. Um homem diferente, não havia dúvidas.

Largando o maço de cartas e recostando-se à cadeira, teve uma expansão de incontida mágua:

— Se eu fôsse o parlamento inteiro, faria um decreto que conteria um parágrafo único: "é decretada a felicidade conjugal em todos os lares brasileiros". Ah! se o parlamento tivesse tal fôrça!

Depois, tomando ares de seriedade:

— Ainda não se descobriu, infelizmente, o remédio contra a infelicidade conjugal. Todos êsses milênios, que marcam a história do mundo, desde o Paraiso, não foram bastantes para que se encontrasse a fórmula milagrosa, que faria ditosos todos os casais, desde que se unissem sob a autoridade da lei ou bênçãos da Igreja. Por isso, o legislador se viu na contigência, desde a mais remota antiguidade, de buscar solução para os desajustamentos matrimoniais. E encontrou quatro.

— Bem, dois nós conhecemos — desquite e divórcio.

— Êsses dois e mais a castidade e o amor livre. Êsses não podem ser levados a sério. Restam o divórcio e o desquite. O desquite separa os cônjuges, divide os bens, cassa à mulher, quando culpada ou até inocente (no desquite amigável, quase sempre), o direito a continuar usando os *apelidos* do marido.

— E os filhos...

— Isso é o que é mais doloroso. Partilha-os. O divórcio, é forçoso reconhecer, tem todos êsses males. Mas tem virtudes que o desquite não possui. Aponto três: a primeira é que os divorciados podem constituir novas famílias legítimas e os desquitados têm de refugiar-se nas dobras do concubinado. A segunda é que os filhos de desquitados são naturais, legítimos os de divorciados.

Melancólico, debruçando-se à mesa e olhando-nos de frente:

— Ah! companheiro, você não pode imaginar o complexo que cria num ser humano a pecha de ilegitimidade. A terceira virtude, tão bem acentuada pela escritôra Dinah Silveira de Queiroz — é que a possibilidade da constituição legal de novo lar abre, no coração dos infelizes no primeiro matrimônio, a esperança de alcançar, noutro casamento, a felicidade que não lhe sorriu.

O DIVÓRCIO E A IGREJA

— Nelson Carneiro, como católico praticante, como vê a posição da igreja nesse debate? perguntamos:

— Compreendo a posição do clero. O que me surpreenderia é que estivesse êle solidário com qualquer movimento para implantação do divórcio em algum país do mundo. Daí, serem figuras destacadas no mundo católico, intimamente ligadas à Igrejá, os meus principais opositores na Câmara Federal, a começar pelo temível adversário e amigo, Monsenhor Arruda Câmara. Os outros são o professor Adroaldo Mesquita da Costa, ex-ministro da Justiça, o padre Ponciano dos Santos, o sr. Daniel Faraco e, ao que me consta, o sr. Oscar Carneiro, de Pernambuco. Mas a própria igreja tem sido acusada de permitir o divórcio, sob a capa da nulidade dos casamentos religiosos, e que mostra que as críticas que me são imputadas, hoje, não têm sequer o sabor de novidade. Monsenhor Arruda Câmara teve de admitir, aparteado por mim, que, no Direito Canônico, existe um caso de divórcio, que é a dissolução do vínculo dos infiéis.

— Mas um caso...

— Pouco importa que sejam dez ou sòmente um os casos de divórcio. O principal é que, também no Direito Canônico, existe a Instituição.

— Quer dizer que o que existe é confusão?

—Sim, será preciso não confundir alhos com bugalhos ou, na frase alagoana do *pacífico* deputado Tenório Cavalcanti, mercado com marechal. Sou realmente o primeiro signatário de uma emenda constitucional, retirando do texto da Constituição as expressões de "vínculo indissolúvel" e que abrirá a possibilidade da instituição do divórcio em nosso país. Mas essa emenda não foi siquer à Câmara não está, portanto, em curso naquela casa. O que alí se discute é outra coisa, ou seja o projeto nº 786, de minha autoria, permitindo aos desquitados, depois de cinco anos, anular seu casamento, por *incompatibilidade invencível* para a vida em comum.

— Quer dizer que...

Sem nos deixar concluir, obtemperou:

— Que os adversários do meu projeto confundem-no propositalmente com o divórcio, que resultaria da aprovação da emenda constitucional, que ainda não deu entrada na Câmara. Mas entre um e outro vai a mesma diferença que o prêto e o branco. De comum só possuem as côres.

Enquanto o crepúsculo descia sôbre a terra, a entrevista prosseguia animada.

— Não atento contra a estabilidade de nenhuma família, ainda quando na iminência de dissolver-se, pelo desquite ou pela separação de fato. Recolho os ossos de uma família morta e sepultada há cinco anos, sem que tenha conhecido o milagre da ressurreição. E com êsses ossos construo a felicidade de duas novas famílias.

SUICIDIOS, CRIMES PASSIONAIS, CRIMINALIDADE INFANTIL

— Tentamos dar uma "gravata" em nosso colega de imprensa:

— Mas o divórcio, dizem, estimula os suicídios, os crimes passionais e a criminalidade infantil.

Saiu em grande estílo:

— Tenho ouvido todos êsses refrões, de que se valem os anti-divorcistas. Não é o divórcio que faz suicidas — é o amor. Se fôsse, o divórcio os nossos jornais não divulgariam, todos os dias, tais atos de desespêro. Os crimes passionais resultam, geralmente, da concepção anti-divorcista de que a mulher é apenas uma coisa, um objeto, de propriedade do homem. No dia em que essa mentalidade se modificar e os homens reconhecerem a verdadeira posição da mulher na vida conjugal e social, então tais crimes diminuirão de número.

— E os adultérios! O divórcio não os estimula?

— De maneira nenhuma. O adultério feminino seria flor exótica num país divorcista.

E citando fatos:

— Veja o que aconteceu nos EE.UU. com duas "estrêlas" de cinema. Rita Hayworth, divorciando-se de Ali Khan, volta ao cinema e tem a seu lado a simpatia da opinião pública americana, ao lutar pela posse da filha. E Ingrid Bergman, porque se entregou a Rosselini antes de divorciada, levantou contra si uma onda de protestos, na República norte-americana e, por que não dizer, no mundo inteiro.

— A criminalidade infantil, não será maior nos países divorcistas?

— Depende de quem publica as estatísticas, que essas existem para todos os paladares. Veja o caso da natimortalidade, que os anti-divorcistas dizem ser maior nos países onde há divórcio. Somos, talvez no mundo, o país onde morrem mais crianças antes de completar o primeiro aniversário. E a culpa será do divórcio? Quem sabe o

(Cont. na pág. 54)

A BELEZA DOS SEIOS BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON n.º 1; e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON n.º 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda.

Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» n.º ....

NOME ....

RUA .... **N.º** ....

CIDADE .... **ESTADO** ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50.00







Eu resolvi não ligar mais a Margie. Contudo, continuei a ouvir mexericos entre ela e Brick. Algumas semanas depois, quando íamos para um baile no clube...





O PROFESSOR DE GOLFE







De súbito meu espôso se interpôs...





AGUARDE NO PRÓXIMO NÚMERO O INÍCIO DE

UM AMOR PROIBÍDO



NÃO SE TRATA DE PRISIONEIRO DE GUERRA.

Êstes soldados do 6º Regimento de Infantaria [illegible] Unidos destacados na capital da Alemanha Ocidental, acabam de receber, por via aérea, de Louisiania, êste espécime de jacaré ainda bastante jovem, com apenas um metro e trinta centímetros de comprimento e pesando uns dezessete quilos. Como vemos, um brotinho. Quando o reptil chegou ao aéroporto de Tempelhof, a comissão de recepção lhe deu as boas vindas com tôdas as honras do estilo devidas a tão importante «mascote». Os rapazes de Tio Sam o amarraram com tôda a gentileza, o puseram sôbre uma «cadeirinha» de pau e o levaram pelas ruas de Berlim. E parece que o jacaré está gostando muito do passeio. Vejam o seu jovial ar de riso...

A RAINHA DE SABÁ

CONTA a História do Oriente, que, há cêrca de trinta séculos, houve uma rainha de deslumbrante beleza e de opulências até hoje não igualadas. Era a famosa rainha de Sabá. Onde ficaria êsse misterioso reino de Sabá? Sabá seria mesmo um Império? O cinema, o teatro, os romancistas e os poetas já têm explorado o assunto. Dizem os investigadores que essa rainha deslumbrante possuia tamanha riqueza, tantos camelos ajaezados com luxo, tantos elefantes, tantos barcos de passeios, tantos palácios e exércitos, tanto ouro, pedras preciosas e escravos, que, um dia, o próprio Rei Salomão desejou vê-la e saber se era ainda mais rica do que êle. E a rainha de Sabá preparou uma expedição faustosa, ofuscante, com centenas de mulheres belas, de huris fascinantes, tropas garridas luzindo à luz do Egito os seus escudos de prata e as suas lanças de ouro. Milhares de camelos e elefantes escoltavam o seu séquito ofuscante, indo à frente do préstito assombroso vinte leões de enormes jubas dominados por outros tantos criados etiopes de pele negra e luzidia como os frutos da quixaba. O que foi êsse encontro entre os dois nomes imortais, a História narra com detalhes. Mas... sempre houve quem contestasse a existência da rainha de Sabá. Pois agora o jovem explorador americano Wendell Phillips declarou que fêz pesquisas na cidade iemenita de Tinma e chegou à conclusão de que a rainha de Sabá existiu aí pelo ano de 950 antes de Cristo e visitou o rei Salomão. Se o restante é fruto da imaginação dos cronistas antigos, lá isso é coisa que interessa aos poetas e ao cinema...

TUDO ISTO

UMA ALUNA DISTINTA



HÁ no Rio de Janeiro um cidadão bem apresentável, elegante, boa conversa, maneiras distintas, de estatura média, cheio de corpo, barba sempre muito bem feita, branco, dizendo-se bacharel em direito e de importante família de Minas Gerais: o Dr. Junqueira. Esse Dr. Junqueira se especializou, porém, na habilidade suavíssima de tirar dinheiro dos incautos mediante bem treinadas lábias e negócios de imediato lucro. Pessoas ingênuas ou de boa-fé, caem em suas tarrafas de escamoteações com a facilidade com que as pobres môscas caem no mel. O nome do Dr. Junqueira, de quando em quando anda pelas primeiras páginas dos nossos jornais. Depois, some de uma vez. E' que a polícia deitou a mão no cogote do hábil "negociante" e o meteu no xilindró. Durante êsses descansos e férias à sombra dos cárceres, a sociedade está livre de suas maroteiras; quando cumpre as respectivas penas, sai à luz do sol e torna a cometer os mesmos delitos. O pior, porém, é que o célebre Dr. Junqueira fundou uma Academia de Escroquerias, da qual têm saído muitos elementos de primeira qualidade na arte de furtar. Uma dessas pessoas é a "aluna" Isa, que também se chama Vera, bem como acode pelo nome de Isabel. E' possível que tenha mais outros nomes, pois uma das cadeiras do curso é ensinar a pluralidade dos nomes para um só "artista". Mas, agora, uma senhora furtada deu queixa contra Isa Vera Isabel, que a enganara em vendas de jóias. E outras alunas surgirão...

F O G O !



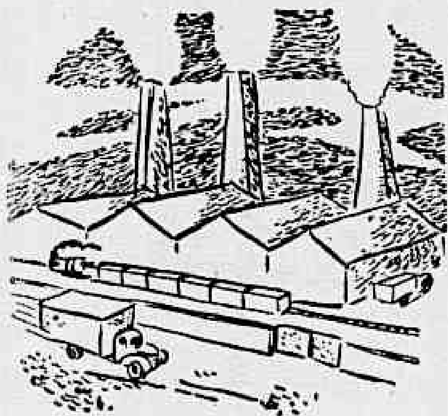
SE examinarmos estatísticas sôbre incêndios, ficamos assombrados com os imprevistos dêsses dados fidedignos e incontestáveis. Para muita gente, está no comércio e na indústria a maior percentagem de fogo na propriedade alheia. Entretanto, segundo divulgação oficial do nosso Corpo de Bombeiros e publicada na revista "A Previdência, órgão dos corretores de seguros privados, a coisa é muito diferente. Vejamos: durante o mês de julho de 1950, houve no Rio de Janeiro 111 incêndios. Dêsses, contaram-se 14 automóveis, um barracão, 1 bonde da "Light", um incêndio no mar, dois em depósitos de material, uma escola, 15 estabelecimentos comerciais, 11 industriais, 2 estabelecimentos públicos, duas habitações coletivas, dois hospitais, dezenove incêndios em matas e capinzais, sete outros diversos, três em prédios desabitados e em obras, e, por fim, vinte e sete incêndios em residências particulares! Isso em 1950. Em 1951, no mesmo mês de julho, a safra de incêndios foi maior apenas em um só: em lugar de 111, tivemos 112 casos de fogo no Distrito Federal. Mas, confirmando a estatística anterior, coube às casas residenciais o maior número de fogo: 26. Mas, incluindo os incêndios em habitação coletiva, temos o total de 29, perfeitamente igual ao mesmo número de 1950: 27 residências e 2 habitações coletivas. Não é curioso? Não está, pois, nas casas comerciais o maior perigo de incêndio, e sim nas casas particulares, nas residências das famílias. Outra curiosidade: o que mais incêndio causa é a eletricidade e a bucha de balão!



Durante as guerras, artistas de cinema e do teatro são mobilizados para cantar em acampamentos, a fim de confortar os seus patrícios. Êsse processo de apoio moral foi muito usado na última grande guerra, quando astros e estrêlas de Hollywood atuavam no teatro da luta cantando e sapateando para divertir os soldados. O efeito foi excelente, pelo que o govêrno e o exército dos Estados Unidos resolveram recorrer à eficiência artística das melhores estrêlas norte-americanas, para exibições no Japão e na Coréia. Aqui vemos a famosa Jennifer Jones, cuja carreira no cinema foi rápida e das mais gloriosas, visitando feridos em Yokosuka, no Japão. A artista mostra ao cabo Marsden, do exército dos Estados Unidos, um par de tacos usados nos bilhares do Japão. Jennifer os oferece como lembrança e deixa outógrafos.

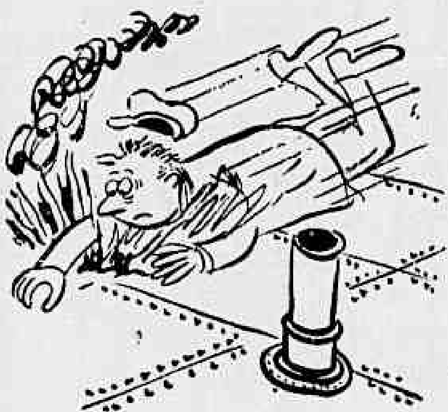
ACONTECEU

O ALUMÍNIO EM MINAS



NÃO faz muitos anos o Sr. René Gianetti, atual prefeito de Belo Horizonte, mas gaúcho de nascimento, levantou em Saramenha, a poucos quilômetros de Ouro-Prêto, uma fábrica de alumínio. As instalações ficam à margem de pequeno ribeiro, que corre paralelamente à Estrada de Ferro Central do Brasil, e podem receber a matéria-prima, a bauxita, aos milhares de toneladas, de tôda aquela região. Mas a fábrica de alumínio começou a fracassar, em virtude dos juros escorchantes que o Banco do Brasil cobrava, como financiador que foi, com alguns milhares de contos de réis. Era belo e entusiasmava, quando os trens de passageiros passavam diante da fábrica, à noite, e viam as chaminés e os fornos a exibir seus penachos de fumo avermelhado e fogo, denunciando aos brasileiros que os mineiros estavam criando em nossa terra a primeira fábrica no gênero em tôda a América do Sul. Embora a capacidade não pudesse suprir as necessidades do país, grande importador de alumínio, dentro em breve a indústria de Saramenha estaria em condições de abastecer o mercado brasileiro e exportar o restante para os países vizinhos. O alumínio de Ouro-Prêto foi considerado de primeira qualidade; mas, em virtude do seu custo de produção, o estrangeiro, do Canadá e Estados Unidos, era mais barato. René Gianetti lutou como um tigre para contornar as dificuldades, mostrando que, se o Banco do Brasil reduzisse as taxas, o alumínio brasileiro poderia concorrer com o estrangeiro. E a fábrica fechou. Agora, volta a funcionar. Teria saído vencedor o patriotismo?

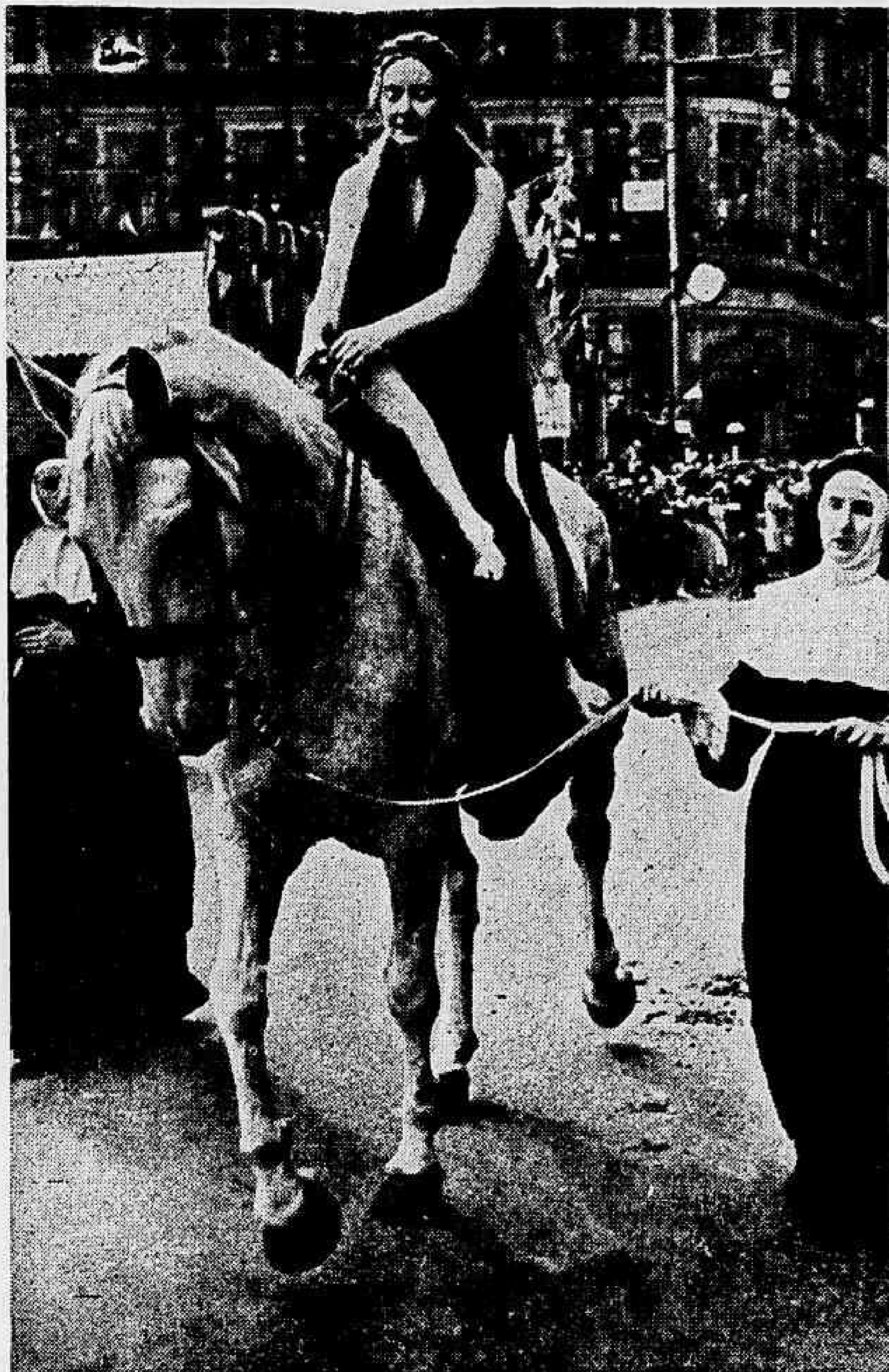
O HERÓI DO IPIRANGA



NÃO queremos falar de Pedro I, o nosso Príncipe galante e perturbador de corações do primeiro reinado. O herói de que vamos tratar é um modesto operário de Ipiranga, S. Paulo. Chama-se êle Roberto Previde, tem 31 anos de idade e exerce as funções de vigia dos depósitos de combustível da "Shell-Mex do Brasil Ltda." Durante os festejos de S. João e S. Pedro, tanto as Companhias de óleos e gasolina, como o corpo de bombeiros das grandes cidades ficam de olhos abertos contra o criminoso brinquedo de soltar balões. A 29 de junho último, estava o vigia da "Shell-Mex" de sentinela nos grandes depósitos de combustíveis daquela emprêsa, quando, com o coração aos pulos, viu que uma bucha de balão caía verticalmente sôbre uma válvula do encanamento das instalações da companhia. Sem medir sacrifícios, arriscando a própria vida, o operário subiu ao enorme tanque de combustível a fim de apagar a chama ameaçadora e fatal. Ali, naquele mundo de óleo, havia nada menos de três milhões de litros de inflamável. Se o fogo chegasse a penetrar no depósito, tudo iria pelos ares. Roberto lançou-se corajosamente para a tocha e com as mãos retirou-a daquele "calcanhar de Aquiles" dos tanques. Mas, era preciso apagá-la incontinente. Usou o boné, aplicando-lhe golpes sôbre golpes. Em vão. As chamas continuavam. Não sendo possível recorrer a nenhum outro recurso, atirou-se de corpo inteiro para abafá-las. Seu uniforme ficou todo queimado e, pelo corpo, queimaduras dolorosíssimas. Estava vencido o perigo. A "Shell" lhe ofereceu um prêmio em dinheiro, o mesmo fazendo a seguradora. Quanto valeu mesmo êsse heroísmo?



NÃO SUCEDEU NA AVENIDA BRASIL aqui no Rio, e sim nos arredores de Pisogne (Bergamo) na Itália. Um carro «Dodge» corria à margem da estrada de ferro Brescia-Edolo, conduzindo trinta e sete operários da «Fonderie Bergmasche», quando teve que atravessar uma das numerosas passagens de nível. Por uma dessas fatais distrações de quem vai guiando e tem vontade de vencer distâncias, o auto foi apanhado de flanco por uma litorina que passava, justamente, à mesma hora e se deu o choque violento. Peças do carro foram lançadas a mais de 30 metros de distância da colisão, causando a morte a 13 pessoas e ferindo vinte e duas, algumas gravemente. Que os senhores automobilistas registrem mais êste triste episódio da travessia de vias férreas em passagens de nível...



O FAMOSO E EMOCIONANTE episódio histórico do passeio de Lady Godiva pelas ruas de Coventry, há nove séculos, nua sôbre um cavalo branco pertencente a seu espôso e autocrata daquêle povo, com o fim de obter do mesmo leis e meios de vida mais dignos para aquela cidade, acaba de ser reproduzido de forma sensacional pela artista miss Ann Wrigg, durante o Festival Britânico. Trezentas mil pessoas apreciaram o desfile dessa nova Lady Godiva montada no cavalo de Leofric, Conde de Mercia. Só uma diferença houve. Lady Godiva excursionou pelas ruas da cidade coberta apenas pelos seus cabelos e ninguém ousou olhá-la, mesmo pelas persianas; a atriz Wrigg vestiu uma roupa-meia, aderente, côr de carne, e foi vista por trezentas mil pessoas daquela mesma cidade famosa e histórica.

A IRMÃ DE FLORIANO

NÃO há criança de escola por êste Brasil que ignore quem foi o Marechal Floriano Peixoto. Seu nome encheu as páginas de nossa História política na última década do século XIX. Homem de fibra inquebrantável, de grande coragem moral e física, o famoso Marechal de Ferro tem seu nome gravado em placas de ruas, praças e avenidas por todo o Brasil, e, no Rio, além de homenageado o seu nome em uma das mais belas praças da capital federal, ainda lhe ergueram um dos maiores e mais suntuosos monumentos da cidade. Mas Floriano Peixoto morreu pobre e nada deixou para os seus descendentes e irmãos. Um seu filho, o José Floriano, atleta dos mais perfeitos, para viver trabalhava em circos até mesmo na Capital da República. Cansado de lutar em picadeiros, travando luta romana, boxe, etc., no que jamais foi vencido, foi fixar residência em Campina Grande, Paraíba, onde se tornou dono de um hotel. O campeão máximo do Brasil em todos os esportes, ia terminar sua vida agitada e difícil numa cidade do meio sertão nordestino, esquecido de todos e abandonado pela Glória. Que é feito de Zé Floriano? Morreu? Ninguém sabe. E era filho do Marechal de Ferro, um ex-Presidente da República! Mas não fica sòmente em Zé Floriano o descaso do país pelos parentes mais próximos do grande soldado. Há vinte anos passados desenvolvia-se uma campanha nacional em favor de uma irmã do Marechal, que estava morando em Maceió, passando necessidade, sem recursos para comer. Que fim levou essa irmã de Floriano? Ninguém falou mais nisso... "Sic transit gloria mundi!"

SAÚDE DO BEBÊ

COMO "RECEBER" O RECÉM-NASCIDO

Dr. SABOIA RIBEIRO

ASSUNTO de grande importância, êsse, pois nunca faltam curiosas e conselheiras que tomam a frente quando nasce o primeiro filho de mãe ainda inexperiente para tomar conta do recém-nascido com grande desenvoltura. E o fato é que, dêsse modo, se iniciam muitas vêzes as erronias que põem em dura prova a saúde da criancinha, e mesmo a vida.

Eis aqui as principais coisas a observar quando chega o bebê.

Antes de mais nada, que vem a ser o recém-nascido?

Para uns, a criança no período entre o primeiro vagido (na verdade a primeira inspiração) e até completar 30 dias de vida; para outros, durante a primeira semana ou a queda do cordão umbelical (entre o 5º e o 7º dia).

Como nos trinta primeiros dias a criancinha carece de cuidados especiais, ocorrendo nesse período um têrço das que morrem no primeiro ano de vida, preferimos, assim considerar recém-nascido, a criança no período dos trinta primeiros dias.

Uma vez nascida, a criança é envolta numa toalha esterilizada e feita a ligadura do cordão umbelical, assunto que passaremos, pois já abordamos, noutro artigo. Segue-se a limpeza dos olhos com água fervida e morna, ou solução boricada a 3 %, e por fim solução de argirol a 3 %. Essa parte termina com o banho da criança, que outros transferem para sòmente após a queda do cordão umbelical, e apenas no primeiro momento procedente à lavagem da cabeça, rosto e partes genitais; a limpeza do corpo é feita tão sòmente com gaze simples ou embebida em vaselina líquida, seguida de pulverização com talco. De fato, à primeira mudança de roupa, o sebo fetal (*vernix caseosa* dos médicos) está inteiramente despegado do corpo e a pele limpa e rosada.

Tudo isso deve ser feito com a devida presteza para não resfriar a criancinha, esta é pesada, o cordão tratado etc.

Chegamos ao principal agora: a maneira de alimentar o recém-nascido.

Nas primeiras horas, em geral, a criancinha dorme seguidamente, de maneira que somente uma oito a doze horas depois de nascida é que receberá a primeira mamada.

O leite da mulher nos três dias seguintes consiste num líquido amarelado chamado *colostro*. E' um leite especial e transitório, e adequado a certas necessidades da criancinha nessa fase. Além de conter os princípios nutritivos, o colostro favorece a eliminação dos primeiros excreta da criança, massa verde-escura e pegajosa que o povo chama ferrado e nós médicos meconio.

E o horário? A princípio poder-se-á observar de seis em seis horas; depois, quatro em quatro, ora um seio, ora outro, até que se produza a chamada "subida do leite", pelo quarto ou quinto dia. Já no fim da primeira semana o horário será de 3 em 3 horas, e até ao fim do 4º mês. As mamadas a começo de 5 a 15 minutos (1ª semana), se fixarão para o fim de 15 a 20 minutos.

Há um cuidado que deverá ser observado sempre, após as mamadas. E' esperar que a criança faça a sua eructação, antes de pô-la de novo no berço. Para êsse fim, deve-se colocá-la com a cabeça elevada e voltada para o lado. Com êsse cuidado, se evita possível asfixia se sobreviver regorgitação (golfada), durante o sono que se segue geralmente ás mamadas.

De passagem, diremos que nunca se deitará a criança no leito materno, por certos inconvenientes de si obvios, e por evitar que se constitua o habito dos contactos com pessoas, exigindo colo etc.

E' indesculpavel que se deixe de examinar a criança logo após o nascimento a fim de descobrir certas anomalias e deformidades tais como: hematomas, imperfuração intestinal, guela de lobo, lábio leporino, espina-bifida e outras que requeiram correção.

O recem-nascido sòmente deverá sair decorrido a primeira semana, no verão, ou qinze a trinta dias, no inverno, estando o tempo propício.

CORRESPONDÊNCIA DAS MÃES

L. R. Nesta. — Sôbre a duração das mamadas, observe o seguinte: se a criança mama seguidamente ou com ligeiros intervalos, bastam 10 a 15 minutos; mas se a sucção se faz a vagar, ou entremeiada de pausas, então poderá ir, no máximo, até 20 minutos.

Se após as mamadas a criança regorgita o leite, por abundancia ou sofreguidão, então poderá reduzir os prazos acima.

Para saber se o leite que a criança mama é suficiente à sua nutrição, pode-se seguir o seguinte critério: o lactante deve mamar 160 c.c. por quilo de pêso, ou 1/6 do seu pêso total, em 24 horas.

Então pesa-se a criança antes e depois de cada mamada e anota-se a quantidade ingerida, e assim tôdas as vêzes ao dia, dois dias seguidos.

Na prática uma criança que prospera no pêso, espera entre uma e outra mamada, e dorme bem, está sendo bem alimentada. Uma das condições para isso é que a mãe se alimente bem e dê o seio no horário certo, uma vez um seio, outra vez o outro.

Nota — Qualquer correspondência sôbre a saúde de seu bebê, dirigir para a REVISTA DA SEMANA, Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio. Secção A Saúde do Bebê.

O DIVÓRCIO EXISTE...

(Cont. da pág. 50)

número de menores delinqüentes no Rio de Janeiro? Que estatística possuímos, para cotejá-las com as estrangeiras?

Exibindo dados de 1944, informou:

— Só nesse ano, o sr. Jayme Preça, encaminhava ao respectivo juizo, nada mais, nada menos do que 415 menores vítimas de abandono moral e material.

E concluindo seu pensamento:

— Isto, fora os que não foram encaminhados. E não tinhamos, nem temos divórcio. Logo... a desculpa peca pela base.

A hora se fazia adiantada e estávamos tomando muito tempo ao dr. Nelson Carneiro, portanto, achamos viável interromper a entrevista.

Já se despedindo, contou uma anedota:

— Companheiro, essa é muito boa. Um sertanejo ouvia uma prática sôbre os males do divórcio. O padre dizia que não era possível um casamento perfeito e, explicando as vantagens do desquite, chamava-o de divórcio imperfeito, que é, aliás, a denominação dos canonistas. Mais tarde, na sacristia, o matuto perguntava ingènuamente, ao sacerdote: «Por que, «seu» padre, já que não pode-se fazer um casamento perfeito, não se faz um divórcio perfeito?»

Despedimo-nos de Nelson Carneiro e, já na rua, pensamos conosco mesmo: boa pergunta para a Câmara dos Deputados — por quê não se faz um divórcio perfeito?

"DOÑA DIABLA"

(Cont. da pág. 47)

seus negócios escusos, seu caso amoroso com o moço e, em conseqüência, a sua personalidade e seu apelido: "Doña Diabla", liquida todos os seus negócios e decide viajar pelo estrangeiro com Angelica. Comunica sua decisão a Adrian, que se opõe formalmente, pois deseja tirar partido da situação como canalha e chantagista vulgar que é. Angela rebela-se contra êle e pretende manter sua decisão.

Na noite anterior houve uma festa em casa de Angela e, na saída dos convidados, Adrian se apresenta acompanhado de numeroso grupo de amigos. Um pouco depois surge Gertrudes, uma mulher da sociedade que fôra vítima de uma chantagem de Adrian e Angela. Vem ela acusar a Angela de haver denunciado ao seu marido, seus amores ilícitos com um pintor. Angela percebe imediatamente que tôda a trama fôra urdida por Adrian, para impedí-la de realizar os seus planos de viagem, que evitariam envolver sua filha na sua denegrida história. Angelica inteira-se então da verdade e descobre que sua mãe é a famosa cortezã "Doña Diabla". A filha então, na sua igenuidade e sem compreender a história daquela mulher que tudo sacrificara pela sua felicidade, sente desprêzo e ódio por sua mãe e procura fugir dali. No auge da discussão Gertrudes se suicida. Angela se desorienta. Adrian aproveita a oportunidade para fugir com Angelica, enquanto sua mãe vai à polícia, em virtude do suicidio ocorrido em sua residência. O espôso de Gertrudes faz uma declaração inocentando Angela, que é posta em liberdade. Ao chegar em casa é informada da fuga de sua filha com aquêle terrível conquistador. Procura-os e surpreende-os em uma residência fora da cidade. Adrian, que vê Angela chegar, esconde-se atrás de um reposteiro. Ás perguntas de Angela, a filha lhe responde que não se meta em assuntos de sua vida, já que ela nunca lhe pedira contas do seu procedimento. Há forte discussão e quando Angelica afirma que seguirá Adrian, Angela compreende que êle deve encontrar-se também ali. Empunhando uma pistola atira contra êle, que cai como um pesado fardo.

Angela termina o seu relato, e o sacerdote indica-lhe o caminho a seguir. Angela decide entregar-se à polícia. Nêsse momento chega Angelica, que compreendera o sacrifício de sua mãe e lhe pede perdão.

Respostas ao teste

1—Abúlico
2—Pessoa isolada de relações sociais
3—O pombo
4—Atuária
5—Escrito do prprio autor
6—Baraço
7—Instrumento de corda
8—Citologia
9—Aquêle que se casa pela segunda vez
10—Escabiose
11—Grenha
12—Arte de escrever música
13—Mussitar
14—Ofiografia
15—O prefácio.



CORPO ESBELTO E FACEIRO!...

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas, adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro, o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

A venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA.

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor do que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a embalagem verde)

MULTIFARMA

Rua Direita, 191 — 6º andar
SÃO PAULO
Remessas pelo Reembôlso

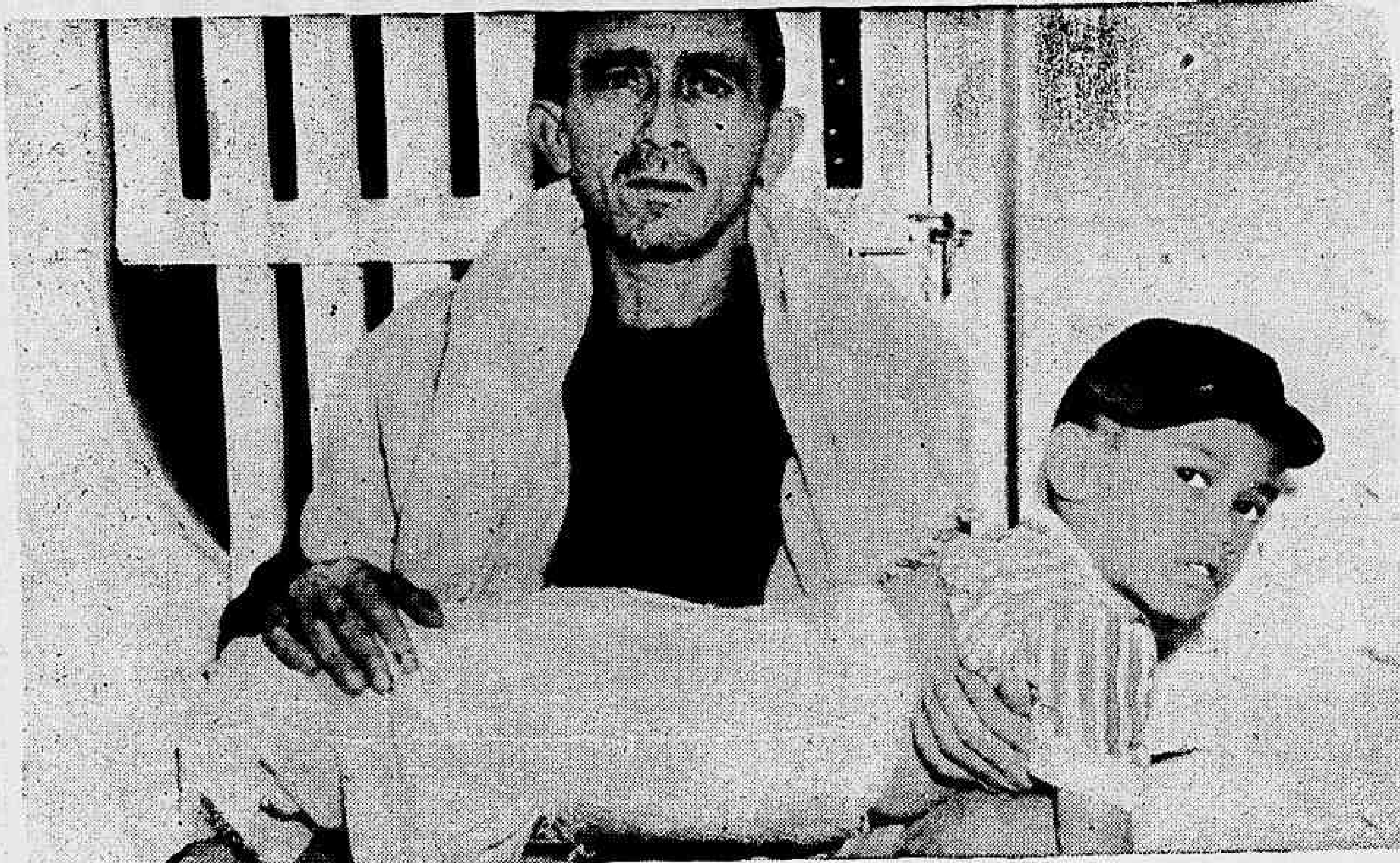


RADIO BANDEIRANTES

A mais popular emissora paulista

840 Kls.

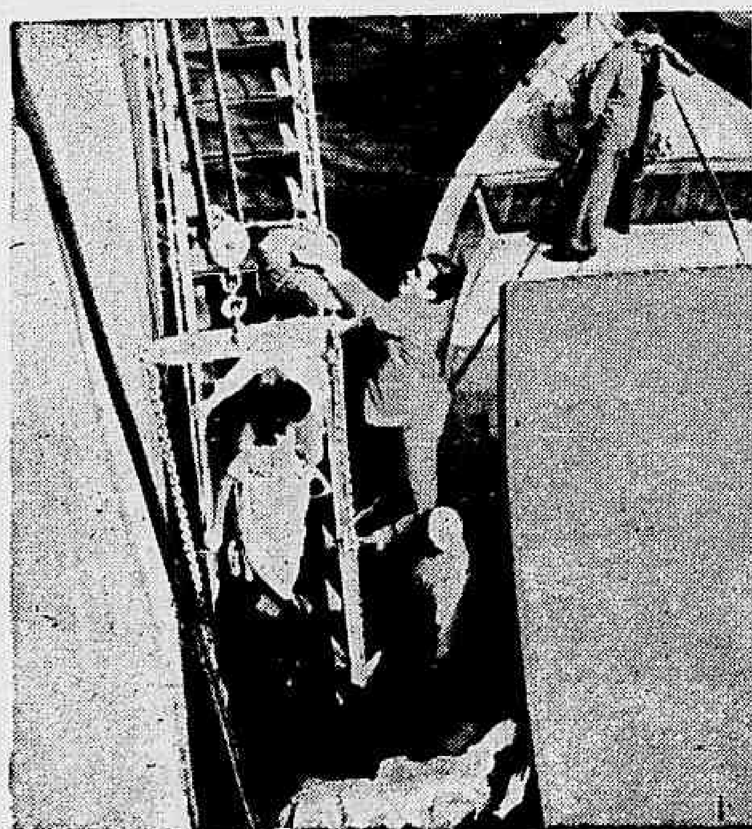




O MENOR CARLOS havia sido trazido por seu pai, o cearense Augusto Pinto de Souza, para se tratar de um tumor ósseo. Seu salvamento foi dramático no meio do pânico, porque estava com o aparelho de gesso e Augusto teve que alçá-lo nos braços para evitar encontrões que seriam funestos, dos passageiros em confusão na madrugada sinistra.



PASSADO O SUSTO, mulheres e crianças sorriem para a objetiva, porque o perigo passou, mas na fisionomia de muitos ainda se estampa o pavor das horas dramáticas do sinistro. Tôda essa gente dormia quando o «Santos» bateu e não será difícil imaginar o pavor então estabelecido, mas ainda bem que o dia clareou e o salvamento se fêz!



ASPECTO DO DESEMBARQUE no armazem 13, dos passageiros que foram transbordados para o «Poconé». A descida de mulheres e crianças era difícil, o susto da véspera ainda não havia desaparecido e o sistema nervoso de muitos não voltara à calma necessária. Os trabalhos de salvamento, assim mesmo, fizeram-se com calma e regularidade.



ÊLES PENSAVAM nunca mais pisar em terra firme, quando, na noite escura, se deu o abalroamento. Preces foram feitas, com o coração aos saltos, sob o alarido das crianças que, em desespêro, procuravam agarrar-se aos pais. Convém reconhecer que a tripulação do «Santos» soube portar-se com disciplina, atendendo aos socorros em ordem.



ÊSTE FLAGRANTE, tirado de bordo de um avião da FAB, pelo fotógrafo Nestor Leite, de «O Globo»

DOS males o menor: o que sucedeu com o "Santos", do Lóide Brasileiro, poderia ter tido conseqüências trágicas, e, no entanto, houve cêrca de vinte pessoas feridas, mas com pequenas contusões e arranhões sem nenhuma gravidade. O sinistro ocorreu à uma hora e meia da madrugada de sábado, 11 do corrente, quando o "Santos", o mais antigo barco do Lóide ainda em tráfego, que se destinava ao extremo Norte do país, foi sôbre os rochedos de Cabo Frio. A versão oficial, pelo menos aquela que foi dada à reportagem logo após, foi a de falta absoluta de visibilidade, mas o esclarecimento exato só poderá ser conseguido agora, com a abertura do respectivo inquérito. O comando do "Santos" dispunha de todos os recursos de navegação, com exceção do radar. Houve quem declarasse que até pouco antes do sinistro, o "Córdova", situado nas mesmas águas advertira o "Santos". Entretanto, à aproximação dos rochedos, seu comandante ainda estaria supondo tratar-se de um outro navio, tanto mais que o velho barco apitou várias vêzes.

O encalhe deu-se com tôda a prôa montada sôbre uma pedra e os dois porões de vante, com profundos rasgões, ficaram completamente alagados. Durante as primeiras horas realizaram-se com intensidade os trabalhos de aliviamento. A carga foi sendo retirada e recolhida a duas chatas, mas assim mesmo a situação do navio não se modificava.



cuja reprodução muito gentilmente nos autorizou), diz com eloqüência da situação em que ficou o «Santos», com a proa montada na pedra entre os rochedos de Cabo Frio, em virtude de causas que só agora o inquérito, já instaurado, poderá apurar devidamente. Apesar de tudo o «Santos» safou-se e voltou a navegar.

O ENCALHE DO "SANTOS"

COM A PRÔA MONTADA NA PEDRA, ENTRE OS ROCHEDOS DE CABO FRIO E OS PORÕES DE VANTE ALAGADOS ★ MAS CONSEGUIU SAFAR-SE E VOLTAR À BAÍA DE GUANABARA PELAS PRÓPRIAS MÁQUINAS

Retirados de bordo e trazidos para o Rio, os passageiros foram alojados nos navios "Poconé" e "Almirante Alexandrino", onde permaneceram com hospedagem completa, às expensas do Lóide. Depois continuaram viagem, a bordo do segundo, rumo a Manaus.

O critério adotado para o recolhimento dos náufragos foi o de dar preferência a mulheres, crianças e pessoas de idade avançada.

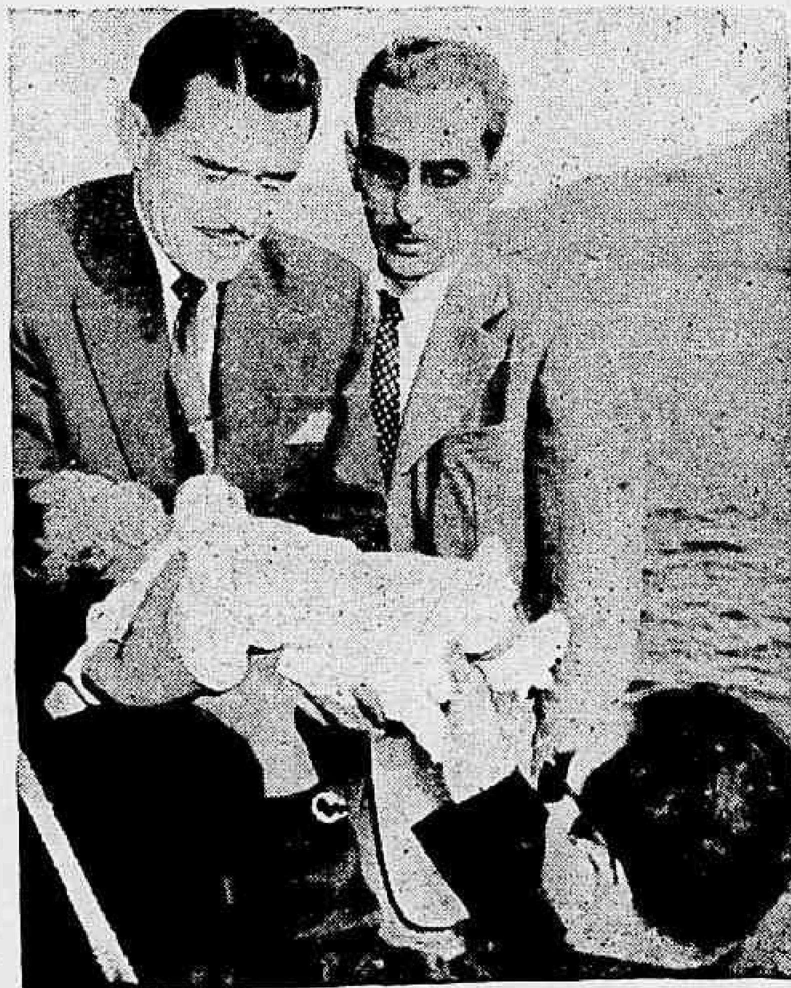
— Foram momentos trágicos os que vivemos — disse à reportagem o passageiro sr. Arthur Langbeck. — Meu filhinho Flávio, que se encontrava no tôpo duma escada, foi jogado em baixo tal o choque recebido, mas, felizmente, não se feriu. Atribuo a nossa sorte, pelo menos a de nossa família, a esta Nossa Senhora do Carmo que trago no bôlso.

E o sr. Langbeck exibiu uma pequena imagem da santa, guardada no bôlso interno do paletó. Sua senhora disse:

— Eu fui a primeira de todos os passageiros a descer. Mas não queria fazê-lo. Desejava ir junto com meu marido e filhinho. Custaram a convencer-me...

Os trabalhos de salvamento do "Santos" estenderam-se por tôda a semana e foram, felizmente, bem sucedidos. Na tarde do sábado seguinte, o "Santos" voltava à Guanabara, pelas próprias máquinas, atracando pouco mais tarde no Cais Mauá, com tôda a tripulação a bordo.

(Cont. na pág. 50)



A MENOR PASSAGEIRA de bordo, Conceição Aparecida, de um mês de idade, no momento de ser retirada de bordo

A REVISTA Há 50 anos

(Domingo, 1 de setembro de 1901)

CRONICA

QUANTO nos tem custado a docilidade dos srs. representantes da nação na vigência dêste abençoado presidencialismo já nós sabíamos. Mas ninguem poderá ao certo calcular quanto nos vai custar a honra dêsses discípulos prediletos de Falstaff! Há perto de quinze dias que o Congresso, convertido em lavanderia, exibe fartos enxovais de roupas brancas, mais ou menos sujas. De tanto ouvir as palativas parlamentares ocupar-se de assuntos completamente estranhos aos interêsses legítimos do país, chega a gente a convencer-se de que vive na mais feliz e respeitada das nações da terra. Não há problemas graves a resolver. A indústria, prospera. O comércio, floresce. A agricultura, a abarrotar de estoques, com os celeiros a deitar por fora. Dinheiro, a granel. Crédito, em penca. O Paraíso... de Mahomet! E, então, os afilhados dos srs. governadores, não sabendo o que fazer para matar o tempo e embolsar honradamente os setenta e cinco da ordem, vão pondo a vida à viola e contando ao sufrágio universal o que comem, onde almoçam, quem são os seus alfaiates preferidos, os seus cadáveres e as suas amantes. E as galerias enchem-se e o povinho exulta com êsse espetáculo gratuito, ainda mais interessante e pitoresco que as brigas de galos ou as touradas. E' impossível exigir uma democratização mais radical. Ali parou o plebeismo. Parece que a nossa tendência imitativa nos transportou aos últimos dias do regime nefasto do Terror, quando o civismo vigilante reclamava dos seus mandatários a conta do sapateiro ou lhes discutia a côr e o feitio das casacas; quando, na frase de um grande escritor nacional: "a França tinha mêdo à Convenção; a Convenção, às comissões de salvação pública e de segurança, à Comuna, ao tribunal revolucionário; o tribunal, a Comuna, às comissões, aos cafés, aos clubes, às galerias, aos patriotas, às megeras da carniça revolucionária; os chefes dos partidos a tudo isso". Um pavor! Sucedem-se os dias e as sessões na estéril e inglória tarefa de liquidar contas pessoais. "Peço a palavra para uma explicação!" E, umas atrás das outras, as explicações enfim, com os líderes na frente, agitando a guisalhada oratória. De cada pesquisa na vaza novos micróbios brotam, provocando novas pesquisas, e a camada de lama vai subindo tanto, tanto, que já é difícil entrar na Câmara sem as calças ***arregaçadas.***

....

JACQUES BONHOME



AMALIA RODRIGUEZ
Primeira «tiple» espanhola do **Moulin Rouge, bonita e muito** graciosa.

TEATRO

ESTÁ aberta no Teatro São Pedro a assinatura para as récitas que ali virá dar Clara Della Guardia, logo que termine o seu contrato com a companhia francesa.

ESTREOU Cinira Polônio, no "Moulin Rouge", cantando várias cançonetas em francês e português, revelando-se excelente "diseuse", sendo muito festejada.

NA "Mignon", de Ambroise Thomas, obteve Berlendi um grande sucesso, merecido, porque representa e canta a mimosa ópera do falecido diretor do Conservatório de Paris, como poucos artistas. Ensaia-se ativamente a ópera "Saldunes", do maestro brasileiro Leopoldo Miguez, diretor do Instituto Nacional de Música.

A companhia francesa continua a dar espetáculos variados: "Viagem de Suzette", "Mlle Nitouche", "A Perichole", "Miss Helyett" e outras.

A "troupe" do Recreio cantou "El anillo de hierro", repetindo as zarzuelas mais aplaudidas.

A influência do francês nos freqüentadores do S. Pedro



ELA — Allons, Theotoine, depechez-vous. Le drap est dé já monté.
ELE — Attendez. Je suis chaussant les louves.

NOTICIARIO

Os rabos dos gatos já começaram em Londres a fazer parte dos adornos femininos. ★ Já há em Zurich carros de viação pública movidos pelo ar liquido. ★ A célebre cantora Melba tem pronunciada tendência para engordar. A fim de evitar o desenvolvimento de sua gordura toma todos os dias três banhos de água fria. ★ Os fotógrafos, que agora aparecem, opinam que o lado esquerdo da cara é sempre mais belo que o direito.

BILHETE A LILI

ESTIVESTE, então, num baile, em Botafogo, trajando grande "toilette" branca e guarnecida de rendas caras; com decote em forma de coração, mangas curtas, longa cauda; a cabeça, o colo, os pulsos, os dedos e os remates da abertura do vestido, reluzindo como o mostruário da ourivesaria Farani, cheios de brilhantes, de pérolas, de rubis? Vais, nesse caso, ouvir-me um par de palavras duras, tanto mais tendo ainda nos ouvidos a música doce dos requestos que te dirigiram e que se resumem numa lição onde só se aprendem coisas perniciosas para as moças inexperientes, como tu: a escola do galanteio. Pois fica sabendo, grande tresloucada, que a senhora tua mãe — e era linda como os amôres — nunca ouviu galanteios senão de teu pai. — CAZUZA.

ATUALIDADES

COM grande concorrência e brilhantismo, realizou-se no último domingo, na enseada de Botafogo, a regata do Campeonato, festa anual do "rowing", à qual compareceram vários clubes. Vencedor: Boqueirão do Passeio. ★ O fotógrafo Laterre vem de realizar um interessante concurso fotográfico, com cinco prêmios de valor. ★ Faleceu o dr. Joaquim Godoy, ministro plenipotenciário do Chile, cujo préstito fúnebre, saindo do Hotel dos Estrangeiros, teve grande acompanhamento.

O LADO PERIGOSO DA NAVEGAÇÃO AÉREA



O AERONAUTA — Grandíssima sensaboria! Impossível evitar aquela claraboia e não sei se trago comigo dinheiro que chegue!
(De Julião Machado).

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ N.º 35 ★ 1-9-51

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

Diretor:
Gratuliano Brito

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Intern. de S. Paulo em 1935

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 150,00
Seis meses	Cr$ 75,00
Registrada — Um ano	Cr$ 180,00
Seis meses	Cr$ 90,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 280,00
Seis meses	Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, Avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67.

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y.. Na África Oriental Portuguêsa: D Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio ó originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida, 299, tel. 32, Av. 9509, B. Aires.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos

Este número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro

TELEFONES

Redação: 22-4447 ★ Publicidade: 22-8570 ★ Portaria: 22-5802 ★ Gerência: 22-8847 ★ Contabilidade: 22-2550



TAPÊTES e PASSADEIRAS

de forração, de tôdas as dimensões, em cores lisas e com flores



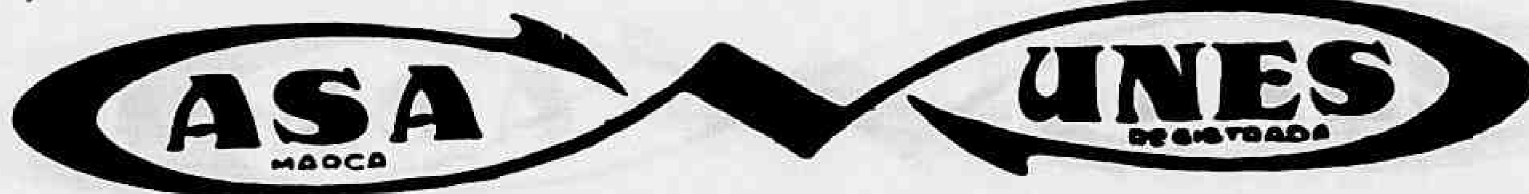


MÓVEIS E DECORAÇÕES

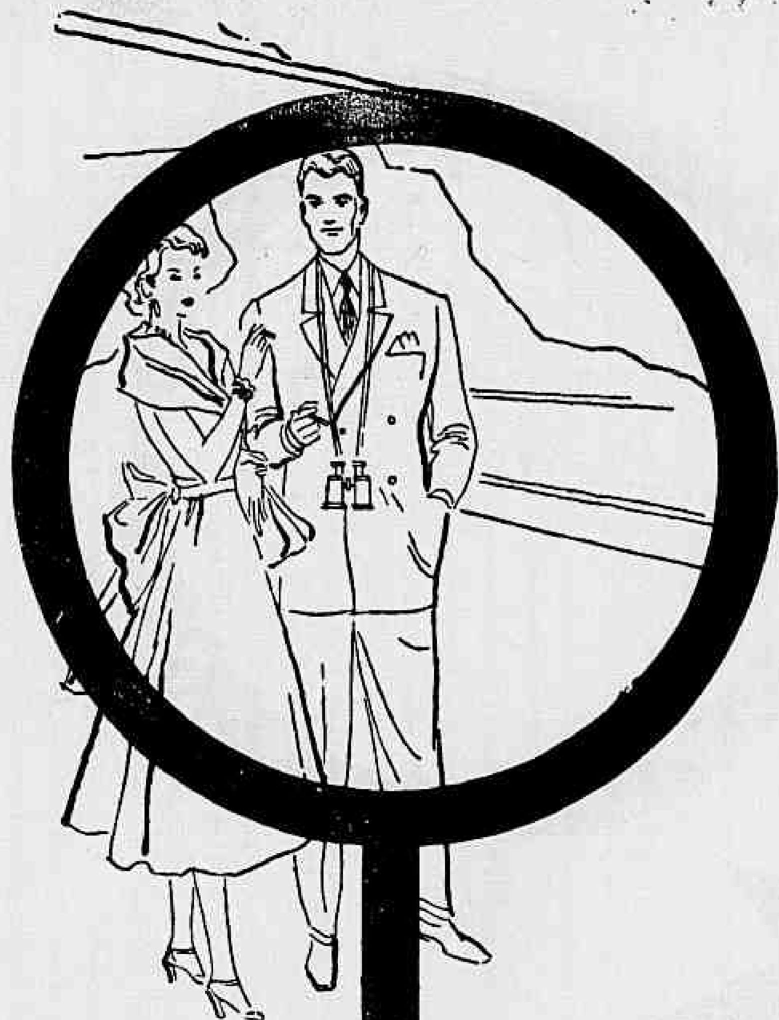
— orçamentos por técnicos especializados

Grupos estofados

— uma especialidade de nossas oficinas —



65 ★ RUA DA CARIOCA ★ 67 ★ RIO



é o fumante que faz o cigarro...

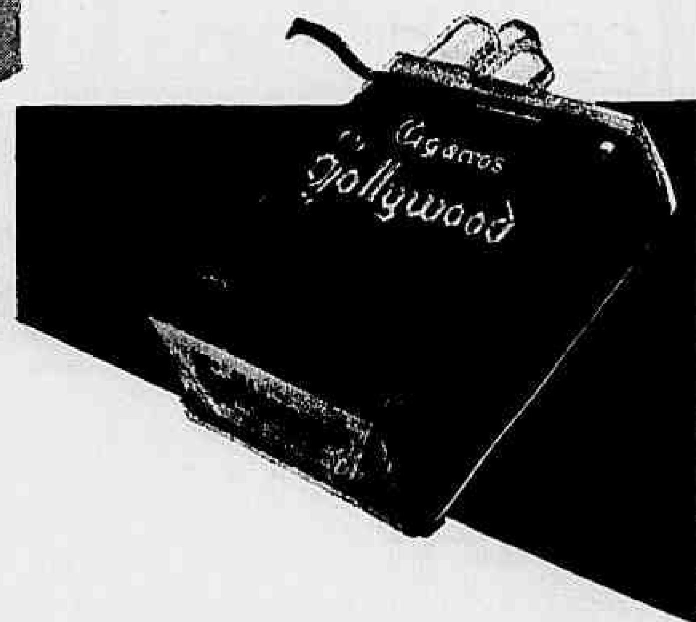
A consagração das pessoas de bom gosto - nas corridas e noutros pontos de reunião elegante - fez de Hollywood uma tradição da sociedade brasileira. Hollywood é mais procurado que todas as marcas da mesma categoria combinadas... E V. também há-de convir: Hollywood é o seu cigarro!



H-88.090

cigarros **Hollywood**

uma tradição de bom gosto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ